



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense

Ruann Moutinho Ruani

**Por entre normas e “pegações” no Grindr: tecendo problematizações com
homens *gays* sobre a constituição das masculinidades dissidentes na
cibercultura**

Duque de Caxias

2021

Ruann Moutinho Ruani

Por entre normas e “pegações” no Grindr: tecendo problematizações com homens *gays* sobre a constituição das masculinidades dissidentes na cibercultura

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção ao título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, da Universidade do Estado de Rio de Janeiro. Área de Concentração: Educação.

Orientador: Prof. Dr. Dilton Ribeiro do Couto Junior

Duque de Caxias

2021

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEHC

R894 Ruani, Ruann Moutinho
Tese Por entre normas e “pegações” no Grindr: tecendo problematizações com
homens *gays* sobre a constituição das masculinidades dissidentes na cibercultura /
Ruani Moutinho Ruani - 2021.
145f.

Orientador: Dilton Ribeiro do Couto Junior

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense,
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

1. Masculinidades - Teses. 2. Redes sociais on-line – Teses. I. Couto Junior,
Dilton Ribeiro do . II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de
Educação da Baixada Fluminense. III. Título.

CDU 305-055.1

Bibliotecária: Lucia Andrade CRB7 / 5272

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Ruann Moutinho Ruani

Por entre normas e “pegações” no Grindr: tecendo problematizações com homens *gays* sobre a constituição das masculinidades dissidentes na cibercultura

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação.

Aprovada em: 20 de agosto de 2021

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Dilton Ribeiro do Couto Junior (Orientador)
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – UERJ

Prof. Dr. Ivan Amaro
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – UERJ

Prof.^a Dra. Luciana Velloso
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – UERJ

Prof. Dr. Leandro Teófilo de Brito
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Adriana Hoffmann Fernandes
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Duque de Caxias

2021

A todos os homens, das mais variadas idades que orgulhosamente se autodenominam viados, bichas e maricas.

Aos que performatizam masculinidades dissidentes e também aos que buscam constantemente o armário como forma de proteção.

Para os que são considerados discretos e para aqueles que dão pinta.

Esta dedicatória é para todos os homens que lutam contra as diferentes formas de violência colocadas em funcionamento pelas (cis)heteronormas.

AGRADECIMENTOS

Acredito que todo agradecimento já nasce falho, pois não há como retribuir em palavras sentimentos como o amor, a dedicação, o carinho, o cuidado e muitas outras formas que nomeamos as coisas boas que sentimos por pessoas que compartilham suas vidas conosco. Ainda sim, de forma humilde, nomeio diretamente algumas pessoas sem as quais não haveria possibilidade das linhas escritas que seguem ao longo deste trabalho de pesquisa.

Dilton, meu querido orientador, encabeça esta lista, pois, sem sua paciência, amor e generosidade, não haveria pesquisa, estudo e amizade. Sou grato não apenas por todos os ensinamentos, mas também pela forma como os compartilha, sendo o amor ao que fazemos e o respeito as nossas próprias limitações humanas os pilares de nossas orientações, e, ousar dizer, de seu trabalho. Hoje, e isto é impossível apagar, você constitui parte integrante de minha vida.

Agradeço também ao professor Ivan Amaro, que, além de ter participado como membro da banca examinadora deste trabalho, é um brilhante professor com quem tive o prazer de cursar algumas disciplinas na FEBF/UERJ. Para além dos muitos aprendizados adquiridos ao longo das disciplinas, também participamos juntos em momentos de descontração, de leituras e de, ousar dizer, amizade.

Aos demais membros da banca, professoras Luciana Velloso e Adriana Hoffmann e professor Leandro Teofilo de Brito, por gentilmente terem aceitado compor a banca examinadora desta pesquisa em 2020 e terem contribuído imensamente com reflexões que foram incorporadas na versão final do trabalho de mestrado. Cabe salientar que cada um, de forma individual e ao seu modo, já figura em minha jornada acadêmica, por meio de aulas, leituras, palestras e outras formas de estarmos juntos e compartilhar uma pequena visão sobre o que podemos entender por saber.

Novamente de forma coletiva agradeço a todos os membros do NuDES, pelas trocas, sorrisos, olhares, e confidências que permeiam cada linha deste documento.

Agradeço também a todos os demais professores do PPGECC/FEBF/UERJ e aos funcionários administrativos e de apoio da FEBF/UERJ, bem como a meus colegas de turmas, pois a universidade, bem como a disseminação do saber, é feita no coletivo por cada um de nós.

Agradeço também a cada um dos sujeitos participantes desta pesquisa, sem os quais absolutamente nada disto seria possível.

Em um lugar especial nestas páginas e em meu coração, jamais deixarei de citar meu marido e companheiro de muitas aventuras, Pedro Henrique de Souza Borges, não apenas pelo apoio, mas por tudo que temos juntos. Você torna possível ser quem eu sou.

Por fim, agradeço a todos os que esqueci. Agradecer não é uma tarefa fácil, e inevitavelmente acabamos por deixar alguém de fora. Peço que, se for este o seu caso, caro leitor, não se zangue; sinta-se abraçado e agradecido, pois, em uma jornada tão longa como esta, muitos foram os que me ajudaram a dar estes passos.

Eu sou o protagonista do corpo que genitalizam
Constroem família, religião e também marginalização
Afinal,
Concepção de qual competência
De qual expertise?

O seu olhar e a expectativa
Violenta e preconceituosa
Sobre a minha estética
Sobre a minha cultura
Sobre a minha expressão
Sobre a minha diferença
Quase poética

e sobre a dispensa de
liberdade que me cabe pelo
eu
o meu eu
o eu que me habita
que eu habito

O impasse da genitália das vozes e dos ouvidos
O impasse que eu entendo mas não acredito.

(JoMaKa, 2019, p. 114-115)

RESUMO

RUANI, Ruann Moutinho. *Por entre normas e “pegações” no Grindr: tecendo problematizações com homens gays sobre a constituição das masculinidades dissidentes na cibercultura*. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2021.

Esta pesquisa investigou como homens *gays* que utilizam o Grindr produzem sentidos de masculinidades dissidentes. Para tanto, focalizo meus esforços investigativos em como as normas regulatórias de gênero e sexo agem na constituição das masculinidades de pessoas autoproclamadas *gays* que fazem uso do Grindr, aplicativo de namoro/“pegação” voltado para usuários do mesmo sexo que buscam se envolver sexual e/ou afetivamente. A pesquisa dialoga principalmente com os conceitos de (cis)heteronormatividade, masculinidade, gênero e sexualidade com base em uma perspectiva pós-estruturalista. A cartografia é o método adotado para a análise de perfis e interações com homens no Grindr; o procedimento metodológico privilegiado de interação com os sujeitos são as conversas *online*, que foram majoritariamente realizadas pelo WhatsApp. Ao longo do trabalho, reconheço os sujeitos como coautores no processo de produção de um conhecimento que é tecido no contexto das dinâmicas ciberculturais. Essas dinâmicas são ricas em experiências formativas do indivíduo, sobretudo quando pensamos em grupos sociais tradicionalmente excluídos de nossa sociedade, como as pessoas *gays*, que criam nestas redes outras oportunidades de sociabilidade e a constituição de novos aprendizados. Embora os participantes da pesquisa vivenciem experiências sexuais dissidentes, o estudo aponta que esses usuários do Grindr também colocam em funcionamento e manutenção normas regulatórias de gênero/sexo para reforçar masculinidades que desqualificam determinadas formas de ser homem. Portanto, considero importante a desconstrução de certas visões de mundo que ainda hoje são reiteradas e que fortalecem os pilares que sustentam as (cis)heteronormas.

Palavras-chave: Masculinidades; Cibercultura; Conversas *online*; (Cis)Heteronormatividade; Grindr.

RESUMEN

RUANI, Ruann Moutinho. *Entre normas y “enrollos” en Grindr: tejiendo problematizaciones con hombres gays sobre la constitución de masculinidades disidentes en la cibercultura*. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2021.

Esta investigación ha investigado cómo los hombres homosexuales que usan Grindr producen sentidos de masculinidad disidente. Por lo tanto, me centro en más investigaciones sobre cómo las normas reguladoras de género y sexo actúan sobre la constitución de las masculinidades de las personas que se dicen homosexuales que hacen uso del Grindr, una aplicación de "citas" dirigida a usuarios de mismo sexo que buscan comprometerse sexual y / o afectivamente. La investigación dialoga principalmente con los conceptos de (cis) heteronormatividad, masculinidad, género y sexualidad desde una perspectiva postestructuralista. La cartografía es el método adoptado para analizar perfiles e interacciones con hombres en el Grindr; El procedimiento metodológico privilegiado para interactuar con sujetos en conversaciones en línea, que en su mayoría se realizan por WhatsApp. A lo largo del trabajo, reconozco a los individuos como coautores en el proceso de producción de conocimiento que se da en el contexto de la dinámica cibercultural. Estas dinámicas son ricas en las experiencias formativas del individuo, especialmente cuando pensamos en grupos sociales tradicionalmente excluidos de nuestra sociedad, como los gays, que crean en estas redes otras oportunidades de sociabilidad y constitución de nuevos aprendizajes. Si los participantes en la investigación experimentan experiencias sexuales disidentes, el estudio indica que estos usuarios de Grindr también se ponen en funcionamiento y mantienen normas reguladoras de género / sexo para reforzar masculinidades que descalifican ciertas formas de ser hombre. Por ello, considero importante deconstruir ciertas visiones del mundo que se reiteran y que fortalecen los pilares que sustentan las (cis) heteronormas.

Palabras-claves: Masculinidades; Cibercultura; Conversaciones en línea; (Cis)Heteronormatividad; Grindr.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Dissertações selecionadas – Primeira busca.....	46
Tabela 2	Dissertações encontradas com a palavra-chave Grindr.....	47
Tabela 3	Tribos e significações atribuídas por usuários do Grindr	64
Tabela 4	Sujeitos participantes da pesquisa.....	73

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	<i>Ninguém solta a mão de ninguém</i>	28
Figura 2	Um beijo para curar sua homofobia: #CorreAquiCrivella	31
Figura 3	Modem IG, ou um portal para outras masculinidades	54
Figura 4	Editando perfil – foto, nome, sobre.....	58
Figura 5	Perfis em exibição	59
Figura 6	<i>Estats</i>	60
Figura 7	Expectativas e Identidade.....	61
Figura 8	Saúde sexual.....	62
Figura 9	G4E.....	63
Figura 10	Redes sociais.....	66
Figura 11	Banimento	67
Figura 12	Resposta do Suporte Grindr.....	68
Figura 13	Emojis.....	72
Figura 14	Disposição espacial das boates <i>gays</i> apresentadas	87

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APP	Aplicativo para <i>smartphone</i>
BDSM	Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo
FEBF	Faculdade de Educação da Baixada Fluminense
G4E	<i>Grindr For Equality</i>
GPS	<i>Global positioning system</i>
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
NuDES	Núcleo de Estudos Diferenças, Educação, Gênero e Sexualidades
TED	<i>Technology, Entertainment, Design</i>
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
IG	Internet Group
OMS	Organização Mundial da Saúde

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	14
1	APRESENTAÇÃO DA PESQUISA	19
1.1	O perigo da história única: rememorando minhas experiências como ponto de partida da investigação	19
1.2	Pesquisando gênero e sexualidade no contexto político brasileiro da atualidade: desafios e tensões	24
1.3	Atualizando o cenário da pesquisa: implicações da pandemia da Covid-19 para o estudo pesquisa	33
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E ESTADO DO CONHECIMENTO..	37
2.1	Cibercultura e rede	37
2.2	Masculinidades e heteronormatividade	39
2.3	Performatividade	42
2.4	Considerações sobre a realização do Estado do Conhecimento: Masculinidades, cibercultura e <i>Grindr</i> em foco	44
3	BAIXAR, INSTALAR E REGISTRAR: NOTAS SOBRE O CAMPO, OS PARTICIPANTES DA PESQUISA	51
3.1	Pesquisar na cibercultura: potencialidades e desafios	51
3.2	Homens gays conectados na/em rede: <i>Grindr</i>, o perfil dos sujeitos e a pesquisa	55
3.2.1	<u>Apresentação do <i>Grindr</i></u>	57
3.2.2	<u>Quando a entrada em campo “dá ruim”!: do <i>Grindr</i> para o WhatsApp.....</u>	63
4	O MÉTODO CARTOGRÁFICO E A CONVERSA ONLINE COMO PROCEDIMENTO METODOLÓGICO NA PESQUISA COM MASCULINIDADES DISSIDENTES NA CIBERCULTURA	74

4.1	A incerteza como caminho (des)norteador da pesquisa.....	74
4.2	Pesquisa com gênero e sexualidade na cibercultura	76
	Cartografando o desejo: um método aberto às possibilidades	77
4.3	Dialogismo, alteridade e ética na conversa online	79
4.4	BATENDO PAPO E TECENDO REFLEXÕES: CONVERSANDO	
5	COM HOMENS GAYS SOBRE A CONSTITUIÇÃO DAS	
	MASCULINIDADES DISSIDENTES	86
	<i>“Tenho muita preguiça de sair”</i>: mudanças na sociabilização gay com a	
5.1	emergência do smartphone	86
	<i>“Não sou e não curto heteronormativos”</i>: sobre machos discretos e gays	
5.2	afeminados na rede	96
	<i>“Por eu ter o pau grande muitos caras já chegam me considerando</i>	
5.3	<i>machão”</i>: sentidos de masculinidades dissidentes pelo uso do emoji de	
	berinjela no Grindr.....	102
	<i>“Só curto negão”</i>: considerações sobre masculinidades, negritude e	
5.4	homossexualidade	108
	<i>“Ficar seguro em casa ainda pode ser sexy”</i>: o afastamento é físico,	
5.5	mas não social	116
	APRENDER EM/NA REDE COM O OUTRO: PALAVRAS FINAIS ..	126
	REFERÊNCIAS	130
	APÊNDICE 1 – Escrita Cibercultural	143
	ANEXO A – Alguns Gaymojis	145

INTRODUÇÃO

Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo começo possível.

Michel Foucault (2011, p. 5)

Nas páginas iniciais de *A ordem do discurso*, de onde a citação acima foi extraída, Foucault (2011) ensina que todo enunciado encontra-se inserido em um contexto mais amplo. Nossas palavras e textos estão inseridos e permeados por uma tradição anterior a nós mesmos. Como dito por Foucault (2011, p. 5), “no momento de falar uma voz sem nome me precedia há muito tempo”. O importante, sob a perspectiva foucaultiana, é historicizar e analisar os discursos proferidos, atentando para a ideia de que as palavras que ouvimos/usamos encontram-se em uma trama complexa de relações de poder que antecede nossas histórias e questões pessoais. A forma como falamos/escrevemos já é, por si só, uma prática de exercer o poder, o qual é conferido por instituições específicas que também se encontram inseridas em um contexto de disputa acirrada pela legitimação de suas ideias/crenças (FOUCAULT, 2011).

Esta breve reflexão me faz crer que, como pesquisador do campo da Educação, também me encontro no meio de disputas políticas, a começar pela escolha de meu tema de pesquisa e pela forma como conduzi o trabalho investigativo. Assim, escolhas de termos, estruturação textual, metodologia e referencial teórico se inserem em uma disputa maior e ampla. Tendo isto em mente, a escolha pelo desenvolvimento desta pesquisa sob a perspectiva pós-estruturalista é, acima de tudo, política. Pesquisar no campo de estudos de gênero e sexualidade sob essa perspectiva implica meu compromisso social de questionar determinados discursos que desqualificam modos de vida; discursos que, naturalizados com o tempo, necessitam de novas entradas de problematização com o objetivo de serem desconstruídos. Somando-se a isso, conforme aprendido com Foucault (2011), a própria instituição tende a impor solenidades e ritualização aos nossos começos. Deste modo, sigo nos passos do filósofo francês, desde já reconhecendo os desafios que me aguardam durante o desenvolvimento da pesquisa.

Neste trabalho, investiguei como homens *gays* que possuem perfis no aplicativo de namoro/“pegação”¹ Grindr produzem sentidos de masculinidades dissidentes. A dissidência é

¹ A prática de *cruising* dá nome aos encontros furtivos entre homens em busca de aventuras sexuais que, aqui no Brasil, são nomeadas culturalmente como “pegação”. O pegar, que significa tocar ou agarrar com a mão, é uma prática em que há pouco uso da comunicação verbal e maior uso do repertório corporal para demonstrar o interesse ou mesmo olhar e pegar no pênis em banheiros públicos (GADELHA, 2015).

aqui entendida como formas de ser/estar no mundo que desviam dos movimentos de captura (cis)heteronormativos² (COUTO JUNIOR; POCAHY; OSWALD, 2018), ou seja, as masculinidades dissidentes encontram-se desalinhadas com um referencial de masculinidade idealizado pela (cis)heteronorma. Com este estudo, também busquei contribuir com reflexões para o campo da Educação, fomentando discussões que exponham os limites e as contingências dos pilares que sustentam o regime (cis)heteronormativo.

O trabalho foi desenvolvido por meio do método cartográfico, privilegiando as conversas *online* como procedimento metodológico para interagir com homens que fazem uso do aplicativo Grindr³. A opção pelas conversas *online* abre novas possibilidades de condução da pesquisa acadêmica, promovendo maiores oportunidades comunicacionais com os sujeitos sem a rigidez que muitas vezes ocorre quando adotamos o roteiro semiestruturado (previamente elaborado) para interagir com o outro (SAMPAIO; RIBEIRO; SOUZA, 2018). Nesta visão, os sujeitos das pesquisas são apresentados como coautores de um conhecimento que é produzido a partir do tensionamento e articulação de reflexões diversas. Da mesma forma, o texto escrito, ainda que com seus limites (leitura da esquerda para a direita e de cima para baixo), busca se apropriar da potência comunicacional das redes digitais. Assim, ao longo do texto, não apenas *links* serão disponibilizados como também ilustrações, músicas, poemas, emoticons⁴ e emojis⁵, códigos QR e *prints*⁷ feitos do meu próprio *smartphone*, de modo a aproximar melhor o trabalho de campo conduzido nas dinâmicas ciberculturais com o texto acadêmico.

² O termo cis provém do latim e significa “deste lado” ou “do mesmo lado de”. No contexto específico dos estudos de gênero e *queer*, o cisgênero designa as pessoas cuja identidade de gênero corresponde ao seu sexo biológico, diferentemente de uma pessoa transgênero. A opção pela utilização do termo deve-se à postura de quebrar a lógica estruturalista conservadora, que ainda reconhece as pessoas cisgênero como sendo o “padrão”.

³ No Capítulo 4 serão discutidos com maior aprofundamento o método cartográfico e o uso da conversa *online* como procedimento metodológico da pesquisa.

⁴ Palavra cunhada a partir da junção de termos em inglês *emotion* (emoção) e *icon* (ícone), que consiste na junção de ícones tipográficos para criação de uma figura que represente uma emoção. Entre os *emoticons* mais comuns está o *smiley* : -), criado por Scott Fahlman em 1982 justamente para resolver o problema de falta de entonação e emoção do texto escrito em sistemas iniciais de comunicação em rede.

⁵ O emoji pode ser considerado um aperfeiçoamento gráfico dos emoticons, consistindo em um banco de imagens que funcionam de forma similar à de pictogramas. A palavra foi criada por meio da junção dos termos em japonês para imagem (e ou 絵) e personagem (moji ou 文字). O primeiro emoji registrado foi datado no final da década de 90, por Shigetaka Kurita, e representa um coração .

⁶ Optei por não grafar em itálico os termos emoji e emoticon por considerar que já foram demasiadamente incorporados a nosso cotidiano, não apenas o nome, mas também o seu uso.

⁷ Ferramenta de captura de telas que tem sua origem nos computadores onde uma tecla específica, denominada por *print screen*, permite que a tela seja instantaneamente convertida em imagem.

O objetivo não é a condução de uma interação rígida com os sujeitos realizada mediante a lógica do perguntar-responder dentro de um conjunto de perguntas previamente elaborado, mas abrir espaços de conversação em que dúvidas e questões articulam-se. Ao longo das conversas, o resgate de memórias e articulações de vivências são estimuladas, de modo a fomentar o entendimento de como normas regulatórias de gênero atravessam, mas também são contestadas em nossos cotidianos.

A pesquisa foi alimentada pelas contribuições do Grupo de Pesquisa, principalmente pelas orientações individuais e coletivas e discussões de textos abarcando questões teórico-metodológicas de pesquisas e questões de gênero e sexualidade. Ademais, muitas das trocas ocorridas com os membros do Grupo *dentrofora*⁸ da universidade reiteram a vivacidade de uma pesquisa que, longe de ser solitária, é atravessada pelas minhas experiências como pesquisador em diálogo permanente com os diversos cotidianos os quais frequento, como é o caso do espaço universitário.

O trabalho encontra-se organizado em cinco capítulos. No primeiro, além de demonstrar parte de minhas dúvidas, as quais motivaram o início da pesquisa, articulo-as com minha história. Ainda nesse primeiro capítulo é apresentado o cenário político atual do país, aspecto que considero relevante quando parto do pressuposto de que todo trabalho de pesquisa é situado em uma temporalidade específica. Tendo isso em mente e considerando como todos fomos afetados pela pandemia de Covid-19, não pude negligenciar tais acontecimentos que se desdobram em concomitância com a pesquisa. Cabe ainda ressaltar que analisar como normas regulatórias de gênero são produzidas e reiteradas ainda na infância por uma instituição responsável pela formação humana, no caso a escola, potencializa o desafio de pensar a construção de minha identidade como homem cis *gay*. Trago assim minha experiência articulada com autores do campo da Educação como forma de apresentar indagações imprescindíveis para o desenvolvimento da pesquisa.

Escrever sobre minha experiência escolar no primeiro capítulo foi importante não apenas como exercício de rememoração/análise de acontecimentos passados, mas também como forma de apresentar minha inserção como pesquisador no campo da Educação em articulação com o campo de estudos de gênero e sexualidade. Colocar-me no texto foi um exercício de humildade, ao me permitir ser lido não apenas como pesquisador, mas também

⁸ Ao longo deste texto adoto o uso aglutinado de algumas palavras indicando a intencionalidade “de transgredir as dicotomias herdadas pelo modelo de pesquisa produzido dentro do discurso hegemônico do paradigma moderno” (FERRAÇO; ALVES, 2018, p. 47). No caso em questão, o termo *dentrofora* busca justamente enfatizar que os acontecimentos a que estou me referindo, especialmente do processo de formação do indivíduo, não pode ser pensado de forma separada, entre o cotidiano escolar e o não escolar, mas sim a partir de uma interdependência, onde o dentro e o fora se misturam e constroem juntos.

como pessoa que participa ativamente da produção de conhecimento em parceria com os sujeitos, buscando romper com a lógica hierarquizante comumente presente na relação pesquisador/pesquisado.

Conforme Burke (2012, p. 174), “o processo de ‘re-lembrar’ é influenciado pelas situações sempre novas em que os eventos passados são recordados”. Nessa perspectiva, minha própria história foi sendo (re)visitada e (re)escrita na medida em que eu interagía com os sujeitos do estudo e buscava interpretar nossas conversas à luz das teorizações adotadas. Não se trata aqui do que Bourdieu (2001) denominou “ilusão biográfica”, na qual apresento minha narrativa como sendo uma sequência linear de fatos e eventos que se articulam e conectam especificamente para me legitimar e constituir sentido, na qual meu relato se converte em uma trajetória de pesquisa. Contrário a essa visão, assumo o postulado de Pollak (2010), para quem a pesquisa envolvendo narrativas estabelece possibilidades de reconstrução identitárias pautadas pela interação entre o relato e a pesquisa. Com Hobsbawm (2013), aprendo também que a rememoração das narrativas me permite acessar um passado que ainda não nos foi revelado. Retornando a Pollak (2010, p. 44), para quem “o relato de vida, esse condensado de uma história social individual, é suscetível de múltiplos modos de apresentação em função do contexto no qual ele é feito”, apresento algumas de minhas memórias, bem como as dos demais sujeitos da pesquisa, como reconstruções posteriores aos fatos enunciados, de modo a articular teoria com experiência vivenciada.

O capítulo dois apresenta-se como parte de uma articulação teórica buscando fundamentar e articular conceitos-base para a perspectiva da pesquisa, a qual busca articular cibercultura, masculinidades e performatividade, permeada por um entendimento pós-estruturalista para a promoção dessa articulação. Também apresento a realização de um breve estado do conhecimento abarcando o levantamento de teses e dissertações produzidas sobre masculinidades no contexto do digital em rede.

No terceiro capítulo apresento o aplicativo Grindr, que tem por função mediar conexões entre homens *gays*. Ao pensar a própria constituição do *app*, emergem questões reflexivas sobre a constituição de masculinidades dissidentes. Trago também nesse capítulo minhas primeiras impressões sobre o campo e a apresentação dos sujeitos que participaram do trabalho de campo.

O quarto capítulo emerge como um convite à conversa. É apresentada a opção pelo método cartográfico e as implicações da conversa *online* na produção de conhecimento, além de questões éticas específicas do trabalho desenvolvido no contexto do digital em rede. Alguns desafios teórico-metodológicos apresentados evidenciam a complexidade/especificidade das

dinâmicas ciberculturais na produção de um conhecimento voltado principalmente para o campo de estudos de gênero e sexualidade.

Em tempos de dinâmicas sociais mediadas pelo digital em rede, não podemos ser ingênuos e acreditar que o ciberespaço é a mera transposição das interações face a face; tampouco devemos celebrar um vislumbre ilusório de que a rede é o espaço da democratização do saber. Sobre isso, cabe destacar que não são todas as pessoas que hoje podem usufruir de uma infraestrutura técnica minimamente satisfatória capaz de permitir, com destreza, o consumo, a produção e o compartilhamento de arquivos para outras/os internautas. Embora a internet (ainda) seja artigo de luxo no Brasil (NOLASCO-SILVA, 2018), não podemos desconsiderar suas potencialidades comunicacionais/interativas na produção de conhecimento na pesquisa em Educação.

Interagir em meio às práticas ciberculturais em parceria com homens *gays* implica considerar que o trabalho investigativo precisa levar em consideração marcadores sociais de identidade e diferença, como gênero, orientação sexual e raça, investigando sob uma perspectiva interseccional (PISCITELLI, 2008; POCAHY, 2011). Considerando que historicamente o contexto sociocultural brasileiro é constituído por práticas racistas e homofóbicas (PEIXOTO, 2018), analisar sob a perspectiva interseccional o material de campo produzido com os participantes do estudo é um caminho teórico-metodológico que busquei valorizar no desenvolvimento da pesquisa.

Por fim, o quinto capítulo é dedicado a analisar as conversas *online* desenvolvidas com os participantes da pesquisa. Esse capítulo tece reflexões com foco nos sentidos de masculinidades dissidentes produzidos pelos sujeitos usuários do aplicativo Grindr.

1 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

1.1 O perigo da história única: rememorando minhas experiências como ponto de partida da investigação

Apesar de suas origens e dificuldades iniciais, a história dos movimentos populares agora decolou. E ao rememorar a história de gente comum, não estamos meramente tentando conferir-lhe um significado político retrospectivo que nem sempre teve; estamos tentando, mais genericamente, explorar uma dita mensão (*sic*) desconhecida do passado.

Eric Hobsbawm (2013, p. 284).

O “Perigo da história única”, palestra⁹ da escritora e filósofa nigeriana Chimamanda N. Adichie promovida pelo Technology, Entertainment, Design (TED)¹⁰, alerta para a importância da multiplicidade de visões para a construção e incorporação de referenciais humanos (ADICHIE, 2019). Essa comunicação foi lançada posteriormente em livro, e isso aponta para a relevância das questões discutidas pela feminista, conforme apresento adiante.

Estranhar o que nos é familiar foi um dos primeiros aprendizados que adquiri no âmbito do Grupo de Pesquisa. A partir dos escritos de Meyer (2014) e Paraíso (2014), fui constantemente convidado a (re)pensar as práticas sociais cotidianas. Colocar em funcionamento um olhar de estranhamento é justamente romper com a naturalização de aspectos presentes em nossos cotidianos, problematizando os acontecimentos sociais.

Nesse contexto, recordo-me de Adichie (2019) e de seu alerta sobre os perigos de naturalizar visões de mundo que são fruto de construções complexas de realidades. Quando limitamos nossas percepções sobre a teia social que nos envolve ou, em outras palavras, não estranhamos o que nos é natural, perdemos a oportunidade de contestar o instituído. No relato da autora, sua visão sobre o mundo era pautada por referenciais que não condiziam com sua própria realidade. Ao escrever suas histórias, ainda quando criança, seus personagens incorporavam atitudes e referenciais adequados a uma realidade de classe-média inglesa, a qual destoava do que era vivido por ela na Nigéria. Esse relato é apresentado justamente para demonstrar, com uma dose de humor, as influências da Europa sobre sua vida no continente africano (ADICHIE, 2019). Em outras palavras, os referenciais da autora, que orientavam

⁹ A palestra pode ser assistida integralmente a partir do link: <<https://bit.ly/2xzv9V9>>. Acesso em: 28 set. 2019.



Por meio de um leitor de Código QR, acesse o vídeo em:

¹⁰ O TED é uma série de conferências e palestras promovidas pela fundação norte-americana Sapling.

suas personagens, eram dados a partir do seu olhar sobre outras histórias que lhe eram apresentadas, e estas não possuíam relação com a realidade urbana nigeriana.

Durante a realização de um intercâmbio nos Estados Unidos (EUA), a autora descreve o quão surpresa sua colega de quarto ficou em saber que a “realidade” das duas não eram tão distintas assim. Chimamanda não falava um “dialeto africano”¹¹ nem escutava músicas “tribais”¹². A surpresa se deu justamente pelo fato de que os referenciais da sua colega de quarto estavam intrinsecamente relacionados a uma visão específica de mundo, estereotipada, e fortemente centrada em referenciais racistas (ADICHIE, 2019). Dessa forma, o que Chimamanda apresentou como “uma história única” surge a partir do estranhamento de sua realidade. A escritora passa a desnaturalizar suas práticas cotidianas quando começa a desvelar tramas não naturais de relações e definições que pautam nossa sociedade. Se a história única é construída com base em referenciais limitados, excludentes e hierarquizados de mundo, dificilmente conseguiremos desconstruir as narrativas que tecem essa história.

Em exercício similar de pensar os perigos de uma história única, busco rememorar minha experiência como estudante de uma escola pública municipal localizada na cidade do Rio de Janeiro (RJ) nas proximidades da virada do século XXI. Foi nesse espaço de educação que passei boa parte da infância e juventude estudando durante oito anos no ensino fundamental. Entre as primeiras coisas aprendidas estavam os papéis de gênero que meninos e meninas deveriam desempenhar. Por mais que eu desgostasse de futebol, os meninos da instituição escolar eram encorajados a torcer para um time, comentar a tabela do “Brasileirão” e ser obrigado, na Educação Física, a praticar o esporte, única opção dada pelo professor. No caso das meninas, elas também tinham apenas uma opção, que era jogar queimada. Desde muito cedo questionava essas práticas da escola, que segregavam meninos e meninas e me obrigavam à prática de um esporte que eu sequer apreciava.

O esporte praticado na escola é apenas um exemplo de como o marcador de gênero atravessa os cotidianos escolares (GARCIA; BRITO, 2018). Banheiros segregados (masculino/feminino), uniformes distintos para cada um dos sexos, brinquedos para meninas e meninos, materiais didáticos normativos e estereotipados e os próprios locais na sala de aula em que se sentavam meninas ao lado de meninos. Minha escola era nitidamente organizada por gênero, sendo que, curiosamente, a ordem alfabética dos nomes na chamada apresentava

¹¹ A generalização continental é posta aqui de forma similar à apresentada pela autora, que justamente questiona a generalização do termo África, além da forte carga preconceitual, para se referir a pessoas naturais de todos os países e regiões desse enorme continente multiétnico.

¹² Idem à nota 12.

como critério inserir o nome dos meninos na frente do nome das meninas. Não poderia deixar de mencionar as filas – “*que ódio das filas!*” –, cuja rememoração me traz um sentimento negativo de pensar sobre os motivos pelos quais existia a obrigatoriedade das meninas de andar de mãos dadas com os meninos. Ao rememorar esse fato, salta em minha mente a indagação feita por Louro (1997, p. 63): “afinal é natural que meninos e meninas se separem na escola para os trabalhos em grupo e para as filas?”. Desde aquele momento da minha vida eu acreditava que sim. E faz-se necessário pensar o quão complexo é indagar tais questões ainda na infância.

Conforme afirma Louro (1997, p. 58), “a escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o lugar dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas”. Nessa realidade eu e tantos outros meninos fomos inseridos e bombardeados constantemente por códigos e normas que reforçavam papéis de gênero baseados na perspectiva da (cis)heteronorma. Miskolci (2005) destaca que a escola promove forte influência na formação de meninos com base no reforço de uma masculinidade em conformidade com as normas e padrões de gênero. Dessa forma, a escola reitera um processo de transformação de meninos que aprendem, desde cedo, a internalizar padrões esperados de gênero, transformando-se em adultos que continuam colocando em prática tais hábitos socialmente construídos.

Kramer (2007, p. 179), na função de coordenadora pedagógica de uma instituição particular de ensino do Rio de Janeiro, registrou inúmeros dizeres que também evidenciam a força das marcas de gênero no cotidiano da educação de crianças:

“Você já é uma mocinha”. “Homem não chora”. “A mesa das meninas tá tão linda, tá tão quietinha hoje!”. “Senta assim direitinho, que nem menininha educada”. “Os meninos não querem brincar no canto da boneca porque é coisa de mulher”. “Você não pode jogar futebol, não, porque vai se sujar toda”. “Onde já se viu brigar desse jeito, que nem um garoto!”. “Olha só o caderno dele, tá tão caprichado... nem parece coisa de menino!”.

Assim como Kramer (2007) relata, minha experiência na escola foi repleta de marcas que bombardeavam os corpos/comportamentos dos estudantes, sempre na mira das normas regulatórias de gênero. Na minha experiência como estudante do ensino fundamental, eu apreciava as atividades e as expectativas que giravam em torno do *ser menina*. Se eu fosse menina teria me “livrado” do “chato e terrível” futebol e teria tido a oportunidade de jogar queimada e de conversar sobre a novela sem sofrer preconceitos e discriminações. Ainda que ninguém falasse, meus amigos com certeza assistiam a novelas, mas ninguém se atrevia a comentar, era um assunto velado.

Durante o período escolar me ensinaram (e eu acreditei!) que, como menino, deveria gostar das “coisas de meninos”, independentemente de realmente entender o porquê dessas regras arbitrárias. “*Meninos gostam de futebol, e não de estrelinhas coloridas*”, e isso eu aprendi a naturalizar ao longo de anos com as professoras, com meus colegas de turma e mesmo com minha família. Conforme constatado por Louro (1997, p. 75), o esperado de um menino “normal” é que ele goste de futebol. O futebol converteu-se em um símbolo opressivo presente nas memórias da minha infância. Se era o jogo de bola que me fazia, de forma mais expressiva, perceber o quanto eu falhara em desempenhar determinada masculinidade, o espaço recorrente onde isso ocorria era a quadra da escola, mais especificamente as aulas de Educação Física, a mais odiada por mim.

Para Louro (1997, p.75), “as aulas de Educação Física usualmente representam uma situação constante e peculiar de exame”. Dessa forma, me sentia cobrado não apenas para gostar do jogo, mas para ser um bom jogador. Conforme destacado por Garcia e Brito (2018, p. 1.330), “a Educação Física é o componente curricular escolar que detém para si a peculiaridade de maior exposição dos corpos em ação, em que as performatizações de gênero estão postas em voga”. Eu me sentia, nessa situação, constantemente avaliado – não pelo professor, mas por todos, pois era grande a expectativa social de que eu gostasse e fosse habilidoso com o esporte.

Aos poucos fui deixando de querer me enquadrar nas expectativas sociais, buscando questionar as normas regulatórias de gênero. Na medida em que crescia, ia percebendo que um menino poderia, além de ter livros e cadernos de estrelinhas coloridas, andar de mãos dadas e até beijar outro(s) menino(s). Deixei de me “negar” quando percebi que outras masculinidades eram possíveis. Eu era um menino que queria beijar outros meninos. Posteriormente também descobri que não gostava de queimada, mas que era muito bom na natação e gostava de jiu-jítsu e outros esportes de combate; assim me libertei da obrigatoriedade de jogar futebol e pude começar a performatizar uma masculinidade mais condizente com minha forma de ser e estar no mundo.

Por meio de memórias e interações mediadas pelo digital em rede, esta pesquisa investigou como homens *gays* usuários do Grindr produzem sentidos de masculinidades dissidentes. Frente a isso, também cabe analisar como as normas regulatórias de gênero atravessam nossas experiências sociais, não raramente nos forçando a “entrar no armário”. Como argumenta Sedgwick (2007, p. 22), cada encontro com pessoas desconhecidas revela a necessidade de construir “novos armários cujas leis características de Ótica e Física exigem, pelo menos da parte de pessoas *gays*, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e

demandas de sigilo ou exposição”. Em outras palavras, o “armário” pode então ser entendido como uma estratégia de resistência à disposição de todas aquelas pessoas que, em determinados momentos da vida, buscam proteção ao manter sob sigilo a orientação sexual.

Em conversas em casa, e mesmo durante as aulas do mestrado e no Grupo de Pesquisa, é expressa uma sensação, por parte tanto de alunos e professores como de meus familiares, de que a violência e a intolerância “saíram do armário”. Revisitando minhas memórias, não me lembro de um período em que essa violência esteve no armário. Nunca sofri nenhuma agressão física por ser um homem *gay* ou uma criança (des)viada¹³. Entretanto, outras formas de violência me eram infligidas cotidianamente, inclusive por pessoas que eu amava, como familiares e amigos. Talvez, o que ocorra hoje é que alguns agentes promotores dessa violência vejam na nova conjuntura política brasileira a possibilidade de agressão legitimada; tratarei disso mais à frente.

Em alguns momentos da minha vida, como já dito, houve necessidade de buscar proteção no “armário”. Diariamente era cobrada uma masculinidade na qual eu não me enquadrava; dessa forma, paredes, portas e o teto desse “armário” foram sendo erguidos desde a infância, sob supervisão da família e do trabalho zeloso da escola. A solidão foi uma constante; enquanto eu estava só, minha mente podia vagar e eu podia vislumbrar realidades alternativas, que para mim eram nitidamente fantasiosas. Porém, mesmo em meio à solidão, a angústia persistia, eu era capaz de me cobrar, humilhar e punir, não precisava da ajuda de ninguém para isso; ainda assim contava com a colaboração de toda a sociedade para tal propósito. Mesmo sozinho, carregava dentro de mim muitos olhares e cobranças.

Na medida em que eu ia crescendo, cada vez mais incorporava a lógica da violência simbólica, na qual

o dominado tende a assumir a respeito de si mesmo o ponto de vista do dominante: através, principalmente, do efeito de destino que a categorização estigmatizante produz, e em particular do insulto, real ou potencial, ele pode ser assim levado a aplicar a si mesmo e a aceitar, constrangido e forçado, as categorias de percepção direitas (...) e a viver envergonhadamente a experiência sexual que, do ponto de vista das categorias dominantes, o define, equilibrando-se entre o medo de ser visto, desmascarado, e o desejo de ser reconhecido pelos demais homossexuais (BOURDIEU, 2016, p. 166).

Diferentemente do afirmado por Bourdieu (2016), ainda não flertava com a opção de ser reconhecido nessa fase da minha vida, mas possuía devaneios nos quais era possível viver, interagir e ser desejado da forma que eu sou, sem estranhamentos. Eu me encontrava

¹³ Com a expressão “(des)viada”, minha intenção não é articular orientação sexual e infância, apenas realizar uma provocação no que diz respeito à forma “desviante” na qual venho performatizando minha masculinidade dissidente desde criança.

confinado na lógica estruturalista na qual as feminilidades e masculinidades, para mim, eram bem definidas e jamais negociáveis. Os longos anos da educação escolar – dos oito anos do ensino fundamental até o início da minha vida adulta – foram marcados pelo sentimento de angústia e o desafio de ter que conviver com outras pessoas que desencorajavam meu modo de ser criança/jovem. No entanto, percebo hoje que minha existência (des)viada, assim como tantas outras similares, constituem-se como aspectos importantes a serem investigados no campo da Educação porque dizem respeito às potências do ser/viver.

1.2 Pesquisando gênero e sexualidade no contexto político brasileiro da atualidade: desafios e tensões

A ascensão de Jair Bolsonaro à presidência da República no Brasil em 2019 marca a chegada ao poder central do país um governo que incita e profere discursos de ódio e de intolerância contra as chamadas minorias sexuais, de gênero e étnico-raciais (KOHAN, 2020). Não é minha intenção aqui discutir com detalhes o cenário sociopolítico contemporâneo brasileiro, apenas tecer breves considerações sobre alguns dos desafios e tensões de desenvolver uma pesquisa voltada para o campo de estudos de gênero e sexualidade em um contexto que vem se mostrando bastante hostil para se viver abertamente como sujeito que performatiza uma masculinidade dissidente. Ademais, discutir a complexidade das forças reativas que formaram as bases necessárias para alocar a mediocridade nos patamares mais elevados da República não cabe neste momento.

Conforme vem sendo apurado nos estudos da antropóloga Isabela Kalil, no Núcleo de Etnografia Urbana da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, entre o grupo de pessoas que ajudou a eleger o homem que ocupa atualmente a presidência do Brasil há uma tendência maior pela relativização dos direitos humanos em liberdade frente à possibilidade de tomada de decisões entendidas como mais duras contra a criminalidade e corrupção (KALIL, 2018). Para estas pessoas, existe assim uma hierarquização dos direitos humanos, que acabam sendo transfigurados em prol de discursos que buscam (supostamente) “combater a corrupção”. Se for necessário conviver com falas e ações machistas, homofóbicas e racistas, inclusive e, principalmente, por parte do governo institucionalizado, este seria um mal menor. Tal ordenamento de política de Estado e sociedade não é um arranjo novo. Governos fascistas tendem a se legitimar por meio de discursos efusivos e ações truculentas contra grupos dissidentes, as ditas minorias sociais. A regra nessa lógica é a uniformização por meio da eliminação do divergente (ARENDT, 2012; KALIL, 2018).

As consequências para uma sociedade que vive sob o discurso da luta contra o diferente/dissidente foram bastante exploradas principalmente por historiadores, sociólogos e filósofos que voltaram seus olhares para a Alemanha nazista. Em seu texto clássico *Eichmman em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*, Hannah Arendt (1999) fornece ponderações detalhadas sobre como pessoas entendidas como comuns/típicas, sem nenhuma característica que possa associá-las com o que entendemos e estereotipamos como maléfico, podem ser capazes, em condições específicas, de cometer crimes e atrocidades tão perversas que afetam toda a humanidade.

Analisar o que ocorre hoje no país, a meu ver, requer focalizar nosso olhar para tentar entender os que se calam, os que aceitam e os que “aplaudem de pé” as falas proferidas pelo presidente da República; falas que, enunciadas de forma jocosa, buscam constantemente desqualificar determinadas formas de ser e estar no mundo. É no cotidiano, nas escolas, ruas, empresas, apenas para citar alguns espaços, que a homofobia é praticada e disseminada, muitas vezes por pessoas comuns que fazem parte do nosso contato diário (BORRILLO, 2015), e hoje conta ainda com o respaldo de instituições de Estado, como a Presidência da República. Ainda que 2019 tenha sido um marco na luta contra a homofobia, já que foi decidida pelo plenário do Supremo Tribunal Federal (STF) a criminalização da homofobia e da transfobia¹⁴, foi também o ano em que se tornou líder do nosso país uma pessoa que incita abertamente a violência contra todas as pessoas que fogem às normas regulatórias de gênero. Esse é o Brasil em que vivemos hoje, e o cenário no qual esta pesquisa encontra-se situada.

O conservadorismo, termo muito utilizado para classificar o espectro político que governa o Brasil em diferentes instâncias, é constantemente, e de forma proposital, mal definido (SEPULVEDA; SEPULVEDA, 2018). O apelo emocional para a proteção de categorias genéricas, resumido nas simplificações vociferadas pelos ditos conservadores, como a “família tradicional”, “pela defesa da vida” ou a “proteção das crianças”, opera na lógica do conflito e da exclusão classificatória. Esse conflito tem gerado profundas disputas entre os grupos que pertencem às chamadas “esquerda” e “direita” brasileiras, convidando a um melhor entendimento sobre o quanto os discursos operam no “campo das correlações de força” (BACCHETTA, 2009, p. 111). Com Foucault (2014), precisamos reconhecer que as relações de poder são constituintes das relações humanas e que encontrar brechas de resistência significa interagir em meio a um complexo campo de forças e disputadas acirradas.

¹⁴ Sobre este assunto, sugiro consultar o portal de notícias do STF, que trata do tema. Disponível em: <<http://bit.ly/2pwnP95>>. Acesso em: 2 out. 2019.

Neste momento me questiono: quem seria contra a família? De fato nunca me ative a perceber se alguns dos meus conhecidos ou familiares se colocavam contrários à vida, pelo fim de família ou a favor do armamento da população para a defesa pessoal. No Brasil de hoje

o conservadorismo é a face autoritária do senso comum que alimenta o fascismo, a xenofobia, o machismo, o racismo, a LGBTfobia, principalmente o ódio às pessoas pobres e indefesas. O conservadorismo se alimenta das crises políticas, econômicas, apontando para o “bandido”, o qual identifica como a “esquerda”, normalmente chamada de comunista, revolucionária, progressista, baderneira, entre outros adjetivos. Dessa forma, xs conservadorxs criam dispositivos de poder e regimes de verdade baseados no padrão burguês, branco, heterossexual e masculino (SEPULVEDA; SEPULVEDA, 2018, p. 50).

A lógica do conservadorismo brasileiro é simplista, mas com efeitos catastróficos. Ao dividir a sociedade em “nós” e “eles”, busca-se exatamente, em conformidade com o que Arendt (2012, p. 529) definiu em seu estudo sobre as origens do totalitarismo, a manutenção de um “estado de instabilidade permanente”. Para tanto, a emoção evocada pelos temas, ainda que esvaziados de sentido concreto, tais como os trazidos acima, são fundamentais para alardear a necessidade reativa, frente ao perigo de perda de uma verdade distorcida.

Nesse cenário, a Educação constitui-se como instituição social importante no planejamento e execução de ações que visem dinamitar a força de governos que colocam em prática regimes totalitários. A apropriação de verdades, tais como “a revelação de escândalos na alta sociedade, de corrupção de homens públicos, tudo o que interessa para a ‘imprensa marrom’ se torna em suas mãos uma arma de importância mais que sensacional” (ARENDT, 2012, p. 488). No caso específico brasileiro, justamente a corrupção na política e as *fake news* tiveram papel fundamental na ascensão ao poder do atual presidente¹⁵.

As apropriações e distorções de verdades, assim, servem ao propósito de criar uma suposta verdade capaz de atender aos anseios de grupos específicos ávidos por se manter e perpetuar no poder. Essa falta de compromisso com a verdade liga-se, desse modo, ao sistema de poder produtor de tal realidade, legitimando as possibilidades pelas quais a manutenção no/do poder será mantida (FOUCAULT, 2011; ARENDT, 2012; SEPULVEDA; SEPULVEDA, 2018). Dessa maneira, ao negar que houve uma ditadura militar no Brasil, bem como seus desdobramentos traumáticos, busca-se a fabricação de um regime de verdade próprio, que justifique ações e priorize fatos e agentes históricos e contemporâneos. O mesmo ocorre com outros delírios e devaneios dos mais altos quadros da República que podemos acompanhar. Nesse Brasil distópico, acompanhamos com preocupação a força cada vez maior

¹⁵ Não é o foco deste trabalho analisar as *fake news*, embora reconheça seu papel fundamental na forma como essas notícias vêm alterando percepções de mundo. Para isso, ver Santaella (2018), Recuero e Gruzdz (2019) e Teixeira e Couto Junior (2020).

de grupos religiosos de extrema direita na política, o ataque às/aos integrantes da comunidade LGBT+¹⁶, às pessoas que integram as religiões de matrizes africanas, às/aos artistas, às/aos professoras/es dos diferentes segmentos e aos diferentes conhecimentos produzidos nas universidades públicas. Conforme diz Trevisan (2018, p. 536),

sob pretexto de preservar valores tradicionais, o projeto de grupos conservadores propõe destruir valores que lhes são inconvenientes. Destruir para preservar é uma “contradição em termos”. Aos setores oprimidos só resta aquilo que sabem fazer melhor: criar. Quanto mais o querem destruir, mais estarão elaborando novos valores, abrindo caminhos inusitados e inventando expressões estéticas. O ímpeto criativo pode ser claramente percebido em momentos de sobrevivência difícil e necessária.

Na confirmação da vitória da intolerância, o *slogan* de oposição foi “Ninguém solta a mão de ninguém¹⁷”, a qual circulou (e vem circulando) amplamente nas redes sociais com a imagem reproduzida abaixo, e serviu como identificação coletiva de oposição aos rumos sociopolíticos que se anunciavam para o país, criando um movimento em/na rede de resistência. Eu me coloco ao lado dos oprimidos, dos dissidentes, dos que sofrem a violência da homofobia, dos que têm seu direito de ser diariamente negado, mas que ainda sim existem e resistem. Dessa forma, coerente com a prática e os cotidianos vivenciados como pesquisador, reitero minha implicação ética com o tema deste estudo e concordo que, em tempos de ódio e intolerância, “ninguém [pode] solta[r] a mão de ninguém”. Desse modo, entendendo que, em uma sociedade governada por um líder com pretensões autoritárias,

o possuir poder significa o confronto direto com a realidade, e o totalitarismo no poder procura constantemente evitar esse confronto, mantendo o seu desprezo pelos fatos e impondo a rígida observância das normas do mundo fictício que criou. Já não basta que a propaganda e a organização afirmem que o impossível é possível, que o incrível é verdadeiro e que uma coerente loucura governa o mundo; o principal esteio psicológico da ficção totalitária – o ativo ressentimento contra o *status quo*, que se infiltra através da cortina de ferro, construída para deter a sempre perigosa torrente de realidade vinda do lado não totalitário – é uma ameaça maior para o domínio totalitário do que era a contrapropaganda para o movimento totalitário (ARENDT, 2012, p. 530).

¹⁶ Muitas são hoje as possibilidades de siglas para designar a população que vive e/ou apoia a diversidade de gênero. Optei pela utilização, que hoje é bastante comum de LGBT+, por agregar em suas siglas as tradicionais designações, a saber; Lésbicas, gays, bissexuais e transexuais, porém adicionando o sinal de + ao mesmo tempo que incorporamos outros grupos específicos, deixamos a sigla aberta para incorporação de toda possibilidade não dominante de constituição identitária.

¹⁷ Segundo a autora da ilustração, Thereza Nardelli, em comentário na própria ilustração compartilhada via Instagram, a frase foi dita por sua mãe. A postagem original no Instagram encontra-se disponível em: <<https://bit.ly/31h49Dm>>. Acesso em: 11 out. 2019.

Figura 1 - Ninguém solta a mão de ninguém



Fonte: Thereza Nardelli (imagem recebida via rede WhatsApp), 2018

A situação da cidade do Rio de Janeiro, onde resido, em 2019 aprofunda ainda mais o quadro conservador da política brasileira. O ex-prefeito Marcelo Crivella¹⁸ (Partido Republicano Brasileiro/PRB), pastor neopentecostal na cidade Rio de Janeiro, em flagrante violação da liberdade de expressão e manifestação artística, censurou uma revista em quadrinhos durante a Bienal do Livro do Rio em 2019 (VELLOSO, 2020).

O ataque reativo se baseou na interpretação de que a ilustração de um beijo *gay* é uma cena de sexo explícito e de conteúdo pornográfico, ainda que o beijo ocorra quando as partes estejam inteiramente vestidas e que não seja prenúncio de uma prática sexual. Cabe salientar que o livro, ou HQ¹⁹, não é uma obra de cunho sexual, tampouco trata, no seu conteúdo, de uma história *gay*, mas o ex-prefeito descreveu a obra como destinada a apresentar “conteúdo

¹⁸ Marcelo Crivella foi prefeito da cidade do Rio de Janeiro entre 2017 e 2020. O atual prefeito da cidade é Eduardo Paes (Partido Social Democrático/PSD).

¹⁹ Sigla bastante difundida que designa as histórias em quadrinhos como gênero literário.

sexual para menores”²⁰. O beijo censurado, assim como outros não censurados, serve de ilustração ao amor de dois personagens que, na história em questão, são super-heróis.

Naquela ocasião, o Poder Executivo carioca decidiu que o beijo era imoral, indecente e censurável. Eu particularmente entendo um beijo como uma expressão de amor; posso então imaginar que, em última análise, é o amor que os setores mais conservadores da sociedade tanto temem. O amor entre dois homens naturalizado a ponto de constar em uma história de super-heróis exprime a importância da tão necessária representatividade.

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. (...) Em nossos dias, as regiões onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são as regiões de sexualidade e as da política: como se o discurso, longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde se exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes. Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder (FOUCAULT, 2011, p. 9-10).

Concordo com Foucault (2011), para quem os regimes de verdade produzidos no contexto de relações de poder encontram-se em disputa permanente. No caso específico aqui tratado, o beijo dos super-heróis na HQ pode ser interpretado por uma perspectiva foucaultiana como um ato de resistência que desestabiliza a legitimidade de uma verdade socialmente produzida que insiste em desqualificar pessoas não heterossexuais. Ainda hoje está em pauta a discussão em torno da legitimidade da existência cotidiana da população LGBTQ+, com o beijo *gay* da história em quadrinhos sendo censurado em “defesa das crianças”.

A censura do beijo mostrou-se como uma escaramuça para dar sobrevida ao ex-prefeito, que, ao ganhar repercussão na mídia, reforçou para sua base de apoio naquela ocasião a necessidade de continuar fortalecendo a luta pela manutenção e reiteração da (cis)heteronormatividade. Além disso, a própria arena de disputa entre o existir e o não existir encontra-se inserida em uma trama discursiva que tenta deslegitimar a representatividade cotidiana da população LGBTQ+ no cenário nacional. Nesse contexto específico do beijar e ser beijado, é interessante notar que

o pudor e a discrição devem orientar os atos homossexuais, sempre taciturnos, ao passo que a heterossexualidade exhibe-se livremente, sem necessidade de quaisquer justificativas. As práticas homossexuais e suas manifestações são de natureza privada e permitidas com a condição de permanecerem circunscritas a esse espaço.

²⁰ O vídeo com o pronunciamento de Marcelo Crivella encontra-se disponível em: <<https://bit.ly/2Bhs0IH>>.



Em compensação, ao assumirem a forma heterossexual, as mesmas condutas tornam-se expressão de amor e se desenvolvem livremente no espaço público: os heterossexuais beijam-se e dançam juntos na rua, mostram publicamente as fotos dos/as parceiros/as, declaram em público amor eterno e nunca fazem o *coming out* heterossexual, já que o espaço público lhes pertence. Mas, quando um *gay* ou uma lésbica têm a ousadia de empreender uma dessas manifestações, eles/as são imediatamente considerados/as militantes ou provocadores/as (BORRILLO, 2015, p. 77).

A disputa pela legitimação de determinada verdade está, desse modo, caracterizada na definição de quem pode (ou não deveria) cotidianamente existir; ou, nas palavras de Butler (2015), devemos preocupar-nos pelo fato de que nem todas as vidas são dignas de luto. O beijo representa justamente a possibilidade de construção de uma sociedade que permita valorizar as múltiplas formas de expressão do amor e da afetividade para além da perspectiva do modelo (cis)heteronormativo. A reação a isso expressa-se na classificação de tudo que não se enquadra nesse modelo, haja vista que, quando ocorrem debates ou visibilidade para pessoas *gays*, o sujeito (des)viado é logo atacado e percebido como uma pessoa anormal ou pervertida (BORRILLO, 2015; TREVISAN, 2018).

O beijo, para o ex-prefeito, é um conteúdo erótico, pois afronta a norma e desafia o poder vigente. Mas não é qualquer beijo que faz isso; a Bela Adormecida pode despertar com o beijo do Príncipe Phillip e o sapo se transforma em um príncipe pelo beijo da princesa, mas jamais dois super-heróis do mesmo gênero poderiam ter a ousadia de se apaixonar, menos ainda de demonstrar este amor em um evento como a Bienal do Livro do Rio. A censura não decorreu da interpretação se um beijo é conteúdo erótico ou não. Trata-se de homofobia pura e simples que serve a propósito específico para o exercício de poder. Ainda de acordo com Borrillo (2015, p. 16),

sexismo e homofobia aparecem, portanto, como componentes necessários do regime binário das sexualidades. A divisão dos gêneros e o desejo (hétero) sexual funcionam, de preferência, como um dispositivo de reprodução biológica da espécie. A homofobia torna-se, assim, a guardiã das fronteiras tanto sexuais (hétero/homo) quanto de gênero (masculino/feminino).

Porém do veneno é possível extrair uma cura. Tanto o “ideário homofóbico surge de diferentes maneiras, bem como ideias e propostas para a sua superação” (SEPULVEDA; SEPULVEDA, 2018, p. 49). A censura promovida pela Prefeitura do Rio em 2019 a um beijo não apenas foi inútil, já que a imagem dos dois personagens se beijando *viralizou*; a potência das redes digitais, somada à indignação generalizada dos que não se calam frente ao autoritarismo, impulsionou a imagem dos dois personagens masculinos se beijando não apenas na internet, mas nos mais diversos veículos de imprensa, e promoveu a resistência contra a homofobia do prefeito (VELLOSO, 2020). O quadrinho, com tiragem limitada, se

esgotou em poucas horas, e a rede de solidariedade e resistência ao fundamentalismo homofóbico se ampliou.

O beijo virou *meme* e buscou direcionar a atenção do prefeito para os problemas de infraestrutura urbana da cidade. Em pouco tempo, uma quantidade considerável de imagens do beijo foi compartilhada em resposta à censura do prefeito, evidenciando o potencial da internet na “criação de estratégias de subversão e resistência direcionadas no combate ao regime (cis)heterocentrado, com muitos *memes* auxiliando na promoção de práticas desconstrucionistas intermediadas pelo humor” (COUTO JUNIOR; POCAHY; CARVALHO, 2019, p. 22). Um dos *memes* amplamente divulgados foi o do beijo dos super-heróis sobreposto a uma cena de enchente captada no mesmo ano no bairro do Jardim Botânico, local onde este tipo de incidente ocorre recorrentemente na cidade carioca. A construção de sentido contida na imagem buscou demonstrar que o prefeito possuía problemas reais com os quais se preocupar. O beijo era usado, de forma satírica, para chamar a atenção para os problemas que o executivo carioca era incapaz e/ou não priorizava resolver.

Figura 2 - Um beijo para curar sua homofobia: #CorreAquiCrivella



Fonte: Autor desconhecido (imagem amplamente compartilhada no Facebook).

Com os *memes* feitos com o beijo, a sociedade organizada em rede demonstrou que o que a indignava era a visão homofóbica e a incompetência administrativa da antiga gestão municipal da cidade. A confecção dos *memes* vem operando em muitos casos como estratégia política realizada de forma colaborativa por internautas descontentes com o cenário atual. Esses movimentos de resistência, organizados em/na rede por pessoas de todos os cantos do

país, vêm sendo motivados pela “humilhação provocada pelo cinismo e pela arrogância das pessoas no poder, seja ele financeiro, político ou cultural, que uniu aqueles que transformaram medo em indignação, e indignação em esperança de uma humanidade melhor” (CASTELLS, 2013, p. 8).

Mais do que demonstrar o cenário no qual esta pesquisa foi conduzida, o relato do beijo para o ex-prefeito do Rio de Janeiro apresenta a disputa latente que ocorre hoje em nossa sociedade. Cabe ressaltar que não foi a primeira vez que Crivella tentou calar a nossa existência. Conforme apontado por Trevisan (2018), em 2017 Crivella alegou corte de verbas e tentou boicotar a 22º Parada LGBTQ+ de Copacabana²¹ e a 17º Parada LGBTQ+ de Madureira, eventos que atraem um retorno financeiro expressivo através do turismo.

Nesse contexto, reconheço a Educação como um campo estratégico para desenvolver e desconstruir discursos ancorados em premissas excludentes de mundo ou, como descrito por Sepulveda e Sepulveda (2018, p. 50), discursos que alimentam “uma agenda política que se baseia na desigualdade social”. Dito isso, entendo a “educação como conjunto de processos pelos quais indivíduos são transformados e se transformam em sujeitos de uma cultura” (MEYER, 2014, p. 52).

Dessa forma, valendo-nos do conceito de campo em Bourdieu (2002), podemos observar que disputas acerca de percepções distintas de sociedade e indivíduo ocorrem no campo da Educação. Pesquisas em diálogo com o campo de estudos de gênero e sexualidade devem se alinhar a uma perspectiva formativa que transcenda os próprios limites físicos do espaço escolar, de forma que possamos reconhecer que o campo da Educação é amplo e engloba sujeitos e processos formativos para além da relação professor-estudante. Conforme alertam Sepulveda e Sepulveda (2018, p. 53),

para o conservadorismo o papel da Educação é central para a questão social, pois através dela se pode empreender uma reforma moral da sociedade, se pode permitir a internalização de uma moralidade pelos indivíduos, moralidade esta necessária para a construção da ordem social.

Assim, esta pesquisa desenvolve-se em meio a um campo de lutas e disputas complexas, priorizando o enfrentamento a um regime de verdade excludente. De um lado, os que beijam; do outro, os que censuram.

²¹ É a mais antiga parada do orgulho LGBTQ+ do Brasil, organizada desde 1995 pelo Grupo Arco-íris. Para conhecer os trabalhos do grupo, acessar o *blog*: <<http://grupoarcoiris-rj.blogspot.com/>>; ou o Facebook do grupo, disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/grupoarcoiris.perfilii/>>. Acesso em: 20 out. 2019.

1.3 Atualizando o cenário da pesquisa: implicações da pandemia da Covid-19 para o estudo

Durante o trabalho de campo da pesquisa, fui levado a refletir sobre a continuidade desta investigação devido a acontecimentos globais inesperados. A pandemia da Covid-19, que nos impôs distanciamento físico, apresentou em 2020 o desafio de continuarmos mantendo nossas relações sociais por meio das tecnologias digitais em rede.

Não apenas as reuniões do Grupo de Pesquisa passaram a ser realizadas por meio de aplicativos instalados em dispositivos tecnológicos digitais conectados à internet, mas também novas demandas passaram a ser realizadas graças ao auxílio dessas tecnologias. O *home office* foi adotado por algumas empresas, as compras de alimentos passaram a ser comumente realizadas e entregues por meio de agendamentos em aplicativos de dispositivos móveis. Foi interessante perceber que muitos aplicativos e serviços já desenvolvidos passaram a se tornar ainda mais populares em tempos de Covid-19, sendo redesenhados para uma nova realidade pandêmica.

O risco de contaminação pela doença tornou o distanciamento físico uma medida de saúde necessária para minimizar os efeitos danosos, sobretudo o risco de morte em escala global (COUTO; COUTO; CRUZ, 2020). Nos noticiários, além dos dados estatísticos de números de contágios, mortes e taxa de isolamento, acompanhávamos as potencialidades de tratamentos para a Covid-19. A hidroxicloroquina, além de outros medicamentos/tratamentos “milagrosos”, ficou famosa no Brasil por ser uma substância que supostamente curaria as pessoas da Covid-19, embora não fosse recomendada pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

Cabe ressaltar aqui a diferença entre afastamento social e físico: se continuamos interconectados com outras pessoas, então estamos geograficamente dispersos e não distantes socialmente (HENRIQUE, 2020). Dessa forma, as conexões em redes digitais por meio de computadores, *smartphones* e outros dispositivos nos permitem um afastamento apenas físico, mas há manutenção, sob novas perspectivas, dos contatos sociais, incluindo aí não apenas relações de afeto, mas de trabalho (HENRIQUE, 2020). Em tempos de pandemia, essas redes estão promovendo a aproximação de sujeitos que, embora geograficamente dispersos, encontram-se muito próximos em suas formas de pensar, experimentar e interpretar o mundo.

Conforme Santaella (2008), rompemos a dicotomia entre o físico e o virtual/digital, passando ao que a autora denomina como espaços “intersticiais”, nos quais o deslocamento físico não mais se apresenta como requisito para a promoção do contato entre seres humanos, bem como o acesso a informações diversas. Dessa forma, não podemos desconsiderar as

potencialidades comunicacionais engendradas pelas tecnologias digitais conectadas à internet (COUTO JUNIOR; FERREIRA; OSWALD, 2017), ainda mais em tempos de pandemia, quando precisamos fortalecer nossos vínculos sociais e afetivos com outras pessoas, trocando afetos e intercambiando experiências diversas.

É nesse contexto que sou levado/afetado pelos acontecimentos inesperados do mundo, colocando-me a repensar a relação com espaços/pessoas que auxiliam na composição deste trabalho. Como pesquisador do campo da Educação, fazer pesquisa com seres humanos frente a novos desafios globais decorrentes da pandemia se impõe como um desafio adicional às minhas práticas e postulados acadêmicos. Portanto, a Covid-19 constituiu-se como um importante convite para que eu refletisse sobre a constituição de novos cenários sociais que afetaram os rumos da pesquisa que conduzi na internet em parceria com os sujeitos. Cabe lembrar que, mediante minha forma de pensar a pesquisa, são as incertezas que guiaram o processo de construção do estudo.

Tão logo tive contato com as primeiras reflexões acadêmicas sobre as implicações da pandemia para a constituição da sociedade, uma expressão muito difundida na mídia marcou-me fortemente: a ideia de que em 2020 estávamos vivendo o “novo normal”. Devo admitir que recebi com entusiasmo essa novidade, porque almejava a possibilidade de colocar em prática a constituição de novas dinâmicas sociais pautadas em maior solidariedade e cooperação. Para Žižek (2020), a pandemia representou um golpe certo e mortal no capitalismo, desencadeando a necessidade de articulação dos Estados, de sistemas públicos universais de saúde e a incapacidade da entidade “mercado” de fornecer uma solução para um problema de saúde global. Em muitos países a doença atingiu também as classes mais abastadas, em seus cruzeiros de luxo e voos de primeira classe, desvelava de forma certa as contradições do capitalismo e desferia nele um golpe mortal.

De forma similar, Butler (2020, p. 60) lançou a pergunta: “quais são as consequências desta pandemia para se pensar a igualdade, a interdependência global e nossas obrigações mútuas?²²”. Essas indagações também me vinham à cabeça. No momento em que tudo ocorria, eu permanecia trabalhando de casa e sendo pago pelo meu empregador, muitas vezes com poucas orientações sobre como prosseguir as atividades profissionais. Era a primeira vez em muito tempo que meu tempo era regulado por mim mesmo; eu podia fazer as coisas que queria, mas dentro de casa, o que estava bom para mim: lia, cozinhava, me exercitava, via filmes e séries, me comunicava com o orientador por WhatsApp e ia prosseguindo com o

²² Tradução livre de “*Cuales son las consecuencias de esta pandemia al pensar en la igualdad, la interdependencia global y nuestras obligaciones mutuas?*”.

trabalho de campo da pesquisa. A regulação do mercado me abandonou por uns instantes; eu sabia ser um privilegiado, pois das poucas certezas que eu tinha, a de ter infraestrutura adequada para trabalhar de casa, ainda que minha fonte de renda viesse a ser suspensa, de me manter com conforto em meu lar era uma delas.

Os noticiários traziam dados e números e apontavam para a necessidade de o poder público atuar fortemente tanto na esfera da saúde quando na da economia e do controle social. O Estado era evocado como única força capaz de promover a defesa contra o novo coronavírus; essa mesma organização tão combatida em nosso país que flerta de forma explícita e vulgar com um liberalismo muito próprio, liberal na economia e extremamente conservador nos costumes, era vista como esperança, e se cobrava das autoridades racionalidade e compromisso com a ciência. Para os que vivem nestes tempos no Brasil, entendemos a ironia.

Butler (2020) afirma que o coronavírus não discrimina, e esta foi a máxima adotada nos dias iniciais da pandemia; víamos principalmente os mais ricos, os que tinham condições de viajar para Itália e Espanha e outros destinos internacionais, trazerem o vírus para o nosso país. Logo os bairros mais nobres do Rio de Janeiro se converteram nos epicentros de contaminação da cidade. O dinheiro, pensava eu, assim como muitos, não era capaz de proteger ninguém; éramos enfim todos iguais, vulneráveis. Mas logo tudo voltaria ao (novo-velho) normal. Butler (2020) complementa sua visão sobre a pandemia ao enfatizar que, embora o vírus não discrimine, nossa sociedade o faz. Foi questão de pouco tempo até percebermos que os mais pobres eram (e vêm sendo) os mais vulneráveis com a pandemia no Brasil. No Rio de Janeiro, a primeira morte oficial registrada por coronavírus foi de uma empregada doméstica²³ contaminada pela patroa que havia retornado da Europa.

Menos de um mês durou meu devaneio de controle sobre meu próprio tempo. Logo estava eu em *home office*, trabalhando muito mais. Até o meu tempo “ocioso” de deslocamento para o trabalho me foi tirado. Apesar de todas as recomendações científicas, fui acompanhando o rápido retorno das atividades presenciais, não apenas na minha empresa, mas nas áreas em que precisei circular. Diferente do postulado por Žižek (2020) sobre a pandemia ser um golpe certo no capitalismo, eu comecei a perceber na empresa onde trabalho que houve aumento dos lucros também devido à diminuição de custos. As

²³ Conforme divulgado por matéria do Portal G1 do dia 19 de março de 2020. Disponível em: <<https://glo.bo/32qGEM3>> Acesso em: 12 de set. 2020. Cabe reforçar que em nosso país, com um passado fortemente marcado pela escravidão, o serviço doméstico ainda hoje é marcado por relações de poder que reproduzem a lógica de controle do trabalho e hierarquização da vida da empregada por seus empregadores. Sobre isso, ver a obra *Libertas entre sobrados: mulheres negras e trabalho doméstico em São Paulo (1880-1920)*, de autoria de Lorena Féres da Silva Telles, publicado pela Alameda Editorial.

tecnologias digitais em rede foram massivamente “empurradas” em nossos cotidianos, visando o aumento de nossa produtividade e a redução de custos para o empregador. Somado a isso, houve também o clima de medo, de perder o emprego e se ver às voltas com o auxílio emergencial, nos fazendo aceitar condições ainda menos favoráveis de trabalho, inclusive de risco à nossa saúde e à de nossos familiares. A quarentena do trabalhador jamais será a do patrão, isto me foi deixado claro.

Considero pertinentes essas considerações sobre o cenário pandêmico no Brasil não apenas por envolver a mim, a universidade e a educação públicas, bem como os próprios sujeitos participantes da pesquisa, mas também por descortinar expectativas e realidades sobre o uso massivo das tecnologias em nossos cotidianos. Afinal, pesquisar envolve o ato de recomeçar, de ressignificar pontos de vista (PARAÍSO, 2014). A apropriação das tecnologias digitais durante o período de pandemia trouxe implicações para meu trabalho de campo porque o isolamento físico²⁴ recomendado pela OMS afeta diretamente o uso de um aplicativo de namoro/“pegação” que incentiva o encontro presencial. Sobre isso, Couto, Couto e Cruz (2020, p. 208) argumentam que o isolamento físico “separou muitos casais, amantes, *crushes*, amigos, modificou as paqueras e a vida sexual”. Embora eles não estejam errados, também precisamos considerar que o próprio isolamento não é um privilégio que pode ser cumprido por todas/os as/os brasileiras/os.

A pandemia da Covid-19 trouxe repercussões para o trabalho de campo da pesquisa. Reconheço meu compromisso ético-político de continuar pesquisando em diálogo com as experiências cotidianas que me tocam/afetam (FERRAÇO; ALVES, 2018), pois todo trabalho de pesquisa é situado em determinado *espaçotempo*. No capítulo 5 também discuto sobre os usos do aplicativo Grindr durante a pandemia.

²⁴ Embora comumente vem sendo adotada a expressão “isolamento social”, nossa opção é pelo uso da expressão “isolamento físico” porque entendemos que, com a pandemia, estar isolado socialmente vai de encontro com a ideia de que muitas pessoas geograficamente dispersas têm tido a oportunidade de continuarem interconectadas e interagindo umas com as outras (HENRIQUE, 2020).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E ESTADO DO CONHECIMENTO

2.1 Cibercultura e rede

Desde a sua popularização, a internet tem servido de motivo e ambiência para o estabelecimento de relações afetivo-erótico-sexuais, seja por sua intensa difusão e várias potencialidades, meio de encontrar parceiros sexuais virtuais ideais, isto é, interlocutores mais tangíveis e adequados às fantasias individuais que os parceiros disponíveis no momento no mundo *offline*, a possibilidade de criação de vários papéis, com menos bloqueios sociais e preconceitos a serem desempenhados pelos sujeitos, bem como certa garantia de anonimato e segurança nessas interações.

Weslei Lopes Silva (2012, p. 1)

A cibercultura é caracterizada pelo envolvimento de múltiplos atores e possibilidades próprias de interações em que as miríades de possibilidade de expressão afloram (LEMOS; LÉVY, 2010; SANTAELLA, 2010). A “liberação da palavra” é um dos princípios da cibercultura e diz respeito à possibilidade de todas/os as/os usuárias/os serem emissoras/es em potencial de informação para a rede (LEMOS; LÉVY, 2010). O digital em rede configura-se como um espaço onde as informações/opiniões são compartilhadas de modo a formar redes de interação que abrem possibilidades praticamente ilimitadas para circulação e produção de novos conhecimentos (AMARO, 2016; COUTO JUNIOR, 2013; LEMOS; LÉVY, 2010; SANTAELLA, 2010).

Novas identidades vêm se constituindo em um contexto de intensas práticas de produção e de compartilhamento de conteúdos que expressam a vivacidade das dinâmicas comunicacionais digitais (WYLLYS, 2014; RALEIRAS, 2009). Quais informações homens *gays* produzem, compartilham e acessam na rede? Como essas pessoas articulam-se com seus pares na constituição de espaços de sociabilidade mediados pelo digital em rede? Quais as potencialidades da pesquisa na cibercultura que almeja tecer reflexões com homens *gays* com o objetivo de contribuir com o campo de estudos de gênero e sexualidade, focalizando na performatização das masculinidades dissidentes?

Esse espaço de sociabilidade cria áreas de interesses comuns na medida em que todas as informações são produzidas, movimentadas e consumidas pelos próprios agentes. Observa-se a criação de espaços interconectados com temáticas específicas, por meio de *blogs*, *sites* de relacionamento e compartilhamento de informações que se entrelaçam em redes complexas de sociabilização forjada a partir de interesses comuns de seus participantes (LEMOS; LÉVY, 2010; ZAGO, 2016). A internet, desse modo, não está apartada do mundo físico, pois é justamente expandida e consumida baseada em interações entre indivíduos que, devido às

possibilidades idiossincráticas desse meio, mantêm tais espaços de sociabilização em funcionamento. As relações mediadas pelo digital em rede não são menores ou desprovidas de verdade ou de autenticidade; pelo contrário, são interações sociais legítimas que promovem sociabilizações entre pessoas geograficamente dispersas. A antiga máxima da existência de um mundo virtual “descolado” da realidade não encontra mais sentido na contemporaneidade; estamos interconectadas/os, e nossas relações e interações se dão também por intermédio de dispositivos digitais (COUTO JUNIOR; OSWALD, 2014). O uso desses dispositivos produz diversos efeitos e reconfigura espaço, tempo, comportamentos, relações, condutas e pensamentos (AMARO, 2016), promovendo potencialidades metodológicas para a pesquisa em Educação.

Como sujeito interconectado com outros usuários geograficamente dispersos, percebo certa incoerência de tentar desqualificar as interações mediadas pelo digital em rede porque quem produz e compartilha informações para a rede são pessoas de carne e osso (COUTO JUNIOR; OSWALD, 2014). Ademais, não podemos negar que pesquisar no âmbito das dinâmicas ciberculturais potencializa a forma como produzimos saberes com outras pessoas, uma vez que os processos comunicacionais digitais em rede permitem que ideias sejam “debatidas, confrontadas, tecidas e aprimoradas, com vistas a (...) criar, disponibilizar, discutir e compartilhar suas autorias em rede” (SANTOS; CARVALHO, 2018, p. 34).

A rede é aqui entendida como a forma com a qual nos organizamos na contemporaneidade, participando cada vez mais de experiências sociais mediadas pelo digital, na medida em que trocamos “entre amigos, entre parceiros, possibilitando a dinâmica de produção colaborativa com uma intensificação da produção de conhecimentos e culturas” (PRETTO, 2010, p. 162). Cabe ainda salientar que a metáfora ou conceito de rede não se limita à cibercultura; a expressão redes sociais remete a uma configuração de sociabilidade mais ampla. As redes são, desse modo, construções próprias da inter-relação de saberes e experiências humanas; assim, não devem ser confundidas com as novas tecnologias informacionais, como a conexão de computadores em rede (SANTAELLA; LEMOS, 2010).

Santaella e Lemos (2010) caracterizam as redes sociais digitais, especificamente, pela fluidez das trocas de informações entre seus membros, a partir do desenvolvimento das tecnologias que permitam maior mobilidade e, conseqüentemente, possibilidades de uso. Historicamente é possível perceber que o desenvolvimento tecnológico opera em duas vias. Por um lado, o estímulo por atender a uma demanda já existente possibilita novas

ferramentas, cenários e formas de atuação; por outro, o próprio desenvolvimento e o posterior uso contínuo de uma nova tecnologia desencadeiam transformações nas práticas sociais (MISKOLCI, 2014; CASTELLS, 2011).

A criação de aplicativos para conectar homens *gays* emerge como uma evolução da própria demanda expressa por esse grupo, uma vez que essas “tecnologias e serviços não surgem em um vácuo, mas respondem a (e, em parte, também criam) novas demandas das pessoas que se tornaram seus usuários” (MISKOLCI, 2014, p. 280). Antes da popularização das redes *wi-fi* e dos computadores pessoais, nossa interação com outros internautas era bem mais restrita. Hoje, na palma de nossas mãos cabem vastas redes de contatos e sociabilidade, mesmo quando estamos em trânsito, “como uma resposta ao desafio da mobilidade, desenvolvendo funcionalidades aptas a promover eficientemente a interatividade móvel” (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 61).

Entretanto, como os espaços físicos e os ambientes mediados pelo digital em rede são indissociáveis (COUTO JUNIOR; OSWALD, 2014), ou seja, “o digital encontra-se mergulhado na contemporaneidade” (BRUNO; COUTO, 2019, p. 107), não poderia deixar de mencionar minha preocupação pela forma como os aplicativos de namoro/“pegação” também têm sido utilizados, mais recentemente, por pessoas que se autodenominam *gays*, embora muitas vezes não seja o caso. Por meio do uso do aplicativo, essas pessoas marcam encontros/rastreiam outros homens na cidade com a intenção de agredi-los, reiterando a forte presença de uma norma que preconiza a abominação da relação afetiva/sexual entre pessoas do mesmo sexo. Afinal, hoje, os *smartphones*, muito utilizados nas dinâmicas comunicacionais contemporâneas, permitem às pessoas o acesso a determinados aplicativos que dão a seus usuários o poder de controlar, monitorar e rastrear o outro (FLACH; DESLANDES, 2019). Não é minha intenção aprofundar os cuidados envolvendo o uso dos aplicativos e das redes na “marcação” de encontros presenciais com pessoas desconhecidas. No entanto, considero que esse aspecto do rastreamento e do controle é uma questão importante a ser discutida/problematizada em futuros estudos.

2.2 Masculinidades e heteronormatividade

O trabalho parte do entendimento de que gênero é uma categoria social e historicamente construída (SCOTT, 1995), com a masculinidade operando na regulação das interações humanas (BOURDIEU, 2016). A constituição das masculinidades dissidentes coloca em xeque os limites e as contingências das (cis)heteronormas (PARKER, 2000). Isso

porque todas as formas de ser/viver que escapam às normas regulatórias de gênero evidenciam o quão frágeis são essas mesmas normas, que necessitam ser permanente reiteradas para manter a heterossexualidade no pedestal (ainda que provisoriamente) (BENTO, 2011).

Ao adotar os pressupostos do pós-estruturalismo, reconheço que os marcadores sociais de identidade e diferença não podem ser generalizados porque dizem respeito às dinâmicas sociais dos diferentes *espaçotempos*. Com isso, busco “desenquadrar” formas de ser e estar no mundo, lançando-me ao desafio de pensar corpos, gêneros e sexualidades em uma perspectiva pós-identitária ao problematizar a visão binária de organização social humana (fêmea/macho, feminino/masculino, homo/heterossexual, para citar alguns). Eu me aproprio aqui das palavras de Louro (2007, p. 238), que também aposta “na possibilidade de questionar o pensamento binário e oposicional com o qual estamos acostumadas a lidar e nos lançamos para experimentar a pluralidade”.

A pesquisa investigou como homens *gays* que utilizam o Grindr produzem sentidos de masculinidades dissidentes. Entendo a dissidência como tudo que escapa, ou seja, corpos, gêneros e sexualidades que se encontram em inconformidade com a norma vigente (COUTO JUNIOR; POCAHY; OSWALD, 2018). Butler (2019) considera gênero como uma enunciação performativa, perspectiva que caminha em oposição à lógica biologizante. Essa lógica, ao focalizar na parte anatômica para diferenciar/hierarquizar/enquadrar corpos e gêneros em categorias estáticas e limitantes, desconsidera a linguagem e o discurso na forma como construímos nossas identificações.

Para Butler (2019, p. 42), “o gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada”; isso implica jamais estarmos de frente para seus limites, já que se mantém em constante estado de “não conclusão”. Assim, investigar a performatização das masculinidades dissidentes é reconhecer que não existe uma única forma de ser homem e que a constituição das masculinidades evidencia a fragilidade do regime heterocentrado (SILVA JUNIOR; BRITO, 2018), uma vez que o próprio gênero é incapaz de se apresentar com um limite imutável.

A masculinidade, como objeto de estudo, emergiu com força nos estudos de gênero no Brasil no final dos anos de 1980, especialmente nas discussões e análises sobre sexualidade, saúde reprodutiva, violência e paternidade, desenvolvidas majoritariamente em pesquisas das áreas da Antropologia, Sociologia e, sobretudo, da Psicologia Social (GIFFIN, 2005; MEDRADO; LYRA, 2008; BENTO, 2015). Isso se deu principalmente pelo trabalho de mulheres pesquisadoras do campo das Ciências Humanas e Sociais. Elas dedicavam seus

esforços analíticos em discussões voltadas para a crítica em torno do masculino e do homem como “faces malditas” das desigualdades sociais e subordinações sofridas pelas mulheres nas relações sociais cotidianas (MEDRADO; LYRA, 2008).

A segunda metade da década de 1990 inaugura o aprofundamento do tema das masculinidades a partir de um conjunto de publicações importantes, como o livro *Handbook of Studies on Men and Masculinities*, publicado em 2005, escrito por Robert (agora Rayween) Connell, Jeff Hearn e Michael Kimmel. De acordo com Medrado e Lyra (2008, p. 810), essa obra evidencia quatro análises distintas em que o campo de estudos da masculinidade vem se detendo: 1) a forma como as masculinidades são organizadas socialmente; 2) o modo como os homens compreendem e expressam “identidades de gênero”; 3) as interações entre homens e entre homens e mulheres; e 4) a construção das masculinidades em/por relações institucionais.

Gênero é uma categoria relacional (NICHOLSON, 2000) e, portanto, imbricada nos estudos das masculinidades. Meu interesse acadêmico ao atuar no campo de estudos de gênero e sexualidade, com ênfase na investigação das masculinidades, recai sobre a necessidade de problematizar o quanto nossos corpos e gêneros são bombardeados por expectativas sociais que aprendemos desde crianças. Conforme apontam Bello e Felipe (2010, p. 179), “desde muito cedo, os meninos já possuem seus códigos de como ser sujeitos masculinos, tendo um arsenal de informações que os credenciam a dizer se são homens, se são machos, se não são meninas, nem bichas, nem mulherzinhas”. Dessa forma, vale perguntar: como a conversa com homens que performatizam masculinidades dissidentes podem fornecer pistas para subverter/problematizar os pilares que sustentam a supremacia da heteronormatividade? Como as normas regulatórias agem na constituição de suas masculinidades e como essas normas atravessam suas vidas cotidianas? Essas são algumas das questões fundamentais que orientaram meu olhar durante o trabalho de campo, na tentativa de que reflexões potentes sejam tecidas com o objetivo de expor os limites e as contingências das normas regulatórias na constituição das masculinidades que “escapam” do socialmente esperado.

Bourdieu (2016) aponta que a masculinidade é uma categoria social construída historicamente e que exerce papel de dominação e regulação nas interações humanas. Dito isso, como pesquisador do campo de estudos de gênero e sexualidade, proponho questionar o atravessamento das normas regulatórias na constituição das masculinidades e, ao mesmo tempo, colocar em xeque discursos que desqualificam as formas dissidentes de vivências de masculinidades. Reconhecer a masculinidade no plural implica romper em algum grau com o

referencial dominante, o que permite reflexões sobre possibilidades outras de vivências e (re)existências. Nesse contexto, expor os limites e as contingências da masculinidade hegemônica, apresentando os plurais possíveis, não significa negar o sujeito homem, mas sim subverter uma ordem que hierarquiza os indivíduos com base em uma dicotomia entre o masculino e o não masculino, tradicionalmente declarado como feminino. Conforme ensina Parker (2000), o reducionismo a um mundo dividido em uma fronteira de gênero limita a um tipo de masculinidade contraposta ao feminino, impedindo e inibindo a proliferação das singularidades humanas.

Nesse contexto, reconheço que as abordagens teóricas dos estudos sobre os homens e masculinidades devem superar o enquadramento no binarismo de gênero, ampliando seu potencial de análise, em particular pelo diálogo com perspectivas que privilegiam aspectos linguístico-discursivos na produção dos sentidos sociais do masculino. Assim, uma definição importante para a masculinidade e que contemple tal perspectiva pode ser localizada em Seffner (2016, p. 177), quando o autor diz:

Os elementos do discurso, seguindo a fórmula da linguística estrutural, são definidos pelas diferenças que guardam entre si, o que nos permite afirmar que o masculino é definido em geral como não feminino. (...) No caso da masculinidade, esta só pode ser definida no interior das relações de gênero e sexualidade, e não será nunca uma definição cristalizada, pois é fruto de tensões, disputas e interesses próprios da cultura e tem sua existência marcada por essas disputas de significado.

Algumas/ns autoras/es desse campo de estudos já se dedicaram a pensar os homens e a masculinidade em leitura pelas perspectivas pós-estruturalistas (BRITO; LEITE, 2017; GARCIA; BRITO, 2018; BRITO; COUTO JUNIOR, 2019; BRITO; PONTES, 2020, entre outras/os) que enfatizam a potencialidade do poder da linguagem na constituição dos sentidos do masculino. Como explicita Forth (2013, p. 162), “o pós-estruturalismo não rejeita o mundo material, mas insiste mais sobre a potência da materialização de diferentes discursos”. Desse modo, seguindo o que ensina Meyer (2014), busco desconstruir visões binárias de oposição de sentido ao frisar que a linguagem precisa ser analisada dentro de um contexto de disputas e lutas.

2.3 Performatividade

Justamente na busca por uma desconstrução da oposição pura representada pelo macho x fêmea, recorro às contribuições de autores como Judith Butler, Guacira Lopes Louro e Richard Parker, que, a partir do desenvolvimento de estudos alinhados com as

epistemologias *queer*, possibilitam questionamentos e rompimentos com certezas de outrora que limitavam as potencialidades do ser. Cabe aqui salientar que,

em inglês, o termo “queer” pode ter a função de substantivo, adjetivo ou verbo, mas em todos os casos se define em oposição ao “normal”. A teoria *queer* não é um arcabouço conceitual ou metodológico único e sistemático, e sim um acervo de engajamentos intelectuais com as relações em sexo, gênero e desejo sexual. Se a teoria *queer* é uma escola de pensamento, ela tem uma visão profundamente não ortodoxa de disciplina. O termo descreve uma gama diversificada de práticas e prioridades críticas: interpretações de representações do desejo entre pessoas do mesmo sexo em textos literários, filmes, músicas e imagens; análise das relações de poder sociais e políticas de sexualidade, crítica do sistema de sexo-gênero, estudos sobre a identificação transexual e transgênero, sobre sadomasoquismo e desejos transgressivos (SPARGO, 2017, p. 13).

Sendo assim, me alinho aos estudos *queer* com a intenção de subverter as identidades de gênero e sexual, buscando desconstruir a lógica binária de organização social que ainda insiste em desqualificar determinados corpos, gêneros e sexualidades. Ademais, defendo a existência de múltiplas expressões de ser/viver, muitas das quais ainda encontram dificuldade para se localizar em uma das “caixinhas identitárias” que hoje existem (e que continuam a se proliferar).

Dentro das possibilidades expressas pelo Grindr, é possível performatizar identidades por meio da construção e/ou edição de perfil, potencializando assim as possibilidades de interações com diversos homens. A ideia de performatizar, conforme entendida neste trabalho, apropria-se do que ensina Butler (2019), para quem inexiste um “eu” anterior à ação, sendo a possibilidade de constituição do indivíduo uma resposta ao discurso externo a si. Desse modo, o “ser” não possui sua origem em si, mas como resposta às relações e discursos formados que se estabelecem anteriormente à constituição do “eu” (BUTLER, 2019). Caminhando com esse pensamento, Spargo (2017) reitera que a heterossexualidade e a homossexualidade não são propriedades inatas, mas categorias do saber construídas historicamente.

Conforme apresenta Butler (2019, p. 195), “se o sexo não limita o gênero, então talvez haja gêneros, maneiras de interpretar culturalmente o corpo sexuado que não são de forma alguma limitados pela aparente dualidade do sexo”. Assim, as formas expressas de masculinidades não se somam para compor um tudo, mas sim são fragmentos de interpretações próprias do ser homem que não se totalizam, mas, quando entendidas como possíveis, ao romper com a (cis)heteronorma, demonstram justamente a impossibilidade de redução do masculino ao pênis, permitindo múltiplas formas de ser homem.

Assim, o conceito de performatividade corrobora o entendimento de que gênero não é uma categoria estável e decorrente naturalmente do sexo, mas sim construída pela reiteração

de práticas e simbologias em determinada cultura, sendo, desse modo, normatizado (SPARGO, 2017). Por não ser uma estrutura inata ao ser, o gênero pode ser (re)construído, (res)significado e apropriado com base em necessidades e interesses próprios, performatizando, assim, expressões de gênero normatizadas ou subvertidas, ou seja, contingentes e imprevisíveis. Dado o exposto, Butler (2019) desnaturaliza o binômio sexo/gênero, considerando-os nem verdadeiros, nem falsos, mas fabricados sobre a superfície do corpo. Performativo aqui refere-se ao caráter de fabricação de toda identidade de gênero pelo processo de reiteração/deslocamento das normas, diferentemente de uma ideia equivocada que comumente considera o performativo como sendo uma simples “escolha de gênero, como se escolhêssemos uma peça de roupa no armário” (SPARGO, 2017, p. 44).

Nesse contexto, o Grindr, assim como outras mídias sociais, constitui-se como espaço onde são possíveis múltiplas expressões e (re)constituições do “eu”, a cada perfil criado ou enunciação proferida. Coppetti (2019, p. 147) argumenta que “nos afetos virtuais com desconhecidos, por exemplo, mostram-se as identidades projetadas, as impressões são administradas, ou seja, o ‘eu’ procura mostrar ao ‘outro’ apenas seus aspectos positivos”. Dessa forma, no contexto das dinâmicas comunicacionais digitais, as pessoas estão tendo a oportunidade de participar de novos agenciamentos coletivos que oportunizam (com)partilhar experiências sociais diversas, incluindo a chance de modificar a idade e assumir novos contornos identitários (RÜDIGER, 2002).

Entendo, com isso, que um perfil *online* permite muitas possibilidades de interação; desse modo, é possível a criação e vivência de múltiplas identidades de forma simultânea (ZAGO, 2013; COPPETTI, 2009). Cabe ressaltar que, segundo Rüdiger (2002, p. 116), a possibilidade de viver “vários eus” expressa nas potencialidades do ciberespaço não se encontra dissociada das relações de poder e estruturas sociais experimentadas e desenvolvidas em nossas interações face a face. Assim, a internet não é “descolada” das práticas de sociabilidade dos espaços físicos, uma vez que os processos comunicacionais *online* encontram-se interligados com as dinâmicas sociais face a face (COUTO JUNIOR; OSWALD, 2014).

2.4 Considerações sobre a realização do Estado do conhecimento: masculinidades, cibercultura e Grindr em foco

O desafio que se apresenta para a realização do estado do conhecimento em determinada área é o de mapear e apresentar a produção bibliográfica acadêmica seguindo critérios considerados relevantes para a pesquisa (FERREIRA, 2002). Neste sentido, certo de que não seria possível estudar com profundidade toda a produção sobre gênero e sexualidade, a minha primeira motivação deste levantamento é conhecer o que vem sendo produzido e publicado no campo. Posteriormente, busco entender onde a minha própria pesquisa se insere no catálogo mais amplo de publicações científicas nacionais, especificamente no campo da educação, buscando relações de rupturas e continuidades com o que já foi produzido.

O levantamento quantitativo das dissertações no período pesquisado (Tabela 1) foi realizado no Portal Capes – Catálogo de Teses e Dissertações²⁵ utilizando as palavras-chave *cibercultura* e *masculinidades*. Os seguintes filtros foram utilizados: a) Tipo: Mestrado (dissertações) e Doutorado (teses); b) Grande Área: Ciências Humanas e Interdisciplinar; e c) Área de conhecimento: Educação; Educação em periferias urbanas; Interdisciplinar, Sociais e Humanidades e Sociologia. O período de busca delimitado foi de dez anos (2009 a 2019).

As palavras-chave foram escolhidas pela necessidade de entrecruzar dois campos específicos de conhecimento: os estudos voltados para as dinâmicas ciberculturais e o de masculinidades, que integra o campo de estudos em gênero e sexualidade. Somando-se a isso, nessa busca utilizei o termo masculinidades no plural por entender que assim delimitaria ainda mais os trabalhos encontrados, uma vez que o entendimento da existência de masculinidades múltiplas dialoga justamente com os estudos de gênero e o campo pós-estruturalista, permitindo assim limitar o uso de outras palavras-chave, como homossexualidade.

Quanto ao limite temporal, pensei em alguns recortes possíveis, relacionando a temporalidade à temática da pesquisa. Como eu buscava os trabalhos mais recentes que articulassem masculinidades e cibercultura, ou seja, dissertações e teses defendidas e publicadas no Portal Capes até o ano de 2019, faltava apenas escolher o ano inicial de busca no catálogo. A primeira opção pensada foi utilizar o ano de 2008, que marcou a popularização dos *smartphones* no Brasil, uma vez que esse aparato tecnológico é fundamental para análise e condução da pesquisa que proponho. Nesse mesmo ano a Google lançou o sistema operacional Android, um dos mais populares para *smartphones*, juntamente com o iOS,

²⁵ Disponível em: <<http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>>. Acesso em: 30 dez. 2019.

lançado pela Apple um ano antes. Outro ano pensado foi o de 2004, conhecido como o ano da Web 2.0, ou seja, ano que marca a interatividade entre usuários conectados em redes e geograficamente dispersos (O'REILLY, 2005), outro marcador importante da pesquisa de mestrado.

Por fim elegi o ano de 2009 como o mais interessante para demarcar a temporalidade da busca; esse ano pareceu-me temporalmente não tão distante quanto os outros dois pensados, além de formar um período temporal interessante, com a presente pesquisa abrangendo um período de 10 anos. Porém o fator que me fez decidir eleger o ano de 2009 como inicial para a delimitação da busca foi ser este o ano do lançamento do aplicativo Grindr (MISKOLCI, 2015), o qual eu considerei configurar-se como um importante marcador nas interações entre os sujeitos participantes da pesquisa de mestrado. Dessa maneira, tanto o período demarcador da busca quanto o próprio aplicativo têm a mesma temporalidade: 10 anos.

Em relação à filtragem da grande área, bem como da área do conhecimento, a ideia inicial era manter a pesquisa restrita aos programas de Educação; porém, percebendo a transversalidade da proposta de pesquisa, ao unir os estudos em cibercultura com os de gênero para propor uma análise de masculinidades dissidentes no ciberespaço com via à constituição de identidades, considerei importante ampliar as possibilidades de busca. Com isso, minha busca me levou a 285 resultados, sendo 219 dissertações e 52 teses; caberia então uma depuração individual para encontrar os trabalhos que congregavam os dois campos que me interessavam.

Assim, a partir da análise de títulos, palavras-chave e, quando necessário, do resumo dos trabalhos, selecionei seis que conjugavam a investigação de masculinidades por intermédio de relações mediadas pelo digital em rede. Os dados dos trabalhos estão dispostos na Tabela 1 abaixo.

Tabela 1: Dissertações selecionadas – Primeira busca

Ano	Título da dissertação	Autor	Instituição	Escola
2009	<i>Masculinidades disponíveis.com: sobre como dizer-se homem gay na internet</i>	Luiz Felipe Zago	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Educação
2013	<i>Quando o silêncio é rompido: homossexualidades e esportes na internet</i>	Luiza Aguiar dos Anjos	Universidade Federal de Minas Gerais	Estudos do Lazer
2014	<i>Marcas do desejo: um estudo sobre os critérios de "raça" na seleção de parceiros em relações homoeróticas</i>	Keith Diego Kurashige	Universidade Federal de São Carlos	Sociologia

	<i>masculinas criadas online na cidade de São Carlos</i>			
2017	<i>Você só precisa clicar: sexo virtual e masculinidades refletidas pelas webcams</i>	Rafael Araujo Saldanha	Universidade Federal de Santa Catarina	Interdisciplinar em Ciências Humanas
2017	<i>Selfies no Tinder: masculinidades como performance</i>	Flora Ardenghi Dutra	Universidade Federal de Santa Maria	Ciências Sociais
2018	<i>Manas: um estudo das mensagens sociais acerca das masculinidades gays no grupo de Facebook BIV</i>	Rodrigo Casaut Melhado	Universidade Federal de São Carlos	Sociologia

Fonte: o autor, 2021

Considerando o resultado muito reduzido de trabalhos após a primeira busca no Portal Capes, resolvi empreender uma nova busca, desta vez com apenas uma palavra-chave, Grindr, nome do aplicativo no qual busco analisar as relações e percepções dos sujeitos participantes da pesquisa. Para minha surpresa, sem a utilização de quaisquer filtros, foram encontrados apenas cinco resultados, sendo quatro dissertações de mestrado e uma tese de doutorado, todas do ano de 2017. As áreas do conhecimento encontram-se distribuídas da seguinte forma: dois trabalhos de Letras, dois de Psicologia e um de Comunicação, sendo esta última a única tese de doutorado. Dentre esses trabalhos, dois se propunham analisar processos comunicacionais entre homens usuários de aplicativos destinados ao público homossexual, entre os quais o Grindr, estando desse modo apenas parcialmente próximos aos objetivos que elenco para a minha pesquisa, uma vez que o meu foco não está na análise linguística e comunicacional; considerei, portanto, excluí-las da presente busca e análise. Assim as três dissertações encontradas apresentam-se na Tabela 2 abaixo.

Tabela 2: Dissertações encontradas com a palavra-chave Grindr

Ano	Título da dissertação	Autor	Instituição	Programa
2017	<i>Não existe amor em app? pistas sobre o processo de subjetivação entre homens por meio de aplicativos voltados ao público gay</i>	Fabio Morelli Rosa	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	Psicologia
	<i>“Não sou nem curto afeminados”: reflexões viadas sobre masculinidade hegemônica e a efemínofobia no Grindr</i>	Mahamoud Baydoun	Universidade Federal de Rondônia	Psicologia
	<i>Aplicativos de encontro gay: traços identitários de seus usuários em Belo Horizonte</i>	Venan Lucas de Oliveira Alencar	Universidade Federal de Minas Gerais	Estudos Linguísticos

Fonte: o autor, 2021

Faz pouco mais de uma década que o Grindr utiliza a tecnologia de geolocalização para promoção de uma plataforma de interações e encontros entre pessoas (MISKOLCI,

2015). A dissertação de Zago (2009) configura-se como um marco importante para os estudos que se dedicam a pesquisar os relacionamentos *online*. No mesmo ano em que Zago (2009) finaliza o trabalho de mestrado, o Grindr foi lançado no mercado e inaugura novas práticas de namoro/“pegação” voltadas para homens *gays*.

Em sua pesquisa, Zago (2009) apresenta um *site* de relacionamento voltado para o público *gay* masculino e, a partir disso, tece reflexões sobre as dinâmicas ciberculturais e sua influência, ainda que incipiente, na constituição de identidades e performances desse público. Desde então muito mudou na relação da sociedade com a tecnologia digital em rede; ainda assim, o trabalho do autor permanece não apenas como importante referencial, mas também como inovador na articulação entre estudos de gênero, masculinidade e as dinâmicas sociais mediadas por computador. Somente em 2017 é possível encontrar no Portal Capes um conjunto de dissertações que viessem a correlacionar esses temas.

Cabe ressaltar também que Anjos (2013) apresenta importantes contribuições para a performatividade masculina na internet, investigando interações entre homens vinculadas à prática e apreciação esportiva. Por sua vez, Kurashige (2014) mergulha mais especificamente nas interações masculinas em aplicativos de relacionamento. Em sua dissertação, o pesquisador se propõe à investigação da influência das mídias digitais nas relações homoeróticas masculinas, tudo isto interseccionalizado com a racialidade e delimitado espacialmente pelo município de São Carlos, no Estado de São Paulo.

Localizei, no ano de 2017, seis dissertações que analisam a relação da constituição de masculinidades mediadas por interações digitais em rede. Saldanha (2017) apresenta o *site* Cam4²⁶ e as interações sexuais masculinas pagas via internet, bem como as formas de apresentar masculinidades específicas no ciberespaço. Na dissertação *Selfies no Tinder: masculinidades como performance*, Dutra (2017) investiga a construção de novas masculinidades possíveis a partir do uso do aplicativo Tinder por homens.

As próximas três dissertações incluem especificamente o aplicativo Grindr em suas pesquisas de campo.

Em *Não existe amor no app? Pistas sobre o processo de subjetivação entre homens por meio de aplicativos voltados ao público gay*, Rosa (2017) analisa os aplicativos de relacionamento Grindr e Hornet, voltados especificamente para o público masculino. Nesse

²⁶ O Cam4 é um site que conecta usuários de diversas nacionalidades. Em sua plataforma é possível escolher sua preferência quanto ao gênero do parceiro. Há a opção também de enviar aportes financeiros para outro usuário; assim, é comum a existência de membros que realizam ações, em geral de cunho sexual e fetichista, pela *webcam* para outro parceiro que pagou para que essa ação fosse realizada.

trabalho, busca entender como são construídas relações afetivas e sexuais mediadas por tecnologias digitais em rede entre o público *gay* masculino. O trabalho traz considerações sobre aspectos éticos e metodológicos, considerando assim o desafio de pesquisar no ciberespaço. O autor faz ainda importantes considerações sobre cultura e consumo nas relações homoafetivas contemporâneas, traçando um paralelo entre os aplicativos e as leis de mercado de oferta e procura.

Por sua vez, Baydon (2017) se debruça apenas no Grindr para a condução de sua pesquisa. Segundo o autor, existe um perfil de masculinidade hegemônica desejável por homens *gays*, o qual antagoniza com outro perfil mais próximo do espectro entendido como feminino. Assim, um dos achados da pesquisa foi perceber que homens considerados efeminados com perfis no Grindr sofrem preconceito e são preteridos quando comparados com os que performatizam a masculinidade dominante. Para a condução dessa pesquisa, foi utilizado o método da etnografia virtual, sendo realizadas entrevistas com dez usuários do aplicativo. A pesquisa também realizou análises do material de campo mediante uma perspectiva interseccional, incluindo marcadores como papéis sexuais, classes sociais, racialidade e faixa etária, demonstrando o quão complexa se torna a sociabilidade entre homens *gays* na contemporaneidade. Baydon (2017) conclui que há uma internalização das normas regulatórias de gênero, as quais são produzidas e reiteradas no ambiente digital e que colocam em funcionamento a valorização de perfis, pessoas e corpos que seguem o padrão do homem heterossexual idealizado.

Por fim, o último trabalho listado no ano de 2017 destaca o enquadramento dos estudos de sociabilidade digital, concentrando-se nas áreas da Antropologia e da Comunicação. Alencar (2017) investiga o papel das normas regulatórias de gênero na promoção de exclusões e ausências na sociabilidade entre homens. O autor argumenta que isso ocorre devido a uma reprodução de padrões heterossexistas. Metodologicamente, a pesquisa se desenvolve por meio da análise do discurso nos perfis de homens *gays* em três aplicativos direcionados a essas pessoas: Grindr, Hornet e Scruff. Para isso, o pesquisador utiliza a ferramenta de captura de telas (*print screen*), com um recorte de 71 perfis delimitados geograficamente na cidade de Belo Horizonte, capital mineira. O objetivo da pesquisa é lançar luz sobre a construção de identidades no ambiente cibercultural, levando em conta as dinâmicas comunicacionais *online*. Cabe ressaltar que também foram consideradas outras formas comunicacionais não verbais de expressões, como fotos e imagens constituidoras do perfil.

Em 2018, apenas uma dissertação aparece selecionada no recorte proposto. A pesquisa de Melhado (2018) investiga o grupo BIV no Facebook por meio da análise das interações entre seus membros. Com isso, busca entender como as expressões de masculinidades e homossexualidade são expressas e vivenciadas por eles. Com o advento da Web 2.0 e do acesso às mídias digitais, Melhado (2018) analisa as influências na constituição do homem *gay*.

Embora os estudos sobre masculinidades sejam recentes na produção acadêmica brasileira, bem como as investigações ciberculturais que consideram a utilização da mobilidade e geolocalização na construção do conhecimento e na constituição do ser humano, ainda assim considero baixo o número de dissertações e teses localizadas no Portal Capes. Cabe questionar o porquê da ausência dessa relação entre masculinidades e dinâmicas ciberculturais, mais especificamente em programas de mestrado em Educação.

Conforme destacado por Alencar (2017), a maior concentração de trabalhos considerando a sociabilidade mediada pelo digital em rede vem ocorrendo nos campos da Antropologia e da Comunicação. Preocupa-me a falta de pesquisas envolvendo masculinidades e internet no campo da Educação, ainda mais considerando a necessidade de continuarmos investindo em estudos que se debrucem sobre os processos formativos *dentrofora* da escola. Adotando tal perspectiva, entendo que pensar Educação na cibercultura deve ser não apenas considerar dispositivos digitais em rede na adoção de práticas pedagógicas – o que por si só é bastante relevante –, mas também indagar como as redes sociais digitais contribuem para os processos de *ensinaraprender* de cada um/a, passando pela reprodução de crenças, valores e normas, até culminar na própria constituição identitária do indivíduo. Afinal de contas, pensar a formação e liberdade completa do indivíduo não é o papel da Educação?

Nesse sentido, cabe frisar que inicialmente não utilizei a palavra-chave Grindr na busca do Portal Capes, pois não é o aplicativo em si que torna relevante a pesquisa desenvolvida, mas os sentidos produzidos pelos seus usuários sobre a constituição das masculinidades dissidentes. Dessa maneira, a baixa produção acadêmica voltada para investigar a constituição de masculinidades em contextos ciberculturais evidencia a necessidade de que novos estudos sejam desenvolvidos abarcando essa temática. Assim, o desafio apresentado é o de contribuir teórico e metodologicamente para uma melhor compreensão das mudanças sociais advindas dos processos de comunicação mediadas por dispositivos digitais em rede (AMARO, 2016).

3 BAIXAR, INSTALAR E REGISTRAR: NOTAS SOBRE O CAMPO E OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

3.1 Pesquisar na cibercultura: potencialidades e desafios

A internet em sua fase atual tem como centralidade a intensificação do uso das redes sociais e desenvolvimento da tecnologia em aplicativos móveis, permitindo a criação de redes de sociabilidade entre indivíduos geograficamente dispersos construídas por meio de interações constantes e interesses em comum (SANTAELLA; LEMOS, 2010). Cabe também ressaltar que as interações inauguradas pela cibercultura fizeram com que cada indivíduo conectado em rede pudesse ser protagonista na produção e no compartilhamento de informação (LIMA, 2009).

A opção por conduzir esta pesquisa em dispositivos eletrônicos conectados em rede ocorre em função das potencialidades comunicacionais e interativas das práticas mediadas pelo digital em rede. A cibercultura, própria à contemporaneidade, vem (re)estruturando as dinâmicas sociais, modificando a forma como consumimos e produzimos informação com outras pessoas (SANTOS, 2011). A partir do uso das tecnologias digitais em rede, temos tido a oportunidade de “participar, questionar, produzir, decidir, transformar a dinâmica social” (BONILLA, 2009, p. 28) em parceria com outras pessoas geograficamente dispersas. Pretto e Assis (2008, p. 78) caminham nessa mesma linha de pensamento e reiteram que a cultura digital indica “um processo crescente de reorganização das relações sociais mediadas pelas tecnologias digitais, afetando em maior ou menor escala todos os aspectos da ação humana”.

O campo da Educação não é uma exceção a isto. Como apresentam Barbosa, Santos e Ribeiro (2018), o uso de tecnologias móveis nos processos formativos é parte da cultura contemporânea, não apenas incluindo novos dispositivos eletrônicos, mas também aplicativos que se constituem em aliados nos processos de pesquisa e formação docente. Nesse contexto, as autoras salientam que “os aplicativos têm possibilitado situações de aprendizagem nas quais sujeitos interagem em mobilidade e ubiquidade, possibilitando assim novos modos de produção de saberes” (p. 111).

Para Miskolci (2018, p. 51), devemos ter em mente três perguntas provocadoras: “o que é educar, como educar e para que educar”. Esse autor aponta que o diálogo pode ser um caminho importante para romper com uma prática pedagógica de mera transmissão de saberes. Eu me alinho a esse pensamento e defendo que tal perspectiva é potente para incorporar vivências dos processos de aprendizagem anteriormente marginalizadas. Valendo-

me de Santos (2010), compreendo o conhecimento como uma teia multidimensional colaborativa na qual os saberes são construídos – e não meramente transmitidos. Nessa ótica, aproprio-me do termo *ensinaraprender*, grafado propositalmente junto, de modo a constituir uma única palavra, pois é dessa forma que é entendido ao longo do processo desta pesquisa. *Aprendemosensinamos*, dialogicamente, em um processo simbiótico que nos impossibilita conhecer os limites entre o ensinar e o aprender (FERRAÇO; ALVES, 2018).

As potencialidades de contatos em rede para o (re)pensar a educação emergem justamente quando mantemos em mente tal perspectiva. As conexões digitais incorporam novas dinâmicas ao campo da Educação, possibilitando criações e compartilhamentos de conteúdos e saberes através da rede (VELLOSO, 2017). Conforme afirma Couto Junior (2013, p. 55), “o ciberespaço adquire sentido, se constituindo como um espaço propício para que seus usuários adquiram e compartilhem todo e qualquer tipo de conhecimento”. A partilha de informações ganha especial destaque quando pensamos nas referidas potencialidades. A interação que busquei estabelecer com os sujeitos da pesquisa é pautada em “princípios da reciprocidade, participação e compartilhamento” (BARBOSA; SANTOS; RIBEIRO, 2018, p. 122). A construção do conhecimento em redes digitais permite não apenas o compartilhamento de ideias, mas também sua conectividade em teias de informações. Assim, é possível, por meio de *links* e arquivos, a criação de uma trama de saberes colaborativos (COUTO JUNIOR, 2013).

Somada a isso e retomando o que ensinam Barbosa, Santos e Ribeiro (2018), a possibilidade de utilização, durante a pesquisa, de suportes digitais de memória, como por exemplo a utilização do WhatsApp não apenas para comunicação, mas como procedimento metodológico, oferece novas oportunidades de pesquisar no ciberespaço. Os usos dessas interfaces digitais estão intrinsicamente ligados a novas práticas de conduzir nossas pesquisas, permitindo que narrativas *online* sejam “revisitadas, ressignificadas e publicizadas com base na bricolagem com a pluralidade de vozes que habitam o espaço na relação com as inspirações epistemológicas e metodológicas do pesquisador” (BARBOSA; SANTOS; RIBEIRO, 2018, p. 112).

Os conceitos de ubiquidade e mobilidade, próprios da cibercultura (BARBOSA; SANTOS; RIBEIRO, 2018; SANTOS, 2010; COUTO JUNIOR, 2013), devem ser considerados em pesquisas que se desenvolvam na cibercultura. Durante a condução da pesquisa, as possibilidades de romper com o dualismo hierarquizante pesquisador/pesquisado, bem como de transpor as barreiras geográficas por meio da conexão de indivíduos em rede, trazem consigo dinâmicas e possibilidades novas ao processo de pesquisa que não podem

passar despercebidas por quem a conduz. Afinal, conforme diz Lemos (2010, p. 36), “as redes digitais permitem que estejamos simultaneamente em vários espaços, partilhando sentidos”.

Ademais, entendendo que a pesquisa e a escrita constitutivas do presente texto refletem minhas experiências pessoais, eu não poderia tecer análises sobre as masculinidades sem incluir o digital em rede. Isso se deve porque eu mesmo já fiz uso da internet na busca por relacionamentos amorosos com outros homens *gays*. Assim como Zago (2009), acredito que muitos jovens e adultos *gays* hoje vêm buscando parceiros através da internet. Em uma sociedade (ainda hoje) homofóbica, foi por meio das salas de bate papo e *sites* eróticos voltados para o público LGBTQ+ que tive os primeiros contatos e interações com outros homens. Ponho-me, desse modo, novamente no texto de forma direta, pois a minha história serve para reflexões atuais sobre como e por que pesquisar as masculinidades dissidentes na cibercultura.

Durante minha infância, brevemente relatada anteriormente, a sexualidade era marcada ao mesmo tempo pela autocobrança e pelo estranhamento às normas regulatórias de gênero impostas no ambiente escolar. Durante a juventude, a escola ainda se mantinha como local repressivo para a expressão de minha masculinidade, porém a possibilidade de resiliência pós-escolar, para o meu “eu”, foi alterada com a chegada do acesso à internet em minha casa. Se antes o toque do sino da escola anunciando o fim da Educação Física, recreio, e da própria escola era o som de uma liberdade só conseguida com a solidão de volta ao meu lar, o chiado da internet discada passou a anunciar uma nova liberdade, alçada por meio do contato anônimo com outros jovens *gays*.

À época eu tinha por volta dos 16 anos, e cabe lembrar: a internet era muito diferente²⁷. As possibilidades de acesso a vídeos eram extremamente limitadas, e nem se cogitava mobilidade e conexões sem fio. Mesmo com fios/cabos e conexões instáveis, a internet discada foi marcante porque proporcionou uma liberdade impensável para mim naquele momento. Como uma porta para “outro mundo”, o modem da IG²⁸, conforme apresento na Figura 3, configurou-se para mim como uma porta de entrada para novos processos de sociabilidade. O som do chiado da discagem e conexão e o apelo visual do modem, com aparência tecnológica moderna para os meus olhos à época, me transportavam para possibilidades que eu não enxergava no mundo físico que me cercava. Mais do que

²⁷ Embora o uso dessas plataformas comunicacionais seja destinado a pessoas maiores de 18 anos, não raramente jovens que não atingiram a maioridade o usam, driblando as mensagens de alerta sobre os perigos de conversar com pessoas desconhecidas. O mesmo se aplica a redes sociais como o Facebook, que não permitem o uso por crianças. Nesse caso, muitas realizam o cadastro mentindo a idade para conseguir ter acesso à rede social.

²⁸ IG era o nome de fantasia da Internet Group, uma das empresas que provia acesso à internet discada gratuito no Brasil durante a primeira década do século XXI.

evocar nostalgia, a figura é emblemática na minha formação porque rememora uma época de transição para o mundo de descobertas onde homens *gays* conectavam-se a seus pares por meio de redes digitais. Da mesma forma, o som característico citado aqui pode ser acessado por meio do QR code²⁹.

Cabe ressaltar que se conectar era um processo bastante demorado na maioria das vezes. Ocorriam várias tentativas de discagem, em que, em geral, a linha expressava o som de ocupado; então de fato passávamos muito tempo olhando e ouvindo o modem antes de finalmente estarmos conectados. Mesmo quando a conexão era bem-sucedida, era comum “cairmos” (perdermos a conexão), e o ritual de acesso deveria ser reiniciado. Tudo isso transformou para mim a experiência de acesso à internet – contato com homens *gays*, uma experiência própria, com horário, local, sons e imagens próprios.

Figura 3 - Modem IG, ou um portal para outras masculinidades



Fonte: Página 2 DÍGITOS³⁰

Não consigo hoje lembrar de interesse maior ou a que dedicava tanto tempo conectado do que a interação com outros homens *gays* durante minha juventude. Nem mesmo os trabalhos escolares eram feitos com esse auxílio; basicamente tudo era pesquisado e estudado



²⁹ ou através do link: <<https://bit.ly/2QdjnGg>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

³⁰ Disponível em: < <http://2digitos.net/discador-ig-gratuito/>> Acesso em: 15 ago.2020

integralmente *offline*. Assim, os acessos se resumiam principalmente a duas janelas: o Bate Papo Uol e o MSN. A conversa *online*, por meio do MSN e do Uol eram as formas de interação possíveis que encontrei, assim como muitos outros homens *gays*, para desenvolver relacionamentos com outros homens, através da mediação pela conexão em rede. Como aponta Miskolci (2014, p. 283),

a rede internacional de computadores modificou profundamente a sociabilidade homossexual e sua forma de paquerar. Os *chatrooms* (salas de bate-papo) e sites foram apenas as plataformas que “ensinaram” essa nova forma de buscar parceiros, mas fazem parte da era em que os computadores permitiam pouca mobilidade.

Tal como Zago (2009), logo reconheci normas e padrões de comportamento próprios no contato com homens por meio dessa tecnologia. De acordo com o autor, “as salas de bate-papo funcionavam para mim como espaço de experimentação, de aprendizagem e de construção da sexualidade e da masculinidade a partir da comunicação com outros internautas” (ZAGO, 2009, p. 45).

Conduzir a pesquisa em rede também tornou-se a uma opção possível tendo em vista a necessidade de conciliar o trabalho acadêmico com o trabalho que venho desenvolvendo como gerente administrativo em uma empresa privada. Assim, as possibilidades de rompimento com distância, possibilitando conectar em tempo real pessoas geograficamente dispersas foi fundamental (SANTAELLA, 2013; PRIMO, 2013). Da mesma forma, juntamente ao texto acadêmico, apresento outras expressões da linguagem, como ilustrações, poemas e vídeos, por meio da tecnologia do QR code, que, assim como nas redes digitais, poderiam comunicar as ideias apresentadas em uma conversa mediada pelas atuais tecnologias comunicacionais. Dito isso, desenvolver pesquisa no contexto das dinâmicas ciberculturais oportuniza maior flexibilização de horário durante os momentos de interação com os participantes, além do fato de que o potencial investigativo das redes sociais digitais comumente é negligenciado nas pesquisas em Educação (COUTO JUNIOR; AMARO; TEIXEIRA; RUANI, 2020).

3.2 Homens *gays* conectados na/em rede: Grindr, o perfil dos sujeitos e a pesquisa

Desde o lançamento em 2009, o Grindr se tornou o maior aplicativo de rede social para *gays*, *bi*, *trans* e *queer*. Temos milhões de usuários diários que usam nossa tecnologia baseada em localização em quase todos os países de todos os cantos do planeta³¹.

³¹ Tradução livre de: “Since launching in 2009, Grindr has grown into the largest social networking app for gay, bi, trans, and queer people. We have millions of daily users who use our location-based technology in almost every country in every corner of the planet”. Disponível em: <<https://www.grindr.com/br/>>. Acesso em: 16 abr. 2020.

Parágrafo inicial da seção About do *site* comercial Grindr.com.

Em sua página oficial na internet, os responsáveis pela comunicação do aplicativo Grindr apresentam-no brevemente. Embora curta, a descrição traz elementos importantes sobre a relevância e a justificativa da escolha do aplicativo para a condução da pesquisa de campo. O aplicativo tem que onze anos de experiência na promoção de contatos entre homens que buscam relações com outros homens. A datação é seguida de uma afirmação enaltecedora, pois diz que, desde o seu lançamento, converteu-se no maior aplicativo de redes sociais para o público a que se destina. Tal afirmação é reafirmada exaltando sua abrangência, com presença em diversas partes do mundo.

Tendo tais informações em mente, procurei conhecer o Grindr a partir da conjunção das três informações que julguei basilares do texto apresentado por eles: a) permanência, b) sociabilidade (descrita a partir da caracterização como uma rede social) e c) abrangência. Desse modo, a escolha do aplicativo para a condução da pesquisa com homens *gays* levou em consideração o alcance da rede e seu histórico.

O contato com outros homens *gays*, entendido então como demanda já existente, impulsionou tanto o desenvolvimento de salas de bate-papo e *sites* de relacionamento nos anos de 1990 e 2000 quanto os aplicativos móveis no final da primeira década deste século. Porém as transformações nas formas de interação, resultado do uso dessas novas tecnologias, passou a transformar a própria interatividade. Conforme destaca Miskolci (2014, p. 283), “o advento de equipamentos móveis geolocalizados, *smartphones* e *tablets*, entre 2009 e 2010, tornaram possível a existência de aplicativos que superaram as plataformas antigas por serem mais práticos e simples de usar”.

É preciso ter em mente que a mobilidade e a interconectividade remotas possibilitam a produção e a difusão de um fluxo contínuo de informações, nas quais essas redes se embasam (SANTAELLA; LEMOS, 2010). Tais redes são constantemente acessadas e atualizadas por seus usuários, tendo por princípio a ideia de que os participantes dessas interações não são meros consumidores de conteúdos, mas sim atores ativos na (re)produção de conteúdos em rede (SANTOS; CARVALHO, 2018; SANTOS, 2011; FERREIRA; COUTO JUNIOR, 2018).

Dado o exposto, a caracterização e as constituições de redes sociais considerando o ciberespaço devem levar em conta as formas pelas quais essas tecnologias digitais afetam modos de pensar, comunicar e interagir. Reconhecer que há uma dicotomia entre *online* e *offline* é desconsiderar tanto as transformações e incorporações da tecnologia da vida e

sociabilidade humana como descaracterizar laços reais que se formam graças à mediação das tecnologias da informação. Assim, podemos pensar as redes sociais digitais como mais uma forma de agrupamento social integrado em torno da identificação de interesses em comum, com contatos auxiliados pelas possibilidades tecnológicas (MISKOLCI, 2014; RECUERO, 2009; LEMOS, 2002).

3.2.1 Apresentação do Grindr

Lançado em março de 2009, o Grindr foi a primeira plataforma no mundo a conjugar a tecnologia de geolocalização, por meio de satélites, para mediar interações entre indivíduos (MISKOLCI, 2014). Dessa forma, o lançamento do Grindr configura-se como um marco significativo nas relações sociais mediadas por dispositivos digitais em rede, ainda mais considerando o quanto os aplicativos de namoro/“pegação” são capazes de potencializar as práticas de sociabilidade entre seus usuários.

A geolocalização incorporada às redes sociais inaugurou uma nova fase na busca por contatos/parceiros. Com tecnologia baseada em GPS (*global positioning system*) o Grindr permite uma triangulação para o cálculo de distanciamento de perfil em um raio a partir de um perfil referencial. Desse modo, ao se criar um perfil neste aplicativo, é possível visualizar instantaneamente os perfis mais próximos ao seu. Tal ação visa justamente privilegiar a possibilidade de contatos físicos ao priorizar a distancia espacial como critério para visualização de possíveis interlocutores (COUTO; SOUZA; NASCIMENTO, 2013). Assim, o desenvolvimento do aplicativo e de suas funcionalidades foi pensado e direcionado para uma realidade móvel nas interações ciberculturais levando em consideração que, “com a atual fase dos computadores ubíquos, portáteis e móveis, estamos em meio a uma mobilidade ampliada, que potencializa as dimensões físicas e informacionais” (LEMOS, 2011, p. 17).

No que tange à sua abrangência, o aplicativo demonstra ser muito popular entre o seu público. O Grindr pode ser baixado gratuitamente tanto para Android quanto para iOS. Em novembro de 2019, no Google Play Store, o aplicativo possuía cerca de 419 mil avaliações e, segundo o aplicativo, mais de 10 mil *downloads*. Suas redes sociais oficiais também apresentam números expressivos: 1.670 publicações e 367 mil seguidores no Instagram; 221.184 “curtidas” e 220.250 seguidores na página do Facebook; 10,7 mil *tweets* com 149 mil seguidores no Twitter; 5,97 mil inscritos na página do aplicativo no YouTube, alcançando o total de 340 mil visualizações.

Quanto à sua interface, o aplicativo permite aos seus membros escolher imagens/fotos de perfil, *nickname* e idade, além de outros atributos como altura, peso e preferências sexuais. Criado um perfil, é possível visualizar outros 99 membros, *online* e *offline*, ordenados pela distância relativa ao dono do perfil utilizado, do mais próximo ao mais distante, além de mais 15 perfis na parte superior da tela de membros mais recentes no aplicativo, igualmente apresentados a partir do critério espacial.

A Figura 4 apresenta a primeira etapa de criação do perfil no Grindr. Nesse espaço é possível: 1) incluir fotos de exibição pública no perfil; 2) atribuir um “nome de exibição”, o qual pode funcionar como “*nickname*” ou ser utilizado para passar alguma informação que o usuário julgue importante, como suas preferências sexuais ou restrições de contato; e 3) realizar breve descrição de si. Cabe salientar que, conforme apresentado na Figura 5, os perfis são dispostos para visualização coletiva constando apenas imagem e “nome de exibição”, o que torna esse campo um espaço potente para atrair maior visibilidade e interação, assim como a imagem principal (primeira) escolhida para o perfil.

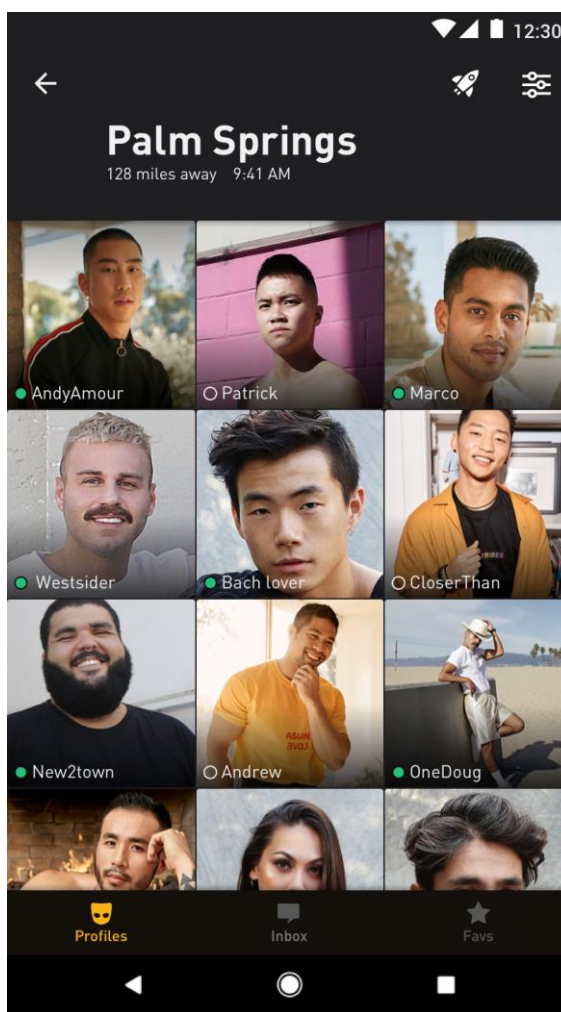
Figura 4 - Editando perfil – Foto, nome, sobre



Fonte: o autor, 2020

Por uma questão ética, evitando a exibição de usuários sem autorização, a Figura 5, ao invés de ser extraída do meu aplicativo, foi reproduzida de uma imagem de divulgação do aplicativo disponível na seção *Help* do *site* oficial do aplicativo, destinada a ensinar as suas funcionalidades.

Figura 5 - Perfis em exibição



Fonte: O autor, 2020

A segunda etapa do processo de criação do perfil é a escolha dos dados que constarão da seção *Stats* (em tradução livre, Estatística), área destinada a informações objetivas do perfil, como idade, altura e peso, bem como subjetivas e fluidas, tal como porte físico e tribo. Na Figura 6 é possível verificar todos os campos, bem como a ordem e disposição em que são apresentadas as informações. Trata-se de perguntas com respostas preestabelecidas, mostrando relativo grau de representatividade, porém de resposta não obrigatória. Nenhum item da constituição do perfil possui obrigatoriedade de preenchimento, ou seja, é possível participar do Grindr criando um perfil que contém apenas algumas informações.

Figura 6 - Estats

Editar Perfil

ESTATS

Idade
28

Mostrar idade ☒

Altura
176 cm

Peso
80 kg

Etnia
Sem resposta

Porte físico
Parrudo

Posição
Sem resposta

Tribos
Sem resposta

Relacionamento atual
Sem resposta

SALVAR ALTERAÇÕES

Fonte: o autor, 2020.

As próximas duas etapas, passíveis de serem visualizadas na Figura 7, são definidas como “expectativas” e “identidade”. Na primeira as perguntas são basicamente referentes a que tipo de atividade cada membro está aberto e disposto a fazer, resumindo o uso que dará ao aplicativo, desde apenas conversar com outros membros até a busca por uma relação amorosa estável, passando por sexo casual e amizades. Logo em seguida são feitas duas perguntas, geralmente destinadas a pessoas dispostas ao sexo casual. A primeira delas busca saber onde pretende realizar um encontro presencial, com opções de resposta variando desde encontros em locais privados, como “minha casa” e “sua casa”, a locais públicos como “cafeteria” e “bar”. A segunda pergunta busca saber se o usuário “aceita fotos NSFW” – sigla que deriva da expressão em inglês *not safe for work*; basicamente se refere a materiais não destinados a

serem usados/apreciados em público. No contexto do aplicativo, o uso da sigla na pergunta destina-se a saber se o dono do perfil em construção aceita receber as famosas *nudes*, ou fotos de nus, tanto de corpo inteiro como de apenas de partes do corpo.

A parte Identidade, por sua vez, consiste em uma autodeclaração de gênero, com respostas preestabelecidas, com três classificações principais e algumas subclassificações dentro delas. As três classificações que dão origem às opções são: Homem, Mulher e Não Conformista. Dentro da opção “Não conformista”, encontram-se opções como “travesti” e “*queer*”, além da opção “não binário personalizada”, onde a pessoa pode digitar o gênero que escolher. À primeira vista parece problemático o enquadramento de gênero em opções preestabelecidas e a classificação “Não conformista”. No entanto, a opção de definição não estática de gênero, expressa tanto na possibilidade de “criar” seu próprio gênero no aplicativo como de editar o perfil no momento que quiser. Essa opção no aplicativo me remete a Butler (2019), para quem gêneros e corpos não comportam a simples classificação binária. Dessa forma, não estou negando as opções identitárias fornecidas pelo aplicativo, mas entendendo que não são suficientes para abarcar a complexidade/multiplicidade de formas de constituição de corpos, gêneros e sexualidades.

Figura 7 - Expectativas e Identidade

Editar Perfil

EXPECTATIVAS

Em busca de
Sem resposta

Local de encontro
Sem resposta

Aceitar fotos NSFW
Sem resposta

IDENTIDADE

Gênero
Sem resposta

Pronomes
Sem resposta

Fonte: o autor, 2020

Posteriormente, ainda na criação/edição de perfil, são apresentadas opções de preenchimento de dados relativos à Saúde sexual. Esta seção é relativa ao HIV, com informações sobre ser ou não portador do vírus bem como a carga viral. Nessa opção também é possível informar a ultima data de testagem feita e adicionar um lembrete para que o aplicativo notifique o usuário sobre o período escolhido para realizar um teste de detecção do HIV. Essa disposição de dados pode ser observada na Figura 8.

Figura 8 - Saúde sexual



Fonte: o autor, 2020.

Esta parte do perfil sobre a Saúde sexual do usuário apresenta algumas polêmicas. Inicialmente, é preciso ter em mente que as primeiras políticas públicas massivas para pessoas *gays* surgiram como resposta ao surto de HIV/AIDS no Brasil, estando por muito tempo como marcador e estigma restrito a essas pessoas (TREVISAN, 2018). Um dos comunicados frequentes realizados pelo Grindr sobre maior conscientização quanto ao vírus HIV vem de

um programa de saúde sexual mantido pela plataforma, denominado G4E (Grindr For Equality), o qual pode ser visto na Figura 9. No entanto, por mais relevantes que sejam as formas de informação e conscientização desenvolvidas pelo Grindr, é preciso refletir sobre essas informações na constituição de um perfil, o que pode atrelar o vírus à própria identidade do indivíduo.

Figura 9 - G4E



Fonte: o autor, 2020.

3.2.2 Quando a entrada em campo “dá ruim”: do Grindr para o WhatsApp

Fiz o *download* do Grindr na Google Play Store e criei uma conta no aplicativo em setembro de 2019. Essa foi minha entrada em campo, explorando as possibilidades do aplicativo e pensando em como fazer os primeiros contatos com os sujeitos. O Grindr logo me

fez perceber o quão importantes eram as possibilidades expressas pela interatividade alcançada a partir da tecnologia de geolocalização. Com as dinâmicas e mobilidades espaciais, é possível acompanhar variações nas distâncias relativas entre o referencial e outros perfis, além de visualizar as alterações de perfis na seleção disponível para interações, já que o aplicativo promove constantes atualizações levando em consideração as distâncias espaciais entre os perfis.

Além disso, o Grindr também permite filtros diversos, ordenando, sempre pelo critério espacial, perfis específicos como: por faixa etária, etnia ou pelo que o aplicativo denomina “tribo”. Esse agrupamento de usuários em tribos, faixa etária e etnia potencializa tanto as possibilidades de busca quanto as de identificação coletiva; essa identificação de busca e interesses em comum encoraja maior participação dos sujeitos no aplicativo (MISKOLCI, 2014; RECUERO 2009; LEMOS, 2002).

As “tribos”, apresentadas na Tabela 3, são as opções de identificação coletiva dadas pelo aplicativo; ao lado apresento o significado dado por alguns dos sujeitos participantes da pesquisa. Cabe ressaltar que alguns termos e tribos serão abordados e trabalhados posteriormente em conjunto com os sujeitos participantes da pesquisa e articulando a conceitos como pertencimento, identidade e performatividade.

A classificação em “tribos”, apesar de autodeclaratória opcional durante a construção e/ou edição do perfil no Grindr, possui limites na percepção do outro, já que algumas delas estão ancoradas em atributos e/ou características físicas as quais permitem maior ou menor grau de pertencimento.

Tabela 3: “Tribos” e significações³² atribuídas por usuários do Grindr

Tribos	Significação
Urso	Homens acima do peso. Gordos e parrudos.
Elegante	Se vestem bem. Tem uma postura elegante. Ricos.
Papai	Mais velhos, mas que se cuidam e preferem homens mais jovens.
Discreto	Não necessariamente “no armário”. Que não são afeminados.
Nerd	Gamers, Geek. Homens mais quietos e caseiros.
Barbie	Bonito e sarado.

³² Significação aqui é empregada com base na Semiologia, que entende serem as representações mentais relacionadas a formas linguísticas, sinais, fatos e gestos. Desse modo, as explicações dadas sobre termos, imagens, sinais, adjetivos e outros próprios do Grindr privilegiam o olhar/palavras dos sujeitos participantes da pesquisa.

Couro	Curte dominação. Adepto ao BDSM
Malhadinho	Magros definidos ou sarados. Que se cuidam e frequentam academia.
Soropositivo	Portadores de HIV.
Cafuçu	Negros. Morenos. Favelado. Estilo “Zé droguinha”.
Trans	Homens e mulheres Transsexuais. Travestis
Garotos	Novinhos. <i>Teens</i>
Sóbrio	Discreto. Básico.
Não especificado	-

Fonte: Produção própria em conjunto com os participantes da pesquisa, 2020.

Em sua versão paga, intitulada Grindr Xtra, mais pessoas podem ser visualizadas, bem como conversar com pessoas distantes por meio da ferramenta “explorar”. A busca em si, e não o encontro, constitui um dos principais aspectos desse tipo de aplicativo, conforme expresso por Miskolci (2014). De acordo com o autor, as interações visando a conquista do parceiro é uma característica valorizada entre os homens *gays*, por ser entendida como um atributo relacionado a uma idealização de masculinidade. Cabe ressaltar que o ato de paquerar seguindo seus próprios critérios, para homens *gays*, é uma liberdade historicamente nova e relativamente mais fácil hoje, com a emergência e popularização dos aplicativos conectados em rede.

Dentro da interface do aplicativo, essa paquera pode ser realizada por meio de mensagens de textos e voz de forma privada entre usuários, tentando chamar a atenção de um homem através do “tap”, uma espécie de “curtida de perfil”, que no contexto indica interesse do perfil de um usuário em outro, ou simplesmente observando os homens que estão próximos geograficamente. Não seria demais afirmar que o aplicativo potencializa a criação de comunidades virtuais, ou seja, “agregações em torno de interesses comuns, independentes de fronteiras ou demarcações territoriais fixas” (LEMOS, 2002, p. 93).

Conforme estudo de Santaella e Lemos (2010), a diferença fundamental das primeiras redes, como o MSN, o Orkut e o MySpace, para as atuais, como o Facebook e o Twitter, é justamente a possibilidade de integração entre as redes e outros aplicativos. Nessa perspectiva, o Grindr não foge a essa regra. Se em suas versões mais antigas as possibilidades interativas do Grindr eram bem mais restritas, atualmente o aplicativo cumpre a característica de conexão entre redes destacada por Santaella e Lemos (2010). Não só a gerência do aplicativo mantém contas abertas em diversas outras redes sociais como também permite a

conexão com Facebook, Twitter e Instagram. Ao criar um perfil, cada participante tem a possibilidade de inserir seu *nickname* nas redes mencionadas, conforme pode ser observado na Figura 10, de modo que outros homens, ao acessar o seu perfil no Grindr, ao clicar no logo dessas redes sociais, é automaticamente direcionado, através do *link* inserido, para a página da rede social pertencente ao perfil visitado. Tal ferramenta é uma evolução da própria interatividade em redes sociais (SANTAELLA; LEMOS, 2010), possibilitando o transbordamento dos contatos entre os homens que fazem uso do Grindr para outras redes de contato.

Figura 10 - Redes Sociais

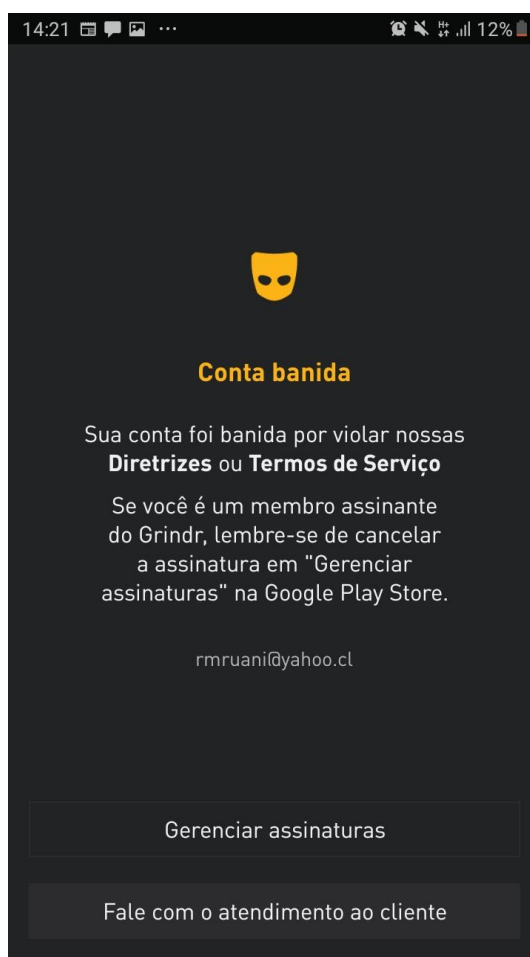


Fonte: o autor, 2020.

Assim, mesmo de posse de um perfil sem qualquer informação, logo tratei de buscar/localizar possíveis sujeitos com disponibilidade para participar do estudo de campo. Visando aumentar o alcance da minha interatividade, instalei um aplicativo de *fakegps*, responsável por informar coordenadas falsas para o celular, de modo a me posicionar em qualquer ponto do globo diferente daquele em que estou analogicamente. No entanto, sem saber, havia violado uma das cláusulas do Grindr ao utilizar esse tipo de aplicativo e fui banido em função disso.

Cabe registrar que não soube de imediato o motivo do meu banimento dessa rede; apenas me deparei com a informação apresentada na Figura 11. Posteriormente, em contato via e-mail me foi explicado o que havia ocorrido. A mensagem enviada pelo suporte do Grindr é apresentada na Figura 12. Meu percurso metodológico sofreu um desvio, mas não a pesquisa, que continuava investigando como homens *gays* que possuem perfis no aplicativo de namoro/“pegação” produzem sentidos de masculinidades dissidentes. Para isso, eu não precisava necessariamente estar conversando com esses sujeitos pelo aplicativo. Ademais, foi importante o primeiro contato com o Grindr, que me oportunizou conhecer melhor as possibilidades de uso dessa rede na interação entre homens que buscam namoro/“pegação” com outros homens.

Figura 11 – Banimento



Fonte: o autor, 2020.

Figura 12 - Resposta do Suporte Grindr

Mary (Grindr Support)

22 de out 13:56 PDT

Olá,

Agradecemos por você entrar em contato com o suporte do Grindr.

Nossa equipe de revisão deve garantir que todo o conteúdo do perfil cumpra as [Diretrizes da Comunidade](#) do Grindr e trata todas as denúncias muito seriamente.

Eu analisei o seu perfil e parece que detectamos o mesmo usando detalhes de localização incorretos. O Grindr não suporta o uso de spoofing de localização e suspende ativamente qualquer perfil usando software para contornar o serviço de localização do app.

Lamento informar que a suspensão do seu perfil não será removida.

Atenciosamente,

Mary @ Grindr Support

Fonte: o autor, 2020

A mensagem em questão seguiu como resposta ao e-mail enviado ao suporte do Grindr, pedindo esclarecimento sobre o motivo do banimento. Como apresentado, foi explicado o que havia ocorrido por meio de uma mensagem aparentemente padronizada. Em resposta, aproveitei e perguntei o que ocorreria com os dados de contas banidas, tais como fotos e outras informações pessoais. Para essa pergunta jamais obtive resposta do suporte do aplicativo.

A lógica para a promoção tão eficiente do banimento foi coerente para mim. Se a versão paga do Grindr permitia ampliar os contatos e explorar usuários ao redor do mundo, um aplicativo de *fakegps* retirava dos participantes da rede o interesse por adquirir os recursos pagos. Explicava-se assim a rapidez com que o aplicativo realizou o banimento. O capital determinava os limites do uso da tecnologia. Restou-me o aviso da conta banida e pensar em novas estratégias metodológicas para continuar prosseguindo com o desenvolvimento da pesquisa.

Após a minha saída inesperada do Grindr, a pesquisa de campo tomou nova direção. Desde o início da construção da proposta da pesquisa eu já me mostrava aberto a escolher outras redes para interagir com os sujeitos. Aprendi, no âmbito do Grupo de Pesquisa, que precisamos estar sempre abertos ao inesperado. Dito isso, em muitos momentos na

universidade, não apenas com meu orientador, mas também com colegas de turma e professores, conversava frequentemente sobre as possibilidades de conduzir a pesquisa a partir do uso do WhatsApp, uma das redes sociais mais populares hoje no mundo.

O período em que utilizei o Grindr foi bastante produtivo para a pesquisa, pois nesse tempo pude interagir e conhecer a operacionalidade do aplicativo de forma a entender as interações entre sujeitos no âmbito da rede. A experiência em campo, dado o exposto, pode ser dividida em dois processos distintos. O primeiro foi o uso por mim do aplicativo de forma exploratória; interagi com sujeitos e pude construir percepções e informações que compõem parte integrante deste texto. O segundo foi constituído por conversas, quer no WhatsApp, quer no próprio Grindr (até ser banido) com outros usuários da plataforma. Sobre isso, entendo que fazer pesquisa não é um movimento linear, ou seja, não precisei encerrar ou ter minha conta suspensa para começar a segunda etapa, mas sim que, na percepção que tenho no momento que narro tais experiências, de que se tratou de dois momentos diferentes que se conectavam eventualmente pela necessidade e pelo interesse de prosseguir com a pesquisa de campo.

Durante o período em que usei o Grindr, deparei-me com certa repetição de palavras, que inclusive passaram a constar em meu celular como sugestões para texto rápido³³. Da percepção do uso recorrente dessas palavras veio um entendimento de minha parte de que o vocabulário representava um padrão repetitivo que pode ser classificado como etiqueta ou modo de interagir nessa plataforma. Da mesma forma que o meu celular incorporava as palavras recorrentes para utilização como opção de textos rápidos, eu ia incorporando certos padrões de interação com os demais usuários.

Assim, algumas coisas ditas ou não ditas interfeririam no andamento ou possibilidade de condução de um contato/relação com alguém, e o primeiro filtro em que isso ocorreria era no próprio perfil. No que pude registrar no Grindr, tive uma interação, aqui entendida como envio e/ou recebimento de mensagem com resposta ou um *tap*³⁴ com 368 perfis. Porém, a maior parte dessas interações não passava de simples apresentações, muitas vezes com uma única frase ou um simples elogio. Porém dessas interações surgiram perguntas constantemente feitas a mim, conforme destaco a seguir.

- 1) “*Fala de onde*”? Apesar de mostrar a distância geográfica entre as pessoas, pude perceber o forte interesse sobre o local de residência dos usuários do

³³ São sugestões de palavras oferecidas pelo teclado do *smartphone* com base em palavras ou grupo de palavras mais utilizadas.

³⁴ Forma não verbal de chamar atenção de outro membro do aplicativo, acionando um sinal gráfico para que o dono do perfil ao qual o *tap* foi enviado reconheça que há interesse.

aplicativo. As relações não se demonstravam assim tão instantâneas como eu imaginava, ou como o aplicativo, em sua propaganda, busca demonstrar. Assim, apesar de apresentar pessoas que estão geograficamente próximas, isso não significa que são pessoas que circulam nos mesmos espaços.

- 2) “*Curte o quê*”? Essa pergunta refere-se especificamente à prática sexual desempenhada pelo interlocutor. “Curtir” aqui expressa o desejo de saber se o parceiro possui preferência na prática sexual entre ser ativo/penetrante, passivo/penetrado ou variações como versátil, mais ativo, passivo ou mesmo não adepto de sexo com penetração. Aparentemente, no primeiro contato é importante a definição de papéis sexuais nas relações entre esses homens. Para Bourdieu (2016), essa definição estruturante dos papéis segue a mesma lógica de reprodução de papéis de gênero, estando o passivo, ou o mais próximo dessa prática, em situação de inferioridade ao ativo. Observa-se, com essa pergunta, a busca pela representação do oposto, mantendo a lógica da penetração como definidora na maior parte dos casos identificados na pesquisa.
- 3) “*Que busca*”? Nessa pergunta recaem as expectativas sobre o outro. A ideia é a adequação das expectativas, desde um papo despretenso a um relacionamento duradouro monogâmico, passando por sexo ocasional.

Territorialidade, práticas sexuais e expectativas foram recorrentes nas conversas com meus interlocutores durante a pesquisa, assim como foi para mim receber essas perguntas durante o tempo em que usei o Grindr. Para além das três indagações apresentadas, que do meu ponto de vista poderiam constar claramente nos perfis de cada um, outros pontos recorrentes para assuntos eram o envio/recepção de fotos de nus, as famosas *nudes*, muitas vezes sendo explicitado pelos usuários o desejo de não receber esse tipo de fotos sem ser solicitado antes. Inclusive, como já descrito, o aplicativo disponibiliza uma área no perfil para o usuário dizer se aceita ou não receber essas fotos, mas em muitos casos os usuários deixavam bem claro, na parte disponível para a descrição de si, o pedido para não receber tais imagens. Durante o uso do aplicativo, não foram raras as vezes em que recebia um pênis ou ânus que saltavam a tela do meu *smartphone* sem aviso prévio ou mesmo precedido de um *olá*, e não raro eram as partes íntimas de alguém que não exibia o rosto.

Por fim, os emojis, símbolos gráficos que representam ideias e/ou emoções, são formas muito comuns não apenas de desenvolver uma conversa mais rápida, evitando digitação, mas também de descrever a si; desse modo, muitos nomes de perfis apresentam emojis para representar interesses ou atributos físicos específicos. A Figura 13 apresenta

alguns dos emojis utilizados em nomes de perfis com seus significados atribuídos pelos próprios utilizadores.

Ainda sobre os emojis, pude perceber um recorrente comércio de drogas ilícitas valendo-se das dinâmicas comunicacionais e tecnologia de GPS do aplicativo. Esses produtos eram anunciados por meio da representação gráfica de emojis também. O uso de drogas, ou, como chamadas por alguns usuários, aditivos, também é anunciado via emojis, em perfis de homens que buscam a utilização dessas substâncias durante o sexo com outro homem. Assim, apesar de não tratar especificamente dessa temática ao longo da pesquisa³⁵, achei prudente registrar essas observações, inclusive por ter sido bastante comum a visão desses emojis em diversos perfis em diversas áreas da cidade. A significação atribuída a esses emojis também consta na Figura 13.

No Anexo 1 deste trabalho apresento um texto de perfil escrito em grande parte com emojis, bem como uma tradução proposta em conjunto com dois dos participantes da pesquisa. O Anexo 2 é dedicado aos *gaymojis*³⁶, emojis criados pelo próprio Grindr, potencializando significações já dadas pelos usuários para os emojis tradicionais, tais como pêssegos, berinjelas e ursos. Cabe registrar que não observei nenhuma utilização desses *gaymojis* durante todo o período da pesquisa de campo no Grindr.

³⁵ Em publicação do dia 5 de junho de 2020 na revista *Veja*, o jornalista João Batista Jr. apresenta matéria sobre o uso do aplicativo para o comércio de drogas. Disponível em: <<https://bityli.com/YBRVW>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

³⁶ Sobre o assunto, ver matéria de Márcio Padrão publicada no dia 15 de março de 2017 no Portal UOL Notícias. Disponível em: <<https://bityli.com/XKsMp>>. Acesso em: 22 fev. 2020.

Figura 13 - Emojis

Emojis	Significação
	Bandeiras temdem a expressas os idiomas falado pela pessoa e não apenas sua origem.
	Passivo
  TOP	Ativo, A palavra top, principalmente na língua inglesa passou a ser associado ao ativo, em correspondência o passivo, neste mesmo idioma é identificado como botton (bttm) e estas siglas vem sendo utilizadas no Grindr também por usuários locais.
	Versátil.
	Sexo sem penetração, <i>Guinagem, Brotheragem</i> .
	Bunda, Passivo. Relacionado a um tamanho avantajado.
	Ânus, Normalmente indicando prazer em associação com algo doce e desejável.
	Ânus.
	Pênis, Ativo. É comum esta relacionado a numeração indicando o tamanho em centímetros do órgão genital.
	Pênis, Ativo. É comum esta relacionado ao tamanho considerado grande, também é bastante relacionado ao marcador racial, representando órgão genital de homens negros.
	Pênis, associado a prática de ejacular realizando referência ao sêmem.
	Sêmem. Associado ao desejo de ejacular, normalmente em partes específicas do parceiro.
	<i>Barebacking</i> , prática de sexo anal sem o uso de camisinha.
 	Sexo Seguro, com proteção, uso de camisinha.
	Homem que possui pênis considerado grande.
	O estilo urso, deixou de indicar apenas homens peludos e acima do peso para indicar um espectro corpóreo mais amplo, de homens que não seguem um padrão estético magro/ definido.
	O Panda, indica uma variação de urso com idade mais elevada, sua cor branco faz alusão aos pelos grisalhos. Assim como os urso, passou a englobar também homens não necessariamente peludos, mas considerados mais velhos.
	Relacionado ao feminino, normalmente utilizado para indicar o desejo ou a característica de atributos considerados femininos em homens.
	Relacionado a praticantes de BDSN.
 	Relacionado a praticantes de <i>fist fucking</i> , prática sexual que consiste em penetrar o parceiro com o punho e ou braço.
 	Variação de BDSN, envolvido sexo considerado "sujo".
	<i>Crystal Meth</i> (meta anfetamina) e Cack
	<i>Ecstasy</i>
	Cocaina e Quetamina
	Maconha

Fonte: O autor, 2020.

Valendo-me, desta maneira, do que pude aprender com a plataforma, minha postura como pesquisador sob uma perspectiva pós-estruturalista buscou valorizar a problematização,

questionando tudo que é considerado “natural”, além de exercitar um olhar de estranhamento para as interações realizadas com os participantes da pesquisa (MEYER, 2014; PARAÍSO, 2014). O trabalho contou com a colaboração de onze homens usuários do Grindr que aceitaram fazer parte da pesquisa. Todos os nomes apresentados são fictícios, escolhidos pelos próprios sujeitos, e as informações que constam da Tabela 4 foram fornecidas por eles após a apresentação da pesquisa, sendo todas as informações autodeclaratórias.

Tabela 4: Sujeitos participantes da pesquisa

Nome atribuído	Região	Idade	Escolaridade	Posição³⁷
Rodney	Deodoro	21	Ensino médio	Ativo
André	São Cristóvão	22	Ensino médio	Versátil + passivo
Hector	Jacarepaguá	43	Pós-graduação	Passivo
Carlos	Méier	33	Superior	Passivo
Thiago	Tijuca	28	Superior	Ativo
Lucas	Pavuna	19	Ensino médio	Versátil + ativo
Marcos	Jacarepaguá	20	Ensino médio	Versátil + passivo
Anderson	Campo Grande	43	Ensino médio	Versátil + ativo
Cláudio	Tijuca	26	Superior	Ativo
Newton	Ipanema	53	Mestrado	Versátil
Raphael	Deodoro	37	Superior	Passivo

Fonte: O autor, 2020

³⁷ Esse é o termo utilizado pelo aplicativo, conforme observado na Figura 6 - *Estats*.

4 O MÉTODO CARTOGRÁFICO E A CONVERSA ONLINE COMO PROCEDIMENTO METODOLÓGICO NA PESQUISA COM MASCULINIDADES DISSIDENTES NA CIBERCULTURA

4.1 A incerteza como caminho (des)norteador da pesquisa

A escolha teórica e política que venho empreendendo há alguns anos tem me levado a desconfiar das certezas definitivas, tem me obrigado a admitir a incerteza e a dúvida. [...] Admitir a incerteza e a dúvida supõe poucas (raras) afirmativas categóricas ou indiscutíveis e o uso frequente de formulações mais abertas. Para muitos, um texto com tais características pode parecer incompleto, inconcluso. Talvez alguns até suponham que o autor ou autora seja um tanto inseguro/a. No entanto, seria razoável pensar que esse tipo de escrita também pode, mais do que outras, sugerir transposições e expansões.

Guacira Lopes Louro (2017, p. 238)

Inspirando-me nas palavras da autora, venho reconhecendo a necessidade das incertezas durante a construção do trabalho investigativo. Quando as dúvidas são mais presentes do que as certezas, é necessário nos abirmos para o encontro *com* o outro, para a necessidade de buscar, em parceria com os sujeitos, responder questões que muitas vezes passam despercebidas na vida social porque são constantemente naturalizadas e tidas como “dadas”. Nada está “dado”; por isso, quando me proponho à ação de escrever, percebo que são justamente as dúvidas que tenho para me guiar. No entanto, se as incertezas me guiam, então o desafio é maior ainda porque preciso de atenção redobrada para tecer reflexões, ainda que provisórias, sobre como as coisas acabaram se tornando o que são hoje (MEYER, 2014; PARAÍSO, 2014).

Ao longo das aulas de Mestrado no PPGECC/FEBF/UERJ, e mesmo antes, a dúvida me foi apresentada como fundamental e indispensável para o desenvolvimento de uma pesquisa. É a partir das dúvidas e das incertezas que somos interpelados/motivados a pesquisar algo que ainda não conhecemos ou conhecemos pouco (LOURO, 2007), desde já reconhecendo que todo achado científico opera no âmbito da provisoriedade. Durante as orientações deste trabalho e das discussões realizadas no âmbito do Grupo de Pesquisa, constantemente eu ouvia “*se você já tivesse certeza, não precisaria pesquisar*”. Cabe ressaltar que já na própria forma de conduzir o trabalho de orientação eu e meu (des)orientador éramos guiados pela necessidade de pensar juntos os rumos (provisórios) desta investigação. Apropriamo-nos das interfaces digitais (e-mail, WhatsApp) para a troca de ideias/questões que foram sendo permanentemente intercambiadas na medida em que a proposta desta pesquisa foi sendo construída desde que ingressei no mestrado em 2019.

Sobre as incertezas, venho caminhando na linha de pensamento de Louro (2017, p. 239), para quem

incerteza e dúvida não me parecem pecados que precisem ser exorcizados por um pesquisador ou pesquisadora; em vez disso, podem se constituir numa espécie de gatilho para qualquer investigação, podem ser exercitadas ao longo de um estudo e, desse modo, estimular a atitude de busca continuada do conhecimento.

Ainda que ciente da força potencializadora que as dúvidas geram ao longo da pesquisa, no momento em que me proponho a iniciar a produção escrita as interrogações de certa forma me angustiam. Diante da busca por um problema, da necessidade de desenvolvimento textual do trabalho, resolvi iniciar minha escrita discutindo justamente esse processo de problematização das certezas, lançando-me no desafio de entender a importância da incerteza durante a prática investigativa.

Hoje percebo a potencialidade das dúvidas como motivadora para o desenvolvimento desta pesquisa. Dessa forma, o presente trabalho é fruto de um processo investigativo atravessado por constantes dúvidas, incertezas e inseguranças, e isso foi fundamental para a finalização do estudo. Ao longo do desenvolvimento do estudo, não busquei respostas absolutas, tampouco almejei tecer respostas conclusivas. Abandonei a necessidade das certezas para mergulhar num mar revolto de dúvidas, cartografando novas paisagens e possibilidades de existência, lançando mais dúvidas sobre o material empírico analisado na medida em que me senti afetado/atravessado pelas experiências intercambiadas com os participantes do estudo (LARROSA, 2002; COUTO JUNIOR; FERREIRA; OSWALD, 2017).

Escrever, desse modo, apresentou-se como uma forma de romper com a ideia de que eu precisava ter nítido meu destino. Eu me libertei desse modo de pensar a produção de conhecimento no campo da Educação, ainda mais quando investigamos com outros seres humanos cujo encontro *com* o outro é imprevisível e irrepetível (COUTO JUNIOR; FERREIRA; OSWALD, 2017). Livrei-me das certezas sobre o que encontrar. De forma alguma escrevi sem critério, mas me mantive aberto ao desconhecido. Sinto que minha incerteza ao longo do desenvolvimento do estudo foi coerente com os pressupostos teórico-metodológicos de uma perspectiva de pesquisa que prima pelo rigor e deixa de lado uma rigidez que tende a engessar o modo de pesquisar com inventividade (PARAÍSO, 2014).

Assim, ressignificar, problematizar e subverter são os verbos que acompanharam a ação de pesquisar as masculinidades dissidentes mediadas pelo digital em rede. Expresso aqui, desse modo, meu entendimento de que as possibilidades de existência são amplas, ainda

que pareçam estreitas e emolduradas. Busquei, desse modo, “abrir mão de enfoques teóricos que priorizam o caráter explicativo e prescritivo do conhecimento para assumir enfoques que estimulam a desnaturalização e a problematização das coisas que aprendemos a tomar como dadas” (MEYER, 2014, p. 59).

4.2 Pesquisa com gênero e sexualidade na cibercultura

Estamos em relação com uma quantidade crescente de colaboradores, de parceiros (atuais ou potenciais), de amigos, de pessoas de quem dependemos e que dependem de nós – e isso em uma escala internacional. [...] Compreender os outros e nos fazer compreender por eles não é um luxo, é uma necessidade, pois vivemos, de agora em diante, em um emaranhado de significações e de mensagens em transformação permanente.

André Lemos e Pierre Lévy (2010, p. 81)

Entrevistas presenciais, diário de campo e observação participante constituem-se procedimentos metodológicos muito utilizados na pesquisa em Educação. Esses procedimentos à disposição das/os pesquisadoras/es permitem que o material empírico seja produzido, fornecendo pistas que convidam a (re)pensar a complexa trama dos acontecimentos sociais cotidianos *dentrofora* da escola. Mais recentemente, com a emergência e popularização dos dispositivos digitais com acesso à internet, venho percebendo o quanto as investigações também podem focalizar seus esforços analíticos para além das interações presenciais. Lemos e Lévy (2010), na epígrafe, evidenciam a dinamicidade das redes de colaboração mediadas pelo digital em rede, cuja característica de permanente reconfiguração exige de nós certa disposição para (re)criar estratégias metodológicas capazes de abarcar as dinâmicas interativas das práticas ciberculturais. Considero que “imagens e vídeos digitais, *upload*, *download*, *hiperlinks*, aplicativos (*apps*), mobilidade, ubiquidade, Web 2.0, *chat*, redes sociais *online* etc. fazem parte da cena contemporânea, na qual as práticas sociais vêm cada vez mais sendo mediadas pelas tecnologias digitais em rede” (COUTO JUNIOR; FERREIRA; OSWALD, 2017, p. 25, grifos dos autores). Como pesquisador do campo de estudos de gênero e sexualidade que investiga as dinâmicas sociais mediadas pelo digital em rede, adentrei o cenário sociotécnico da cibercultura para conhecer melhor a forma como usuários geograficamente dispersos *aprendem ensinam* com seus pares a partir da participação em processos comunicacionais interativos em/na rede.

A complexidade de formas com as quais podemos pesquisar e analisar os diferentes acontecimentos sociais não comporta “receituários” teórico-metodológicos de “como fazer”; pelo contrário. Eu me alinhei com a abordagem pós-estrutural e reitero que minha preocupação não recaiu tanto sobre a busca pelas respostas; eu me preocupo “mais em

descrever e problematizar processos por meio dos quais significados e saberes específicos são produzidos” (MEYER, 2014, p. 53). Para isso, problematizo os discursos naturalizados e generalistas e entendo que a produção de conhecimento fornece pistas provisórias para uma melhor compreensão do objeto de estudo (MEYER, 2014). Ademais, pesquiso interrogando os conhecimentos, colocando-me sempre aberto para inventar novos percursos metodológicos de forma a “recomeçar, ressignificar ou incluir novos pontos de vista” (PARAÍSO, 2014, p. 44) na medida em que a investigação foi sendo desenvolvida.

Este capítulo se propõe a apresentar notas teórico-metodológicas que evidenciam alguns dos desafios da produção de conhecimento no campo de estudos de gênero e sexualidade no contexto das dinâmicas ciberculturais. Meu foco aqui é mais especificamente discutir o método cartográfico e a opção pela conversa *online* como procedimento metodológico na pesquisa que adota o ciberespaço para o desenvolvimento do trabalho de campo.

4.3 Cartografando o desejo: um método aberto às possibilidades

Na década passada, Lemos (2009) já apresentava as características de uma sociedade contemporânea cujas práticas sociais eram (e continuam sendo) cada vez mais mediadas pelas tecnologias digitais em rede. Para esse autor, os dispositivos digitais móveis, que aliam o deslocamento espacial com os recursos da informática, inauguram novas relações com a territorialidade. Em tempos de cibercultura, a relação do humano com o digital em rede redesenha as práticas culturais e políticas e altera os processos de constituição das próprias subjetividades (LEMOS, 2009). Quando consideramos que muitas pessoas fazem do espaço da internet um lócus de encontro *com* o outro importante para os processos de sociabilidade, as distâncias físicas gradativamente vêm sendo menos determinantes para o estabelecimento de conexões e inter-relações entre indivíduos (SANTAELLA, 2018).

Com o método cartográfico, aposto na potencialidade de ampliação dos caminhos possíveis para problematizações dos cotidianos apresentados. Dessa forma, meu percurso cartográfico reconhece que não há um caminho único a ser adotado (POCAHY; SILVA; DOURADO, 2020) e que minha forma de fazer pesquisa promove “a articulação entre saberes, discussões teóricas, acontecimentos cibercontemporâneos, práticas cotidianas e produção de subjetividade” (CARVALHO; POCAHY, 2020, p. 96). A opção pela cartografia *online* alinha-se ao objetivo de romper com uma noção de procedimentos preestabelecidos no ato de pesquisar (CARVALHO; POCAHY, 2020).

Em linha com o que defendeu Hobsbawm (2013) sobre a importância de os pesquisadores das Ciências Humanas se apropriarem do conceito geográfico de periferia, proponho igualmente a apropriação dos territórios para cartografar masculinidades dissidentes em meio a fluxos de produção, ruptura e continuidade. Nessa linha, cartografar “visa a ampliação de nossa concepção de mundo para incluir o plano movente da realidade das coisas” (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2009, p. 92). Com isso, busco operar em dois níveis: as capilaridades rizomáticas da superfície, apresentadas por relações e conexões dos cotidianos; e na profundidade dos afetos, desejos e sensações (CARVALHO; POCAHY, 2020).

Essa cartografia *online* se debruça sobre as múltiplas possibilidades de se dizer homem *gay*. As masculinidades dissidentes norteiam as primeiras linhas que desenham esta pesquisa, e é no encontro com os sujeitos participantes da pesquisa, que performatizam essas masculinidades, que criei relevos e nuances para compor esse mapa. Cartografar na internet implica também meu desejo e interesse pela interconectividade em rede como elemento dinamizador de encontro *com* o outro e de constituição das identidades (sexuais e de gênero) dissidentes.

Ainda no campo das conexões, cabe observar que concordo com as proposições de Paraíso (2014), que indicam que seguir um caminho demasiadamente delimitado e conhecido faz com que tenhamos dificuldade em sair do que foi previamente traçado. Isso significa dificuldade de incorporar o novo, as dúvidas e o não ponderado na pesquisa quando eles se apresentam. Assim, defendo a necessidade de retorno aos afetos e inquietações, mostrando-me aberto aos desvios e sinuosidades durante o trabalho de campo porque entendo que é preciso “coragem necessária para, em nossas metodologias, encontrarmos saídas contra o aprisionamento e a fixidez de sentidos, os essencialismos” (PARAÍSO, 2014, p. 34). Portanto, valorizei a construção de uma relação de alteridade com os sujeitos participantes da pesquisa de modo a cartografar sentidos de masculinidades dissidentes.

Cartografar constitui-se, assim, a possibilidade de experimentação teórico-metodológica que se constrói gradativamente, em parceria com o outro, que convida a olhar/analisar acontecimentos sociais em permanente reconfiguração (RAMOS; PEDRINI; RODRIGUES, 2019). Desse modo, similar ao que Zago (2009, p. 10) definiu como produção de um “instantâneo”, busquei o recorte de uma, entre muitas, realidades possíveis, similar a uma fotografia que captura um único instante sob um olhar interpretativo que não se esgota em si próprio. Dessa forma, reconheço “a cartografia como uma oportunidade de nos colocarmos abertos/os ao mundo, acompanhando as transformações sociais engendradas pelas dinâmicas da rede” (TEIXEIRA; COUTO JUNIOR, 2020, p. 334). Também reconheço os

limites de minhas análises e entendo que a imersão no campo também expressa meu comprometimento com os espaços e sujeitos que me acompanharam ao longo da pesquisa (RAMOS; PEDRINI; RODRIGUES, 2019). Conforme apresentam Pocahy, Silva e Dourado (2020), cartografar se constitui em um convite de mão dupla em que nós, como pesquisadores, somos igualmente cartografados.

Dado o exposto, o processo de pesquisa se desenvolveu inicialmente conversando com os sujeitos sobre o que experimentávamos com o uso do Grindr para posteriormente acessar suas próprias inquietações. As conversas *online* ocorreram entre o segundo semestre de 2019 e o final do primeiro semestre de 2020. A pandemia, decretada pela OMS em março de 2020, trouxe desdobramentos para a pesquisa de campo, uma vez que a maior parte dos sujeitos permaneceu em isolamento físico em suas residências no Rio de Janeiro.

A seguir, discuto a opção pela conversa *online* como procedimento metodológico, focalizando discussões acerca de dialogismo, alteridade e ética, aspectos teórico-metodológicos fundantes da forma como penso a relação estabelecida com os sujeitos durante o trabalho de campo.

4.4 Dialogismo, alteridade e ética na conversa *online*

Conforme Sampaio, Ribeiro e Souza (2018, p. 25, grifos dos autores), a conversa é parte do convívio diário do ser humano e pode ser estabelecida de formas diversas: “conversas fiadas, afiadas, interessantes, desinteressantes; interessadas, desinteressadas; complicadas; provocativas, emotivas, alegres, tristes. [...] Conversamos enquanto estudamos, enquanto *aprendemos ensinamos*. Por que não enquanto pesquisamos?”. Minha aposta metodológica não é romper com os procedimentos metodológicos com os quais estamos familiarizados ou desprestigiar a opção pelos espaços físicos das instituições educacionais como campo empírico. Longe disso; minha proposta é pensar o uso de novas potencialidades metodológicas que emergem com a conversação mediada pelo digital em rede, o que não implica desconsiderar a potencialidade das interações face a face, tampouco reconhecer que o/a pesquisador/a que adota o ciberespaço como campo empírico não possa também adotar tais interações no desenrolar do trabalho de campo. Assim, não se trata de, necessariamente, optar por estabelecer conversas mediadas pelo computador *ou* interagir presencialmente com as/os participantes da pesquisa.

Concordo com Paraíso (2014, p. 43) quando afirma que “não podemos ficar reféns dos procedimentos de pesquisa que dominamos e que muitas vezes nos dominam”. Caso contrário,

a própria forma de fazer pesquisa acaba tornando-se uma espécie de “camisa de força” pela tentativa inconsequente de adequar o objeto de pesquisa à metodologia. Defendo justamente a direção oposta: a metodologia não deve ser definida *a priori*, mas construída na medida em que o trabalho investigativo avança e exige do/a pesquisador/a escolha pelo procedimento metodológico que julgue, naquele momento, ser o mais adequado. Assim, não estou me colocando na defesa irrestrita de uma metodologia perante outra, mas sim propondo justamente a possibilidade de resignificação/recriação de métodos.

Entendo que o modo de realizar nossas pesquisas possibilita nos movermos no difícil terreno de “cavar/produzir/fabricar a articulação de saberes e a bricolagem de metodologias” (PARAÍSO, 2014, p. 33), já que não se sustenta em uma teoria única fundamental. Em tempos de cibercultura, os processos comunicacionais que ocorrem no ciberespaço exigem o esforço de que sejamos capazes de (re)criar teorias, métodos e técnicas, hibridizando-os de forma a atender nossas questões/inquietações investigativas (GUTIERREZ, 2009). Para um olhar atento às dinâmicas de sociabilidade mediadas pelo digital em rede, parto do pressuposto de que as “possibilidades interativas e hipertextuais graças à potência trazida pela linguagem digital (...) revolucionam as formas de registro e de comunicação entre os indivíduos” (BARBOSA; SANTOS; RIBEIRO, 2018, p. 119).

Diversas/os pesquisadoras/es brasileiras/os do campo de estudos de gênero e sexualidade também desenvolveram e vêm desenvolvendo investigações no âmbito das práticas sociais mediadas pelas tecnologias digitais em rede. Partindo de princípios teórico-metodológicos distintos, cabe destacar a pesquisa de Zago (2009), que adotou como campo empírico um *site* voltado para o relacionamento de homens *gays*; o trabalho de Couto Junior (2017), que investigou uma comunidade no Facebook constituída por jovens não heterossexuais; e o trabalho de Pelúcio (2016), cujo foco analítico foram dois aplicativos móveis criados para fins de relacionamentos sexuais/amorosos. Os múltiplos campos de pesquisa e as variadas estratégias metodológicas utilizadas por essas/es pesquisadoras/es evidenciam o quanto o digital em rede é potente na elaboração de novas problemáticas investigativas, que passam a incluir também as interações sociais mediadas pelas dinâmicas ciberculturais.

A dinamicidade comunicacional da internet para interagir com sujeitos geograficamente dispersos convida a (re)pensar estratégias metodológicas na forma como a troca de saberes ocorre. Durante o desenvolvimento do trabalho, uma das questões iniciais levantadas foi: seria a entrevista o procedimento mais adequado a adotar em um contexto no qual pesquisador e sujeitos encontram-se geograficamente dispersos? Somando-se a isso,

questiono-me sobre o fato de pesquisador e sujeitos interagirem, simultaneamente, em espaços comunicacionais dinâmicos cuja formalidade do que se comumente entende por “entrevista” poderia, de certa forma, desencorajar a participação dos sujeitos já no início do trabalho de campo. Em vista de constituir uma pesquisa cujo processo comunicacional é mediado pelo digital em rede, eu precisava ressignificar termos comumente utilizados na pesquisa em Educação sem, no entanto, perder o que Paraíso (2014) apresenta como características fundamentais de toda investigação: rigor (sem rigidez) e inventividade.

Entendo que existem muitas estratégias metodológicas na produção de conhecimento; optei pela conversa *online* porque esse procedimento abre possibilidades para que uma diversidade de vozes e reflexões sejam tecidas com os sujeitos, independente da formação ou da inserção sociocultural dos participantes do estudo. Dessa forma, conversar em/na rede com outros sujeitos me abre caminhos para romper com o tempo e o espaço, na medida em que tenho a oportunidade de entrar em contato com pessoas de praticamente todas as localidades do mundo a qualquer momento do dia (SANTAELLA, 2013; PRIMO, 2013).

Com Skliar (2018), aprendi que a conversa também pode sair da perspectiva do mero aprofundamento de determinado assunto, passando a valorizar a produção de sentidos de seus participantes mediante as questões levantadas: “conversa-se não tanto um saber, mas sobre suas ressonâncias em nós, conversa-se não para saber, mas para manter tensas as dúvidas essenciais” (p. 12). Com isso, meu agir ético é exercitado mediante a adoção de uma postura dialógica e de alteridade que problematiza, em parceria com os sujeitos, os acontecimentos da vida social e reconhece, de antemão, o quanto as palavras nos afetam e o quanto somos afetados pelas palavras dos outros (COUTO JUNIOR; FERREIRA; OSWALD, 2017).

Cabe reiterar aqui que a ética perpassa todas as etapas da pesquisa, incluindo o modo como pesquisador vê/sente o mundo, as palavras que escolhe na escrita do texto, as perguntas que lança para seu objeto de estudo (PEREIRA, 2015; ZAGO, 2009). Sobre este último ponto, Zago (2009) argumenta que os aspectos éticos atravessam as perguntas lançadas para o objeto de estudo: “pergunto *algumas* coisas e silencio (...) outras, da mesma forma com que vejo e saliento algumas coisas e permaneço cego em relação a outras várias” (p. 36, grifo do autor). Para Fischer (2003), pesquisar é lutar por uma visão e realidade específicas, cuja ação sempre se relaciona com a linguagem. Dessa forma, lutas discursivas presentes nas interações humanas dizem respeito a escolhas, conscientes ou não, de se posicionar frente à sociedade (FISCHER, 2003).

Adotar a conversa como procedimento metodológico possibilita ponderar sobre a escolha de enunciados, palavras, de modo a ler/ouvir o dito e o não dito, refletindo

permanentemente sobre nossas escolhas na medida em que interagimos com o outro por meio da linguagem. Esse cuidado no agir ético quando adoto a conversa como forma de entrar em contato e conhecer melhor o outro caminha com o argumento de Larrosa (2002, p. 21), que diz:

Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece.

As reflexões de Larrosa (2002) me convidam a reconhecer a centralidade das palavras na forma como interagimos com o outro, e isso traz implicações importantes para o campo porque evidencia a mediação das palavras na maneira como cada um interpreta e expressa de maneira única seus diferentes e inusitados pontos de vista. Compreender e respeitar cada escolha, cada palavra verbalizada ou não enriquece toda pesquisa disposta a se abrir e debruçar sobre as construções e associações verbais construídas ao longo do ato de conversar.

A escolha da conversa como procedimento de pesquisa na cibercultura é um passo importante a ser (re)pensado no desenvolvimento do estudo porque implica uma reflexão teórico-metodológica acerca da forma como podemos colocar em prática uma postura dialógica e de alteridade por meio do uso de palavras que valorizem a horizontalidade das vozes na relação pesquisador-sujeito. Uma das preocupações centrais na condução dessas interações é questionar as relações de poder que possam tornar assimétrica/hierarquizada a relação estabelecida com os participantes do estudo. Nesse aspecto, a própria abordagem metodológica empregada precisaria pôr em perspectiva a subversão da ordem tradicional de análise do pesquisado pelo pesquisador, buscando uma metodologia que permitisse a construção de experiências conjuntas, tornando os participantes da pesquisa coautores dela.

Apostei na conversa *online* me alinhando a uma concepção de fazer pesquisa ancorada no princípio da horizontalidade das vozes, ou seja, parti do pressuposto de que pesquisador e sujeitos dialogam em pé de igualdade (COUTO JUNIOR; FERREIRA; OSWALD, 2017; SAMPAIO; RIBEIRO; SOUZA, 2018). Dessa forma, reconheço a parceria do outro como aspecto imprescindível na produção de conhecimento, com a conversa que visa a criação de redes de interações entre indivíduos, abertas, imprevisíveis, que interconectam contextos socioculturais distintos. A conversa “demanda de nós uma relação de alteridade, uma atitude de empatia, e não de submissão ou de opressão” (FERRAÇO; ALVES, 2018, p. 42).

Nesse contexto, a conversa me pareceu adequada e coerente com a forma como busquei conduzir a pesquisa de campo em parceria com os sujeitos. Caminhei na contramão da ideia de que o pesquisador é o dono do saber e que os sujeitos obrigatoriamente saberiam menos. Pesquisar de forma dialógica e alteritária requer superar a ideia de uma entrevista rigidamente estruturada, em que entrevistado e entrevistador possuam papéis estabelecidos e as informações fluam de acordo com um roteiro previamente formulado, com pouco ou nenhum espaço para a (re)formulação das questões já definidas (SAMPAIO; RIBEIRO; SOUZA, 2018). Para romper com essa assimetria entre pesquisador e sujeitos, meu desafio foi tornar o intercâmbio de ideias com o outro menos verticalizado, colocando em prática uma postura dialógica e de alteridade que priorizou a construção de relações horizontais na interação com o outro (FREITAS, 2007).

Se não há um roteiro fixo previamente formulado, o que perguntar para o outro? Como perguntar para o outro aquilo que a gente ainda não sabe ou conhece pouco? Afinal, como formular um convite interessante que crie no outro o desejo de participar como colaborador da pesquisa? Não existem respostas prontas e definitivas para as questões aqui formuladas, embora um pontapé inicial interessante talvez seja mais simples do que havia previamente (re)pensado. “*Podemos conversar?*”, uma frase direta e com poucas palavras abre a possibilidade do aceite ou recusa, tornando o primeiro contato com os participantes da pesquisa um verdadeiro convite para a construção de possíveis parcerias que levem a novas construções coletivas de percepção do mundo.

A conversa permite a inclusão na pesquisa de temas que afetam cotidianos geralmente negligenciados ou mesmo rotulados como irrelevantes. Conversar, desse modo, convida a rememorar certos eventos, criando a possibilidade de acessar e compartilhar relatos e toda uma gama de sentimentos e sensações desencadeadas pelo ato de abrir-se para o outro. Conversar com pessoas que performatizam masculinidades dissidentes requer um olhar sensível do pesquisador porque envolve a discussão da reiteração de normas regulatórias que mantêm em funcionamento o que Bento (2011) denomina “heteroterrorismo”, ou seja, enunciados comumente produzidos *dentrofora* da escola que incentivam/inibem determinados comportamentos para cada um dos gêneros. Para os heteroterroristas, a maior angústia talvez seja lembrar que existem gêneros e sexualidades para além da/o menina/menino e homo/heterossexualidade, aspectos que, como pesquisadores do campo de estudos de gênero e sexualidade, precisam ser destacados/problematizados com os sujeitos durante o trabalho de campo.

A escolha da conversa como procedimento metodológico da pesquisa permite a incorporação da espontaneidade nas abordagens de temas (FERRAÇO; ALVES, 2018). Rompe-

se com os limites dos roteiros estruturados, na medida em que os assuntos seguem caminhos imprevisíveis sem rigidez predeterminada, em um fluxo comunicacional dinâmico que considera os interesses e necessidades de falas das/os envolvidas/os durante a realização do trabalho de campo. Dessa maneira, a conversa apresenta-se como um procedimento metodológico que não busca opor-se às tradicionais formas de fazer pesquisa; pelo contrário, reconheço que a conversa *online* convida a (re)pensar as diferentes formas com as quais é possível pesquisar em parceria com outras pessoas, ampliando/potencializando a interação entre pesquisador e sujeitos. Nessa perspectiva, a conversa torna possível a incorporação, em nossas pesquisas, da “atenção às diferenças e à diferenciação, à alteridade e à singularidade constitutivas do próprio encontro” (FERRAÇO; ALVES, 2018, p. 30) entre pesquisador e sujeitos.

A opção de conversar ao longo da pesquisa busca a máxima defendida, em linhas pós-estruturalistas, de promover o estranhamento dos acontecimentos sociais os quais já estou (supostamente) habituado a vivenciar. Entendo o “estranhamento” aqui conforme a perspectiva de Zago (2009, p. 208), que em muitos momentos precisou se afastar do objeto de estudo com a intenção de “deixar o mato crescer”. De acordo com ele, “a implicação e o desejo em relação ao meu objeto, aos sujeitos da minha pesquisa, eram demasiadamente familiares para mim. Precisei apartar-me dessa família, desfazer-me dessa família. Precisei exilar-me do desejo” (ZAGO, 2009, p. 208). Esse afastamento foi necessário em sua pesquisa de mestrado, que interpretou as representações de corpo, masculinidade e sexualidade de perfis de homens disponibilizados em um *site* de relacionamento. Na ocasião, afastar-se de seu objeto significava que ele precisava deixar as ideias multiplicarem-se e deixar a excitação dar lugar à problematização.

Minha aposta metodológica é (re)criar múltiplas possibilidades investigativas que me permitam produzir conhecimento na pesquisa em Educação de forma a considerar outros *espaçostempos* na interação com os sujeitos que, nesta investigação, são as dinâmicas comunicacionais mediadas pelo digital em rede. Para além das potencialidades metodológicas elencadas, o diálogo irradia um horizonte de possibilidades de construções coletivas do conhecimento. Uma relação horizontalizada estabelecida durante o trabalho de campo significa que “o pesquisador não mais é o único a fazer perguntas, mas os próprios entrevistados têm a possibilidade de participar ativamente na elaboração de outras questões que considerem igualmente importante” (COUTO JUNIOR, 2013, p. 71). Aposto na conversa como procedimento metodológico porque entendo que, mediante uma postura dialógica e de alteridade, sou convidado a intercambiar com os participantes da pesquisa ideias, preocupações, sentimentos e memórias. A conversa, desse modo, é “uma forma de exposição:

me exponho à intempérie da incompreensão, da intraduzibilidade, do que não sou capaz de dizer, da impotência. E me exponho, também, ao que virá e não se pode saber de antemão, me exponho à outra exposição” (SKLIAR, 2018, p. 13).

Os participantes da conversa assumem, assim, papel ativo na construção da pesquisa; são coautores das tramas narrativas tecidas no decorrer das dinâmicas comunicacionais mediadas pelo digital em rede. A relação dialógica e de alteridade, muito mais que método, baliza eticamente a forma com a qual construí os laços sociais e afetivos com os sujeitos. O conversar configura-se, assim, como um convite à reflexão coletiva porque potencializa o intercâmbio de experiências de pessoas que performatizam masculinidades dissidentes das normas regulatórias vigentes.

Como Wyllys (2014) argumenta, ainda nos chocamos que tamanha violência hoje esteja camuflada sob a roupagem de “opinião” e “gostos pessoais”. Essa violência, direcionada a determinados grupos de pessoas, vem sendo amplamente produzida e compartilhada por meio das redes digitais, conferindo a seus autores a falsa sensação de anonimato.

É chocante imaginar que por trás de *sites*, *blogs*, perfis de redes sociais e comentários que disseminam o ódio, a intolerância e o desrespeito, pode haver homens e mulheres que se apresentam como “gente de bem” no espaço público, mas que escondem seus esqueletos no armário. Entretanto, o espaço virtual é feito por pessoas; é de se esperar que elas levem para lá também o que têm de pior: a vontade de negar a humanidade do outro, o desejo de exterminar o diferente. É preciso estar atento aos conteúdos veiculados na internet, porque o que parece brincadeira inócua pode ser a base ideológica para um ato criminoso, como tantos que temos visto por aí (WYLLYS, 2014, p. 181).

Assim, apresentar e discutir problemáticas como a homofobia e a transfobia praticadas por homens *gays* contra outros homens *gays* apresenta-se como um compromisso ético que exige posicionamento político na luta contra certas concepções de mundo que ainda tendem a negar o direito de existir de alguns grupos sociais. Somando a isso, o cuidado com a análise dos dados produzidos durante o trabalho de campo me lança no desafio de tecer reflexões que sejam potentes para expor as fragilidades das (cis)heteronormas.

5 BATENDO PAPO E TECENDO REFLEXÕES: CONVERSANDO COM HOMENS GAYS SOBRE A CONSTITUIÇÃO DAS MASCULINIDADES DISSIDENTES

5.1 “*Tenho muita preguiça de sair*”: mudanças na sociabilização *gay* com a emergência do *smartphone*

Em meu percurso cartográfico, o espaço de troca em/na rede com os sujeitos também foi alimentado pelas minhas experiências pessoais. Em 2019, por exemplo, em uma sala de um apartamento da Zona Sul carioca, tive a oportunidade de conversar com amigos sobre diferentes assuntos, incluindo questões que atravessavam a pesquisa de mestrado já iniciada naquela época. Quase todas/os eram provenientes da periferia carioca, e em sua maioria homens *gays* na faixa etária dos 30 aos 50 anos de idade. Era possível identificar certo saudosismo nas falas, expressando memórias de uma cidade que vinha se modificando. O assunto em questão, desenvolvido em meio ao clima descontraído de uma conversa entre amigas/os, voltou-se para uma discussão envolvendo a relação entre fechamento e declínio de algumas boates voltadas ao público *gay* na cidade com a emergência e a popularização das tecnologias digitais em rede. Mais especificamente, conversamos sobre os tão conhecidos aplicativos de “pegação”. Assim, entre as conversas presentes neste trabalho, esta foi fruto de interação não com os sujeitos nem com o uso do aplicativo.

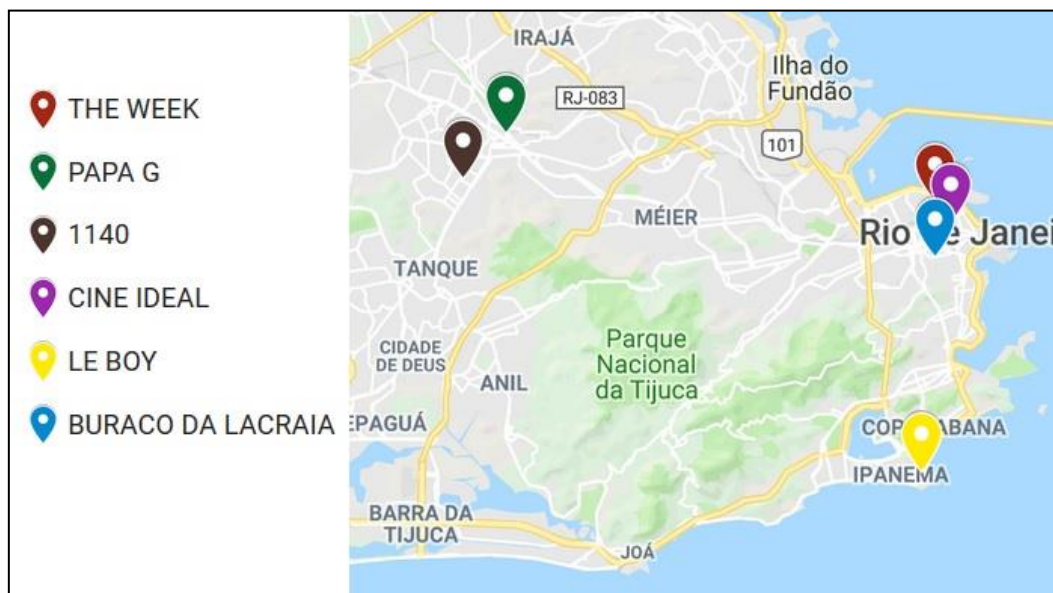
Por meio da interlocução com os participantes desta pesquisa, também busquei conversar sobre como as práticas de namoro/“pegação” vêm sendo reconfiguradas em tempos de *touch screen*³⁸. Não pretendo aqui apresentar as conversas tecidas com os sujeitos para simplesmente constatar ou refutar uma relação entre um suposto esvaziamento das boates com a popularidade de aplicativos como o Grindr, mas sim ouvir e refletir coletivamente sobre o que pensam a respeito disso.

As boates mais citadas nas conversas com os sujeitos apresentam espacialidade difusa pelo território urbano da cidade. De modo a auxiliar na visualização dessa espacialidade, busquei agrupá-las no mapa da cidade com auxílio do Google Maps, o que pode ser visto na Figura 14. Apesar das distâncias e características próprias, uma observação em comum quanto à área pode ser constatada: seu transbordamento para além dos muros físicos que encerravam o estabelecimento. As ruas e, em alguns casos, os entornos desses lugares, reuniam frequentadores em busca de divertimento e liberdade para suas expressões afetivas. Desse

³⁸ Vale lembrar que a pandemia da Covid-19 também reconfigurou os usos do Grindr em função da quarentena. Sobre essa discussão, ver seção 5.5 do texto.

modo, o primeiro entendimento que busquei trazer foi de qual espacialidades estávamos tratando, se um gueto, uma mancha ou um espaço.

Figura 14 - Disposição espacial das boates *gays* apresentadas



Fonte: O autor, 2020

Dadas as características físicas e sociais que me foram apresentadas, surgiam dúvidas quanto à classificação desses territórios no tocante à espacialidade urbana do Rio de Janeiro. Pensar essas boates como guetos de liberdade para a sociabilidade de homens *gays* em meio a um ambiente de intolerância homofóbica me pareceu, em uma primeira análise, óbvio. Afinal, a proteção por meio de muros e de seguranças privados garantindo certa liberdade de expressão da diversidade de gênero precisa ser valorizada, considerando nosso contexto LGBT+fóbico. Tal estrutura me pareceu próxima à de um gueto, mesmo que em dimensões reduzidas. No entanto, essa percepção de gueto inquietou-me, por isso a necessidade de buscar na literatura um melhor entendimento sobre a relação das boates com a espacialidade social da cidade.

A primeira relação que realizei do termo gueto é sua vinculação à Segunda Guerra Mundial e a segregação da população judaica nos territórios ocupados pela Alemanha nazista. Para Nascimento e Fernandez (2010), os guetos são áreas delimitadas onde é possível a existência de uma institucionalidade voltada a atender as dinâmicas próprias da população encerrada nesta área. Segundo eles, o termo esteve inicialmente relacionado aos coletivos judaicos, como forma de agrupamentos e construção de uma territorialidade com dinâmicas e

culturas próprias, servindo a um fim específico, de acomodação, por meio da segregação de grupos destoantes em conflito. Contudo, é importante frisar que, no caso da Alemanha Nazista, a segregação e extermínio de judeus, ciganos, e outros grupos perseguidos, foi instituída e executada como política de Estado.

Nessa perspectiva, faltam alguns aspectos básicos para a definição dessas boates como “guetos *gays*”. Se por um lado dentro dos limites do estabelecimento se desenvolve uma cultura contra-hegemônica que permite ao grupo social específico certa liberdade, por outro lado a constituição de gueto necessariamente necessita de estruturas e permanências mais complexas que a de um único estabelecimento. Após o horário de funcionamento, os consumidores do estabelecimento retornam às suas distintas rotinas cotidianas. Nesse ponto, cabe uma importante reflexão, tal como apresentado por Nascimento e Fernandez (2010). Segundo eles, no Brasil, mais especificamente nos centros urbanos mais cosmopolitas, a inserção de pessoas homossexuais deu-se principalmente mediante as relações de mercado, principalmente em espaços voltados quase exclusivamente para a vivência da liberdade de exercício da homoafetividade³⁹, tal como boates, cinemas pornô, saunas e bares.

Apesar do exposto, Trevisan (2000) defende a ideia de uma *guetização* das relações entre pessoas *gays*. Nessa perspectiva, as sociabilidades ocorrem em lugares fortemente marcados e delimitados para esses fins ou, usando de ironia, o autor identifica esses espaços como “campos de concentração com ar-condicionado”. Ainda que não se possa classificar as espacialidades como guetos, de acordo com a sua concepção tradicional, há de se considerar que estão presentes fixações geográficas para as interações nesse grupo, aspecto que delimita quais espaços urbanos apresentam maiores margens de liberdade para determinados sujeitos. Nas palavras de Trevisan (2000, p. 511), “por mais que proliferem os bares, as danceterias, as saunas, os desfiles de moda, as peças/filmes/exposições e até mesmo os espaços na mídia, estaremos sempre sob vigilância estrita”.

Uma das memórias compartilhadas nas conversas com os sujeitos sobre as boates mencionava a experiência de permanecer no entorno da boate, fazendo da rua um espaço de sociabilidade para aquele grupo de homens *gays*. Conforme conversa *online* realizada com Raphael, a ida à boate não necessariamente representava adentrar a bilheteria e usufruir sua infraestrutura, uma vez que nem sempre a entrada na boate era realizada; segundo ele conta,

Raphael: Muitas vezes eu nem entrava, tava sem grana, ou às vezes nem qria. Ia só pra rua mesmo.

³⁹ Optei pelo emprego do termo homoafetividade como substituto ao de homossexualidade com o objetivo de destacar também as relações de afetos existentes em relações entre homens *gays*.

Pesquisador: Para rua? Não sabia que havia esta opção também.

Raphael: Antes do horário da abertura da boate, na verdade mesmo com a boate já funcionando, muita gente se reunia na entrada. Sempre tinha gente vendendo cerveja e lanches. E aí tinha os que entravam e os que não entravam.

Pesquisador: Mas você ia só para ficar na rua mesmo ou isso você decidia na hora?

Raphael: Eu ia ver. Muitas vezes decidia entrar com os amigos, dependia da fila. Se tava bem frequentado, valia a pena entrar.

Pesquisador: Entendi, você dava uma sondada antes, neh? rsrs

Raphael: Tudo dependia... muitas vezes a rua estava melhor que a boate, outras o legal era entrar para dançar mesmo independente da fila.

Raphael me fez recordar da rua da boate Papa G, localizada no bairro de Madureira. Desde minha adolescência era assim que a rua era nomeada. Não frequentei esse espaço especificamente, tampouco a própria boate, mas achava interessante e até mesmo reconfortante saber que aquela rua estava lá. Rememorando as lembranças da juventude, eu percebia que naquele espaço havia algo diferente, subversivo para o padrão (cis)heteronormativo. A rua da Papa G era para mim um local atrativo ao mesmo tempo que deveria ser evitada. Para Raphael, o trajeto escolhido, de passar pela rua, consumir nos ambulantes e entrar (ou não) na boate, definia um circuito específico desenvolvido com base em sua sexualidade/afetividade.

De modo similar, Thiago, a seguir, traz seu panorama sobre as boates localizadas no Centro da cidade do Rio de Janeiro. Em seu relato, ele comenta a existência de uma rede de estabelecimentos, em geral lanchonetes, bares e restaurantes próximos à casa noturna:

Thiago: Já na fila poderia rolar um “oi”, pois acabávamos por reconhecer muitas pessoas de outros dias, e aí já era mais fácil.

Pesquisador: Entendi! E como era o ambiente externo da boate, você se recorda?

Thiago: Tinha algumas carrocinhas. Normalmente eu chegava primeiro porque morava próximo. Ficava sentado comendo algo, esperando meus amigos. Nesse momento já dava uma olhada...

Pesquisador: Você já marcou de apenas estar ali, digo do lado de fora da boate, com seus amigos?

Thiago: Nunca aconteceu de só de ir para isso, mas era legal ver o movimento e a alegria na rua.

Os relatos de Thiago e de Raphael apresentam pontos em comum entre as boates frequentadas por eles. Para além dos limites da casa noturna, a fila, a rua e o comércio complementavam o ambiente sociabilizante do evento. Em alguns casos a *noite*⁴⁰ não necessariamente incluía a entrada na boate, mas em todos os casos o percurso incluía outros espaços.

⁴⁰ Termo utilizado para designar o evento sociocultural aqui apresentado, já que é no período noturno que esses estabelecimentos funcionam, bem como todos os outros eventos descritos. O termo “noite” foi usado também pelos próprios sujeitos durante as conversas *online*.

Assim, de acordo com a compreensão apresentada por Magnani (1992) sobre manchas, pedaços e trajetos, as boates são espaços específicos para a constituição de uma homocultura, por capitanearem uma mancha própria ao seu redor que em geral, ainda que pequena, possui dinâmica de trajetos bem próprios, com normas que irão, em maior ou menor grau, determinar a liberdade nas relações homoafetivas. Para o autor, uma mancha

é uma região de estabelecimentos não contíguos, que guardam entre si uma relação de complementaridade pelas funções e serviços oferecidos. Sob a denominação de manchas estão as áreas que englobam estabelecimentos e serviços que dão suporte a um estilo de vida e que se complementam ou, não raro, concorrem entre si pelo mesmo público. O fluxo de pessoas através dos territórios e manchas pode ser considerado como um “circuito” que une espaços e equipamentos não contíguos na paisagem urbana, mas que são reconhecidos pelos seus frequentadores (MAGNANI, 2000, p. 43).

As memórias dos espaços compartilhadas nos dois relatos permitem inferir a complementariedade que o autor aborda. A rede de comércio que se estabelece ao longo do espaço ocupado pela boate permite uma circularidade específica de fluxos entre os diferentes equipamentos, a qual Magnani (2000) descreve como “circuitos”. Pensar assim esses espaços onde homens *gays* circulavam, flertavam, consumiam e (re)existiam, para além da identificação técnica de uma casa noturna, torna mais potente a função social que as ditas boates desempenhavam no território em que se inseriam.

Ao longo das conversas, pude perceber certo saudosismo, com memórias que não estavam atreladas especificamente, ou não apenas, ao fechamento do espaço físico delimitado. A sociabilidade em ambientes noturnos é mais complexa do que simplesmente pagar o ingresso, beber, escutar e dançar uma música específica. De qualquer forma, todos os relatos enfatizavam a liberdade, não comum em outros espaços, como o diferencial para esses frequentadores. A música era secundária para muitos frequentadores, assim como o ambiente físico propriamente dito. O destaque é dado para a possibilidade de ver e ser visto como um homem interessado e disponível à sociabilidade homoafetiva, conforme destacado por Anderson:

Pesquisador: Então a boate foi um espaço importante para você?

Anderson: Era a oportunidade de encontrar outros homens. Ser visto e poder ver outras pessoas que também curtem... Na balada tinha gente de todas as partes, de todas as idades, dava pra escolher.

A expectativa do ser visto permite um trajeto bastante específico e peculiar do deslocamento à mancha, as paradas para o lanche e bebida, da fila, do interior da boate e na

porta ao fim da festa; isso constitui uma dinâmica própria, com regras e expectativas capazes de gerar uma rede de consumo⁴¹ e experiências de integração entre homens *gays*.

A conversa com Anderson acima remete-me ao pensamento de Miskolci (2014, p. 286), para quem há não apenas o sexo e/ou a seleção de parceiros em potencial, mas o “anseio de aceitação/inserção social”. O reconhecimento dessas manchas *gays* capitaneadas pelas boates permitiu uma rede de espaços onde foi possível a vivência da homoafetividade, incluindo características básicas da sociabilidade humana, tais como criação de laços e vínculos, por meio do reconhecimento de pertencimento, bem como a identificação de uma cultura própria, muitas vezes relacionadas à resistência.

Desse modo, entendo as áreas ao redor das boates como “manchas *gays*”. Estas, assim como outras manchas, são

sempre aglutinadas em torno de um ou mais estabelecimentos, apresentam implantação mais estável, tanto na paisagem como no imaginário. As atividades que oferecem e a prática que propiciam são o resultado de uma multiplicidade de relações entre seus equipamentos, edificações e vias de acesso – o que garante uma maior continuidade, transformando-a, assim, em ponto de referência físico, visível e público para um número mais amplo de usuários (MAGNANI, 1992, p. 197).

As boates *gays*, nessa perspectiva, são pontos de referência física dessas manchas, não só pelo seu tamanho físico, mas também por tornarem-se o próprio referencial do surgimento dessa mancha, voltada para fins de entretenimento e de promoção da sociabilidade homoafetiva. A principal característica dessas manchas, conforme observado em alguns dos relatos, é propiciar um espaço de convívio entre a população LGBT+.

Conforme defendido por Nascimento e Fernandes (2010), as “manchas *gays*” apresentam funcionalidade bem próxima às dos guetos, sobretudo no aspecto da resistência à ordem dominante, uma vez que há formação de agrupamento de indivíduos promovendo a constituição de processos de sociabilidade e culturas dissidentes. Assim, a possibilidade do encontro de homens *gays* no espaço da mancha em uma sociedade heteronormativa permanece constituindo-se um ato de resistência.

As dinâmicas da sociedade transformam as espacialidades urbanas tanto fisicamente quanto com relação aos seus usos. Nas conversas realizadas, há percepções em comum sobre a transformação das manchas descritas. O fechamento de boates como a LeBoy (Copacabana) e o Cine Ideal (Centro da cidade) encerrou com eles as manchas constituídas em seu entorno.

⁴¹ Trevisan (2018), em seu trabalho, discute o chamado *Pink Money*, em alusão ao consumo realizado por pessoas *gays*.

Quanto às outras, a ideia do “ser visto” nas filas vem perdendo destaque, pelo menos de acordo com as impressões de Newton:

Newton: Na minha época era lá que nos encontrávamos, ríamos e éramos quem éramos.

Pesquisador: Então só tinha a boate para encontrar outro homem?

Newton: Não, tinha os cinemas, saunas e banheiros e outros lugares também, mas estes eram para sexo; às vezes poderia acontecer outro tipo de contato, mas as pessoas iam para transar mesmo.

Pesquisador: Entendi, a boate não trazia essa carga sexual?

Newton: Trazia sim, mas era diferente. Lá éramos mais que apenas uma opção de sexo; lógico que muitas noites terminavam na cama, em um motel ou na rua mesmo, mas era diferente, havia uma opção única de apenas curtir.

Devido à repressão social contra a homoafetividade, as boates podem ser entendidas como espaços que proporcionam maiores margens de liberdade, desnaturalizando preconceitos e possibilitando a criação de novos vínculos sociais e afetivos. Desde a virada do milênio, conquistas e avanços foram obtidos no Brasil quanto à criminalização da homofobia e o reconhecimento igualitário do casamento entre pessoas do mesmo sexo, porém é inegável que o ataque e o preconceito com as pessoas LGBTQ+ ainda são alarmantes.

Newton rememora um pouco de sua juventude e comenta:

Newton: Quando eu era jovem só poderia encontrar meus amigos na boate mesmo. Hoje temos mais liberdade, dá pra ir em um barzinho, vamos na casa de um e de outro. Pra paquerar e encontrar as pessoas é bem mais comum usar o Grindr. Você não precisa nem sair do quarto mais.

Ao longo das conversas, essa relação com os aplicativos foi várias vezes apresentada como crucial para o fechamento das boates mencionadas, bem como para a mudança de frequências nas manchas que persistem. Buscando ampliar essa discussão, indago Hector:

Pesquisador: Você ainda vai a boates?

Hector: Já passou o tempo de boates. Hoje frequento mais festinhas...

Pesquisador: Por que isso? O que mudou?

Hector: O que mudou de fato não sei explicar, mas hoje o mais importante é uma boa música e o espaço agradável, e muitas boates gays são cansativas, não se atualizaram. Você acaba vendo sempre as mesmas pessoas, sem contar que são longe.

Para Hector, frequência, espacialidade e qualidade dos entretenimentos são decisivas para sua escolha dos espaços noturnos. Conforme aprendido com os sujeitos da pesquisa, há indícios de que as boates não possuem mais o apelo da sociabilidade. São casas noturnas que concorrem no mercado por seu público. Na conversa com Hector relatada a seguir, ele destaca o quanto os aplicativos facilitam localizar novos parceiros sexuais:

Pesquisador: Mas para paquerar, você usa algum aplicativo?

Hector: Eu uso o Hornet e o Grindr, às vezes desinstalo um e instalo o outro, às vezes uso os dois juntos.

Pesquisador: Vejo muitos caras usando os dois, tem algum motivo?

Hector: Nem sei explicar o pq, são as mesmas pessoas que aparecem quase sempre.

Pesquisador: Mas você acha que com aplicativo está mais fácil conhecer alguém ou não mudou muito?

Hector: Os aplicativos facilitam muito, você já vê a foto, e daí sabe se curte ou não a pessoa e daí desenvolve o papo, você só sai mesmo se rolar afinidade e tiver uma boa proposta.

Hector: Não precisa mais se arrumar e ir caçar na noite.

Pesquisador: Prático, neh, nos poupa tempo e frustração rsrsr.

Hector: Não é? Muitas vezes você ficava a noite toda na boate e no final acabava com alguém que nem curtia muito só pra não terminar sozinho; hoje temos mais escolhas.

Nas narrativas de Hector e Newton podemos identificar algumas confluências tanto no destaque da função social das referidas boates – como ambientes que vão para além da música e bebida –, quanto na reconfiguração desses espaços mediante a popularização de aplicativos como o Grindr. Para Ross, Tikkannen e Manson (2000, p. 750), “a internet tem se tornado um espaço de mercado sexual que de algumas maneiras é o equivalente aos bares gays e aos lugares de flerte”. Isso reflete a atual preferência de Hector pelas “festinhas” e a possibilidade de Newton de encontrar seus amigos em bares e em outros espaços da cena noturna carioca.

Miskolci (2014), analisando especificamente o caso da cidade de São Francisco (Califórnia/EUA) e a popularização do Grindr, considera que houve uma mudança significativa nas relações de sociabilização entre homens gays e os espaços que ocupavam tradicionalmente na cidade. Devido à possibilidade de “transferir” para os *smartphones* os flertes e olhares, os espaços tradicionais de encontros de homens gays passaram gradativamente a ser esvaziados. O motivo disso é a praticidade de interações via aplicativos como Grindr, que acaba tornando mais rápida e acessível a conexão de indivíduos geograficamente dispersos (MISKOLCI, 2014).

Conceitos caros aos estudos em cibercultura, como ubiquidade e mobilidade (BARBOSA; SANTOS; RIBEIRO, 2018; SANTOS, 2010; COUTO JUNIOR, 2013), também são evocados pelos sujeitos ao mencionar a preferência de flertar e marcar encontros usando os aplicativos no lugar de ir às boates. Conforme aponta Thiago:

Thiago: Hoje eu tenho muita preguiça de sair rsrs.

Pesquisador: Ah, mas digo para conhecer alguém, jogar charme rsrsrs, nem sei como dizer isso sem parecer velho, rsrsr, mas quero dizer da forma antiga, se arrumar e conhecer alguém na noite rsrs.

Thiago: É disso mesmo que tenho preguiça, menino rs.

Thiago: Não consigo nem lembrar como era antes para encontrar alguém. E a gente ia só pra isso. Marcava, encontrava e se não dava match você perdia sua saída. Também era comum acabar a noite frustrado sem ter achado ninguém na balada.

Pesquisador: Então você acha que com o Grindr está melhor?

Thiago: Muito melhor, agora a gente troca foto, conversa bastante antes de marcar algo, eu, como sou mais quieto, já prefiro um cinema ou um barzinho qualquer, ao invés de uma balada... [...] Antes eu só ia pra boate pra poder encontrar alguém, agora é bem mais fácil... às vezes passo o dia inteiro de boeira no Grindr.

A “preguiça” descrita por Thiago torna-se contextualizada com a velocidade das interações permitidas pelos dispositivos móveis conectados em rede. Conforme Miskolci (2015, p. 78), “as mídias permitem a busca desde o trabalho e o lar, assim como maior objetividade e eficiência nos encontros face a face”. Isso explica a possibilidade de Thiago passar “o dia inteiro de boeira no Grindr”, já que o aplicativo instalado em seu *smartphone* permite interações com os demais membros, independente de sua localização física, dando maior flexibilidade a esses contatos.

Miskolci (2014) também destaca a potência do aplicativo ao permitir filtros por classificações autodeclaratórias e posicionamento por geolocalização. Esses filtros viabilizam maiores condições de encontros presenciais ao disponibilizar uma gama ampla de parceiros em potencial de forma contínua. Nesse contexto, a preguiça mencionada por Thiago pode ser entendida quando relacionamos o “sair” ao ato de buscar, facilitado pelo aplicativo.

Não é possível identificar apenas um único elemento que contribua com o argumento de que a internet pode constituir-se como espaço de homossociabilização, porém é inegável que as relações mediadas pelo digital em rede transformaram a sociedade como um todo – e em particular as relações homoafetivas (ZAGO, 2009). A internet, desse modo, configura-se como um espaço de sociabilidade constituída por redes de interações criadas pelos próprios usuários. Tal especificidade torna possível a segregação desse espaço em áreas de confluências ou interesses, uma vez que todas as informações são construídas, movimentadas e consumidas pelos próprios agentes. Observa-se, assim, a criação de espaços interconectados com temáticas específicas, por meio de *blogs*, *sites* de relacionamento e compartilhamento de informações que se entrelaçam em redes complexas de sociabilização forjada a partir de interesses comuns entre seus participantes (LE MOS; LÉVY, 2010; ZAGO, 2016).

As tecnologias digitais em rede possibilitaram grande transformação nos processos de sociabilidade contemporâneos. O advento de aplicativos móveis baseados na tecnologia de geolocalização permitiu, quanto às relações entre homens *gays*, uma mudança não apenas nas formas de interação e identificação por parte desses homens, mas também na própria relação deles com os espaços físicos para o convívio social (MISKOLCI, 2014).

No caso específico da cidade do Rio de Janeiro, as boates *gays* capitaneavam “manchas *gays*” ao longo do espaço urbano carioca. Essas manchas, criadas ao redor das casas noturnas,

permitiam uma distensão entre as cobranças heteronormativas preponderantes em nossa sociedade, permitindo maior liberdade para homens *gays*. Foi possível observar, com base nos relatos de frequentadores desses espaços, que gradativamente as boates *gays* e as manchas onde elas se inseriam foram sendo transformadas, e os aplicativos de encontro e relacionamento para homens *gays* tiveram importante papel nessa transformação.

Se antes a boate, a fila e a rua propiciavam espaço privilegiado para o encontro entre homens interessados em práticas de namoro/“pegação”, não podemos negar que essas práticas hoje podem ser agendadas por meio do uso de aplicativos. Esse agendamento traz duas especificidades que merecem ser destacadas: não há limite de horas e há ainda a possibilidade de uso de filtros diversos, como distância, idade e porte físico, que representam um alcance virtualmente ilimitado.

A função dessas manchas como promotoras de relações entre homens *gays* vem sendo reconfigurada pelos aplicativos digitais em rede. As boates, nesse contexto, passaram a disputar público com outros espaços noturnos; o apelo de promoção de um ambiente para conhecer homens interessados em relações com outros homens já não era um diferencial. Os aplicativos permitiam maior flexibilidade nos encontros, físicos e virtuais (MISKOLCI, 2014; 2015), somado ao fato de que novos espaços, embora não direcionados de forma exclusiva ao público LGBTQ+, possuem políticas de inclusão e aceitação deste grupo (TREVISAN, 2018). Nesse sentido, a lógica de mercado prevaleceu. As boates que não fecharam tiveram que se readaptar e passar a competir com outros espaços voltados para o divertimento noturno carioca.

As dinâmicas ciberculturais, dessa forma, por meio da mediação entre usuários conectados em rede, abriram novas possibilidades de configuração dos *espaçotempos*. Se antes boates, ruas e filas marcavam o espaço de homossociabilização, hoje os trajetos e as práticas de namoro/“pegação” são mais complexas. Entender o papel e a dinâmica dos novos espaços criados e recriados por meio das interações de usuários conectados em rede e sua relação com a espacialidade urbana se apresenta como um novo desafio para pensar não apenas as dinâmicas próprias de nossa cidade, mas também das próprias relações e culturas forjadas no âmago das referidas relações.

5.2 “Não sou e não curto heteronormativos”: sobre machos discretos e gays afeminados na rede

A diferença só surge quando se assume sobre o dominado o ponto de vista do dominante.

Pierre Bourdieu (2016, p. 92)

No momento em que escrevo este trecho, sou levado ao passado. Ser considerado “afeminado”, e isto representou para mim mais do que simplesmente ser *gay*, na verdade dizia menos sobre ser homem *gay* e mais sobre ser colocado na condição de diferente. O adjetivo anormal talvez seja o que melhor traduz a força negativa que senti na juventude por ser constantemente relegado à condição de um homem desqualificado por ser *gay*. Rememorar parte de minha experiência juvenil permite-me romper com uma ideia antiga de que só existe a possibilidade de ser homem *ou gay*, reconhecendo o quanto as masculinidades dissidentes representam a verdadeira potência de uma multidão de pessoas que se recusa a ser enquadrada em um modelo de vida heteronormativo. Naquela época, me fizeram acreditar que todos os *gays* eram afeminados e, por lógica, homens não o deveriam ser.

Essa premissa, objetivamente estrutural de definição do ser, por muito tempo foi a construção mais profunda sobre o que era constituir-se homem para mim. A citação de Bourdieu (2016) é uma tentativa de desvelar tal razão. Para ele, a incorporação da lógica binária masculino x não masculino, estruturante das relações de poder na sociedade, é produzida e reiterada também pelos discursos dos sujeitos que performatizam masculinidades dissidentes. Com isso, quando é naturalizada a ideia de que homens não devem ser afeminados, se eu, como homem *gay* afeminado, aceito o referencial da masculinidade (cis)heteronormativa, acabo provocando uma violência contra mim mesmo. Hoje também me coloco a seguinte pergunta: e qual o problema de ser afeminado? Se parto do pressuposto de que o feminino precisa ser igualmente valorizado, então ser uma pessoa *gay* afeminada só pode ser considerado uma qualidade positiva.

Tal reflexão, ainda que pensada como primordial a este estudo, não surge ao acaso. Esses pensamentos são apresentados por Carlos, um dos sujeitos da pesquisa, que me apresenta um perfil do Grindr contendo a frase “Não sou e não curto heteronormativos”.

Carlos: Achei esse perfil bacana para sua pesquisa.

Pesquisador: É sim, obrigado! Mas o que você acha?

Carlos: Uma provocação, neh, ou melhor, uma forma de desconstruir esses nossos preconceitos?

Pesquisador: Seu também?

Particularmente destaco a apropriação feita pelo dono do perfil apresentado e que me remete ao pensamento de Bourdieu (2016) sobre a violência ao se internalizar (e normalizar) uma ordem androcêntrica. Com a frase “Não sou e não curto heteronormativos”, são colocadas em xeque as normas regulatórias de gênero e sexo, tão presentes em perfis no Grindr que comumente evidenciam dizeres como “não sou e não curto afeminados”, justificando essa opção como uma “questão de gosto”.

Nesse ponto me alinho com o pensamento de Miskolci e Pelúcio (2008), para quem a heteronormatividade é entendida como o agrupamento normativo que, de forma direta ou indireta, atravessa não apenas as práticas sexuais, mas também diferentes elementos constitutivos de nossa sociedade. Assim, a inversão do discurso expresso na proposição “não sou nem curto heteronormativos” traz em si ecos de outros discursos proferidos. Dessa forma, a inversão contida nesse discurso nos convida à reflexão, ao passo que torna visíveis possibilidades externas ao ideal dominante.

Ao subverter a ordem dominante, não só se cria uma desconstrução, conforme diz Carlos, como também torna escancaradas a fragilidade e a simplicidade da estrutura binária de enquadramento do ser, colocando de um lado os “afeminados” e do outro os “machões”. Não podemos negar que somente subvertendo as normas provocamos pequenas fissuras nas estruturas de poder que normatizam corpos, gêneros e sexualidades. Ademais, minha conversa com Carlos prossegue quando pergunto a ele: “*no seu perfil, você também já colocou que não curte afeminados?*”.

Carlos: Ah, não da para negar, sim tb. Não é o que me atrai, mas hoje não me incomoda.

Pesquisador: Então já te incomodou estar próximo de um cara afeminado?

Carlos: Na verdade, sim, não vou dizer que ficaria com um cara assim; como disse, não me atrai, mas hoje não me deixa nervoso.

Pesquisador: ??? Nervoso?

Carlos: Ah, sim, quando eu me escondia, tinha medo de que, por estar perto de um cara afeminado, iam descobrir que eu também era gay. Besteira isso, eu sei, mas já fui assim.

Pesquisador: Tê entendo. Acho que já vivi o mesmo.

Em minha última interação com Carlos nesta conversa, digo que “acho”, porém aqui me retifico, tenho certeza de que o fiz. O estigma de ser apontado como fora da norma, um dissidente, me fez por anos rejeitar a possibilidade de me tornar um homem *gay*. Domesticado como um cão, a “coleira” da norma era um fardo, cabendo a mim aprender e seguir o que se esperava de um homem dentro do modelo (cis)heteronormativo.

Assim, buscava me distanciar de tudo que não era nitidamente percebido como pertencente ao masculino. Pertencer não era simplesmente ser, mas também ser reconhecido

como. Foi na escola, com suas estruturas de reforço dos papéis sociais de gênero (LOURO, 2012), que mais fortemente rememoro essa negação tanto em mim quanto no “outro”. Tal como Carlos, o medo de ser reconhecido como *gay* me fazia rejeitar o afeminado, tanto em mim como no “outro”. Reforçar um padrão de virilidade masculina ao mesmo tempo em que rejeitava o que fugia a norma era o que guiava meu modo de ser na escola.

A “heteronormatividade” resulta justamente nesse enquadramento totalizante do ser homem e na exclusão de todo o “resto”, ou seja, todos os sujeitos que desviam do esperado. Conforme Parker (2000, p. 96),

o que significa ser macho ou fêmea, masculino ou feminino, em contextos sociais e culturais diferentes, pode variar enormemente, e a identidade de gênero não é claramente redutível a qualquer dicotomia biológica subjacente. Todos os machos e fêmeas biológicos devem ser submetidos a um processo de socialização sexual no qual noções culturalmente específicas de masculinidade e feminilidade são modeladas ao longo da vida. É através desse processo de socialização sexual que os indivíduos aprendem os desejos, sentimentos, papéis e práticas sexuais típicos de seus grupos de idade ou de *status* dentro da sociedade, bem como as alternativas sexuais que suas culturas lhes possibilitam.

A socialização sexual, tal como valorizada no modelo heteronormativo, permite-nos pensar o papel das estruturas sociais em reiterar/romper papéis de gênero. Ao mesmo tempo que apresenta a mutabilidade dada pela sociedade na constituição da sexualidade, reforça a impossibilidade de promover uma igualdade entre homem social e homem biológico. Se, para Louro (2007, p. 144), “o processo de heteronormatividade sustenta e justifica instituições e sistemas educacionais, jurídicos, de saúde e tantos outros”, cabe questionar a produção dessa norma. Valendo-se de tal premissa, não é de se estranhar o recordar a escola como espaço de manutenção dos padrões esperados para cada um dos gêneros.

Nessa perspectiva, inspirando-se em Simone Beauvoir, Baubérot (2013) afirma que “não se nasce viril, torna-se viril”. Tal característica está vinculada a um referencial de masculinidade dominante, com atributos que representam um homem idealizado com base em um padrão de masculinidade referencial. Esse enquadramento de masculinidade não recai apenas sobre comportamentos, mas também sobre os corpos. Para Le Breton (2010), o corpo pode ser entendido como a materialização do indivíduo, e, portanto, sujeito às mesmas normas/pressões sociais imputadas ao ser. Em tal perspectiva, é preciso entender a corporeidade inserida nos jogos e disputas simbólicas, moldados pelos contextos sociais e históricos que constituem os diferentes *espaçotempos*.

Pensando especificamente nas preocupações impostas pela masculinidade a um homem *gay*, é no corpo que recai boa parte das preocupações. “Não há nada de natural no

gesto ou na sensação”, afirma Le Breton (2010, p. 9). Tomando isso como verdade, por que considerar estranho, errado ou vergonhoso “dar pinta”? Com isso, é a parte anatômica do sujeito (pênis-vulva) que, dentro de uma ótica (cis)heteronormativa, determina o gênero do sujeito (macho-fêmea) e, conseqüentemente, as expectativas sociais desse sujeito-corpo sexuado-generificado. Conforme afirma Butler (2000, p. 111),

“sexo” é um constructo ideal que é forçosamente materializado através do tempo. Ele não é um simples fato ou a condição estática de um corpo, mas um processo pelo qual as normas regulatórias materializam o “sexo” e produzem essa materialização através de uma reiteração forçada dessas normas. O fato de que essa reiteração seja necessária é um sinal de que a materialização não é nunca totalmente completa, que os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta. Na verdade, são as instabilidades, as possibilidades de rematerialização, abertas por esse processo, que marcam um domínio no qual a força da lei regulatória pode se voltar contra ela mesma para gerar rearticulações que colocam em questão a força hegemônica daquela mesma lei regulatória.

Não é, portanto, do corpo masculino que emerge a masculinidade, mas é no corpo masculino que recaem as expectativas impostas pelas normas regulatórias de gênero. O corpo do homem é, desde o nascimento, tomado pelos referenciais de masculinidade dominante. Não por acaso vemos nas festas de “chá de revelação” o reforço dos estereótipos de gênero, mais marcadamente pela adoção de cores e decoração, minuciosamente escolhidas para a realização de uma celebração que, muito antes do nascimento da criança, já evidencia a própria normatização da vida (COUTO JUNIOR; AMARO; ROMERITTO; RUANI, 2020).

Nesse contexto de corporificação de uma masculinidade (cis)heteronormativa me deparei com a palavra “macho” em conversa mantida com Lucas pelo WhatsApp (apresentada abaixo); uma palavra que apresenta a função de classificar um grupo específico de homens *gays*. Enquanto identifico o “não sou e nem curto heteronormativos” como uma ruptura, a preferência por “machos” pode ser entendida como manutenção dessa norma mesmo entre os que performatizam uma masculinidade dissidente.

Lucas: Eu só curto cara macho, tem que ter voz e jeito de macho.

Pesquisador: Ah, mas nunca rolou com cara afeminado?

Lucas: Nem rola, não curto.

Pesquisador: Mas o que é jeito de macho pra você?

Lucas: Ué, ser macho, você sabe.

Pesquisador: Sei não, me diz você...

Lucas: Ah, poxa, eu curto cara fortão, peludão, com barba, tem, que ter voz grossa e tal... Tem que ser meio ogro, e manter a postura, neh.

Lucas me pareceu surpreso quando indaguei o que significava ser “macho” para ele, não só com a interjeição “ué”, denotativa de obviedade, mas pela demora em formular uma resposta. Era possível acompanhar pelo WhatsApp as reformulações de respostas do meu

interlocutor pelas constantes idas e vindas da mensagem “digitando” na janela em que conversávamos. Por fim, Lucas apresentou uma definição física/corporal do que é ser “macho” no entendimento dele.

Entendendo que “o corpo é objeto de construção social e cultural” (LE BRETON, 2010, p. 65), os comentários de Lucas corporificam um tipo específico de masculinidade, da qual se espera igualmente um comportamento específico. Conforme Goellner (2005, p. 28), “não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem, mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem”. Assim, os atributos do corpo do “macho”, bem como seu uso, devem corresponder às expectativas socialmente construídas.

Cabe ressaltar ainda que, conforme Louro (2001, p. 548), “linguagem que se refere aos corpos ou ao sexo não faz apenas uma constatação ou uma descrição desses corpos, mas, no instante mesmo da nomeação, constrói, faz aquilo que nomeia, produz os corpos e os sujeitos”. Não é de se estranhar que Lucas, ao apresentar uma descrição corpórea do “macho”, utilize palavras no aumentativo para elucidar sua preferência por corpos com pelos e força muscular. Lucas personifica no corpo um ideal de masculinidade, com atributos físicos que correspondem à masculinidade de um homem (fictício) “meio ogro”, um ser mitológico do folclore europeu. Conforme Miskolci (2015), o corpo musculoso, dito “ogro” ou “fortão” por Lucas, opera no campo do reforço da masculinidade ao se contrapor ao magro, relacionado a fraqueza e alocado no espectro do feminino. Observa-se, portanto, a dualidade feminino x masculino na dita preferência por determinado atributo do corpo.

As expressões de gênero encontram no corpo uma forma de afirmar materialmente sua existência. Conforme Teixeira (2017, p. 67): “os corpos são as arenas para a construção de padrões de gênero; sendo assim, o gênero assume importância crucial para esse discurso, desse modo somos imersos em uma série de regras e normas que disciplinam nossos corpos de homens”. Assim, a proposição de Lucas sobre o “macho” reforça expectativas de gênero sobre o corpo de um homem que ele identifique como masculino não só pelos atributos físicos, mas pelas próprias condutas do corpo. Afinal, “a expressão corporal é socialmente modulável, mesmo sendo vivida de acordo com o estilo particular do indivíduo” (LE BRETON, 2010, p. 9).

Nas dinâmicas ciberculturais, mais especificamente em aplicativos como o Grindr, a imagem do corpo recebe destaque não apenas na apresentação do perfil, mas na própria dinâmica comunicacional estabelecida com outras pessoas geograficamente dispersas, muitas das quais não conhecemos face a face. Nesse contexto, mostrar a si ou partes de si, insere-se em uma lógica própria de reafirmação ou reforço de masculinidades específicas e/ou

esperadas. Não incomuns são perfis sem imagens, com uma das justificativas para tal opção sendo fornecida por Cláudio:

Cláudio: Eu sou discreto, por isso não tenho foto.

Pesquisador: Mas como você faz para conversar com alguém? Vai sem ver a pessoa mesmo?

Cláudio: Hahaha, na real não me importa muito o rosto, prefiro ver o pau.

Pesquisador: Nossa, mas você acaba marcando com alguém vendo só partes do corpo, sem rosto?

Cláudio: Então, já rolou sim, prefiro assim... Pra mim tem que ser discreto e curto quem seja.

Pesquisador: Mas ser discreto para vc é não mostrar o rosto?

Cláudio: Não, mas em geral dá menos problema, é só sexo, então vamos direto ao que importa.

Para Le Breton (2010), o rosto é a parte mais nobre do corpo humano, onde identificamos a individualidade e nos conectamos com o outro. É possível que Cláudio tenha o mesmo entendimento, e, por ser “discreto”, evite identificação com seus parceiros. Para ele, por buscar “só sexo”, o rosto no aplicativo tem menos importância do que o pênis. Miskolci (2015) destaca uma dinâmica comunicacional própria em aplicativos como o Grindr, argumentando que a parte que identifica a pessoa é apenas disponibilizada como um “prêmio” indicativo de interesse recíproco entre os interlocutores.

Há que se considerar que a relação com a exposição da corporeidade entre membros do Grindr é algo próprio das dinâmicas comunicacionais criadas pelos membros do aplicativo. Ainda que não se permitam *nudes* nas fotos que possam ficar disponíveis em um perfil, é possível mandar as famosas *nudes* por meio de mensagens privadas no aplicativo. Para Zago (2009), nas dinâmicas de interações entre homens *gays* mediadas pelo digital em rede, o pênis e outras partes do corpo substituem o rosto na construção de um imaginário sobre o outro.

Para Kathryn Woodward (2007, p. 15), “o corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento de fronteiras que definem quem nós somos”. Desse modo, a não apresentação de um rosto, capaz de individualizar, deliberadamente busca limitar o acesso ao “eu” individualizante, ao passo que o restante do corpo, marcadamente masculino, articulado pelo pênis ereto, busca apresentar um recorte de si, o qual será o único oferecido ao parceiro/interlocutor. Essa dinâmica descrita por Cláudio me remete às palavras de Zago (2009, p. 103): “o rosto não desaparece; aqui ele se move, se desloca. A face, sim, é adiada, fica prometida para depois, mas o rosto vira nômade pelo corpo”. Isso significa que outras partes desse corpo irão constituir, ainda que de forma parcial, o necessário para materialização identitária do homem que o apresenta.

Nesse contexto, Zago (2009) lembra que a necessidade de apresentar-se como “discreto”, como dito por Cláudio, encontra-se associada à necessidade de desvincular-se de características ditas não masculinas. Para Miskolci (2015), a busca pelo “discreto” está associada a uma representação imaginária que relaciona heterossexualidade e masculinidade. Ao se dizer discreto, retira-se do corpo e de si traços considerados não adequados a uma masculinidade idealizada.

Ao longo das conversas é possível perceber uma identificação tácita sobre o que é masculino ou o que se entende como apropriado a uma masculinidade. Nota-se uma tentativa de distanciamento do que não se enquadre no conjunto do que se percebe por masculino idealizado. Assim, os corpos na rede encontram-se na mira das (cis)heteronormas, incluindo as masculinidades dissidentes, também sob vigilância constante.

5.3 ***“Por eu ter o pau grande muitos caras já chegam me considerando machão”*: sentidos de masculinidades dissidentes pelo uso do emoji de berinjela no Grindr**

Tratar de masculinidade é muito mais do que dizer-se homem; é também trazer para o discurso aspectos constituintes das masculinidades que fogem aos padrões (cis)heteronormativos. Essas masculinidades dissidentes “escapam”/burlam as normas e encontram-se muito presentes nas dinâmicas sociais do Grindr. Nessa direção, as conversas a seguir buscam discutir como o emoji de berinjela presente nos perfis do aplicativo atuam na constituição das masculinidades dissidentes. Essas conversas, realizadas com três dos participantes da pesquisa que se interessaram pelo tema, tiveram como foco especificamente o emoji de berinjela, trazendo a oportunidade de propor uma inter-relação entre masculinidade, tamanho do pênis e enunciação de si. Tal reflexão se apresenta a mim como um convite recorrente para a necessidade de contribuir para a desconstrução da ideia de que o tamanho do órgão sexual masculino estaria diretamente relacionado à (des)valorização de determinadas formas de ser homem.

Ao longo da observação em campo, o emoji de berinjela chamou minha atenção recorrentemente nos textos escritos dos perfis, mas principalmente nas suas enunciações. Não só a berinjela como também outras imagens constituíam um código comunicacional específico no aplicativo, conforme ilustrado no Anexo 1. Nesse caso particular, vinculado à enunciação de um atributo físico – o tamanho do falo –, esse fruto traz em si também uma segunda informação socialmente importante dentro do contexto do aplicativo: informa a

outros usuários que tamanho e potência conjugam-se em uma expressão de masculinidade própria. O falo avantajado e a posição de ativo penetrante no ato sexual são centrais na constituição de uma masculinidade performatizada num modelo normalizador, pois, na perspectiva da (cis)heteronorma, a potência do homem associa-se ao tamanho de seu órgão genital e, por relação, ao uso que se faz dele.

Conforme definição dada por Rodney,

a berinjela significa que a pessoa é atv [ativa] e é dotada. O pêssego, a pessoa é passiva ou tem a bunda grande. É normal. Uma forma de chamar a atenção. É para quem busca apenas sexo, é uma maneira mais fácil de encontrar um parceiro.

O apelo para a indicação do tamanho ou forma da genitália conjuga-se com uma prática sexual esperada, em que papéis são reforçados, para os quais o falo avantajado deve justamente indicar a disposição de desempenhar o papel de ativo penetrante. Esses códigos criados no contexto do aplicativo remetem para um processo criativo de interação com o outro, muito embora a busca *a priori* por determinada preferência tenda a impedir que outros modos de conhecer a si e ao outro sejam vividos/experimentados. Cabe aqui lembrar o trabalho de Preciado (2014), que rompe com a simplória estrutura pênis-vulva para afirmar a potência de nossos corpos na forma como nos relacionamos sexualmente conosco e com os outros. Dito isso, também reconheço a necessidade de que seja ampliado o entendimento do que se espera de uma relação sexual entre dois homens *gays*, questionando desde já que podemos ir muito além do ativo-passivo no contexto de uma relação penetrante-penetrado.

Em conversa, André explica melhor a opção pelo uso do emoji de berinjela no aplicativo:

Pesquisador: E essa berinjela no perfil?

André: Para falar que sou dotado haha.

Pesquisador: kkk pq? O que a berinjela tem a ver?

André: Em relação ao tamanho.

Pesquisador: O seu tem que tamanho?

André: 22cm.

Pesquisador: hum, entendi rs, e funciona, quer dizer, o perfil com a berinjela, não o seu pinto rs.

André: kkk sim, os dois. As pessoas são curiosas.

Pesquisador: Vc se orgulha do tamanho?

André: Sim, muito.

Pesquisador: Vc é somente atv?

André: Na verdade não, prefiro ser passivo rsrs.

Com base em sua experiência como usuário do Grindr, André fornece algumas pistas para entender os padrões simbólicos de reiteração da (cis)heteronorma, em que a masculinidade e a virilidade são associadas ao tamanho do falo. Ao mesmo tempo, esse

homem subverte a lógica ativo-dotado x passivo ao mencionar que prefere exercer o papel de passivo com outros homens. Embora as relações sexuais que André busque no aplicativo estejam situadas em um contexto de penetrante-penetrado, ser dotado e ao mesmo tempo passivo evidencia formas variadas/inesperadas de buscar prazer, colocando em xeque classificações simplórias que enquadram sujeitos dentro de contornos normativos que buscam reduzir as margens de liberdade. Romper com categorias fixas de ser/estar no mundo nos convida a olhar para “uma multidão de diferenças, uma transversalidade de relações de poder, uma diversidade de potências de vida” (PRECIADO, 2011, p. 18).

No desenrolar de nossa conversa, André demonstra ainda que chamar a atenção para a potência do falo funciona relativamente bem, ainda que ele desempenhe uma prática sexual como passivo.

André: Os caras ficam curiosos, nem sei explicar direito, mas geral já quer ver um pau grande.

Pesquisador: Mas aí o que acontece? Há um desapontamento por você ser passivo?

André: Algumas vezes sim, tem uns caras que são passivos convictos, só querem mesmo dar.

André: Mas, na verdade, desde que coloquei a berinjela passei a receber muito mais contatos de atvs.

Pesquisador: Sério? Achei que ocorreria o contrário...

André: Pois é, mas nem é assim. Tem um cara com quem eu saio às vezes que fala que adora ver e tal...

André: Gosta que fique duro enquanto estou sendo passivo.

André: Mas tb têm aquele negócio, neh, por eu ter o pau grande muitos caras já chegam me considerando machão e tal...

Pesquisador: E tu?

André: Se o cara for bonitinho e tal eu pego e faço atv mesmo. Mas na real não sou machão, não tenho o perfil, mas dependendo dá pra rolar. Só fingir que é comedor, a maioria na verdade faz isso, poucos são só atvs, fazem só tipo.

Esse homem afirma ser possível performatizar múltiplas masculinidades, mas também mostra o potencial das interações digitais em rede, em particular do Grindr, para facilitar a expressão de práticas, desejos e identidades conforme os interesses de seus participantes. A construção e edição do perfil no aplicativo permite visualizar essa constante mutabilidade do “eu” nas interações com o outro. Por várias vezes as informações do perfil de André no Grindr eram alteradas, incluindo *nickname*, preferências sexuais (versátil, passivo) e descrição do que desejava naquele momento (sexo casual, relacionamento sério). Essa é uma das características das redes: poder mudar constantemente os *nicknames* com base nas necessidades e demandas de um usuário que se encontra em constante contato com outros usuários (COPPETTI, 2009). Tal processo de ressignificação e recontextualização da identificação performatizado por André no Grindr remete a um contexto de desidentificação com as normas sexuais que buscam fixar masculino e desejo (heteros)sexual dentro de um

quadro estável. Desse modo, como afirma Butler (2019, p. 244), as noções de sexo essencial e de masculinidades (e feminilidades) verdadeiras e permanentes são estratégias sociais que buscam ocultar o caráter performativo do gênero “fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória”. Desse modo, as contínuas alterações de perfil no Grindr de André são uma resistência potente ao enquadramento da masculinidade – até mesmo da masculinidade homossexual – em um sentido estabilizado.

A informação de André quando afirma que o tamanho do seu órgão genital o relaciona a uma virilidade esperada, a do “machão”, fornece algumas considerações sobre a relação entre virilidade e falocentrismo. Para Zago (2013, p. 423), a exposição fálica nas relações entre homens *gays* que interagem na rede em busca de parceiros reforça a inversão entre face e falo, uma vez que “as partes íntimas de macho são precondição para a existência e o reconhecimento da face de homem”: o órgão genital (e não o rosto) passa a ser o referencial imagético da representação do indivíduo. Desse modo, quando alguns usuários do aplicativo almejam que André seja o “machão”, esse imaginário do “macho-avantajado-ativo” é idealizado com base nas informações fálicas apresentadas pelo sujeito no seu perfil do Grindr. Representado pelo emoji de berinjela, seu pênis grande o associa a uma masculinidade possuidora de uma virilidade específica, a qual possui correspondência na imagem construída em torno de seu pênis.

Seguindo com as conversas, Hector possibilita a construção da relação entre berinjela, prática sexual e papéis esperados nas relações homoeróticas:

Pesquisador: Vi que no seu perfil você diz que busca [emoji de berinjela].

Hector: Isso, gosto de homem com pegada.

Pesquisador: Mas e a berinjela?

Hector: A, poh, é que representa o pau do cara srsrsrs.

Pesquisador: Mas tem que ser grande?

Hector: Rrsrs, não, nem precisa. Sei que eles usam isso aqui [a berinjela] para dizer que são dotados, mas o importante é ser macho.

Pesquisador: Mas aí tem relação? Digo macho x berinjela x dotado...

Hector: Mais ou menos, neh, tipo não precisa ser dotado pra ser bonzão nem macho, na real nem gosto de caras muito grandes [referência ao tamanho do membro], mas, sei lá, a berinjela parece que o cara é mais macho, atv com pegada. O mais importante é saber usar muito bem o tamanho que for rrsrs.

Em sua fala, Hector afirma que “o importante é ser macho”. Porém me causa certo estranhamento essa afirmação porque ser macho varia com o tempo e espaço e depende do referencial de masculinidade. Hector argumenta, quanto à relação tamanho do pênis x virilidade, apontando que o pênis não precisa ser avantajado, mas seu detentor precisa performatizar uma masculinidade esperada, a de “macho”. Recorro novamente a Zago (2013, p. 426), para quem “o sentido forte da expressão macho só é possível porque está ligado à

norma heterossexual instituída”. Essa expectativa de papel, a de busca de um companheiro “macho”, é entendida e pensada, portanto, dentro do padrão (cis)heteronormativo dualista (BUTLER, 2019). A berinjela, ainda que fortemente relacionada à enunciação de um órgão sexual avantajado, também funciona como marcador de uma masculinidade normativa, “já que essa porção orgânica do corpo seria supostamente aquela que carrega a prova mais material do sexo macho” (ZAGO, 2013, p. 427). O pênis, desse modo, ainda se converte em elemento focalizador de uma masculinidade embasada na (cis)heteronorma, mantendo o dualismo entre ativo-penetrante e passivo-penetrado.

Por um lado, os relatos apresentam uma relação estereotipada entre masculinidade e tamanho do órgão genital, conectando o corpo masculino aos conceitos de virilidade e masculinidade, tal como apontado por Bourdieu (2016). Por outro, é evidenciado um entendimento das múltiplas possibilidades de ser homem *gay* e de desvinculação entre prática sexual e o tamanho da genitália do sujeito. Essa infinidade de formas e estratégias de se constituir/identificar como homem *gay* revela a complexidade das relações de poder constituinte das interações entre os sujeitos no aplicativo. Ademais, não podemos desconsiderar a perspectiva butleriana, que argumenta que o gênero é performativo pela forma como falas/atos/gestos reiteram-se cotidianamente com base em normas que buscam enquadrar sujeitos em categorias restritas alinhadas com a heterossexualidade reprodutora (BUTLER, 2019).

Se em um primeiro momento a berinjela enunciava não apenas o tamanho do pênis, mas também papéis programados, dicotômicos, nas relações sexuais entre dois homens, percebi também, após contato com os sujeitos, que o emoji de berinjela é muitas vezes ressignificado, apontando que o falo, embora tenha destaque, não se limita à prática de penetração durante o ato sexual. Assim, chamar a atenção para o tamanho do pênis por meio desse emoji no Grindr não se limitou a reiterar o modelo (cis)heteronormativo dominante. Ainda que rompida a relação entre tamanho do órgão genital e o papel erótico desempenhado, a genitália masculina e suas representações seguem evocando uma simbiose entre masculinidade, potência sexual e virilidade física.

A intenção com esse conjunto de conversas foi discutir processos de constituição de masculinidades dissidentes, entendidas aqui como aquelas que subvertem as relações dicotômicas masculino x feminino. Para tanto, parto do entendimento de que, conforme postula Butler (2019, p. 59), o gênero “não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero”. Assim, é possível perceber a

reiteração de normas e mesmo transgressões nas expressões de masculinidades performatizadas por homens que utilizam o aplicativo Grindr.

Dado o exposto, foi possível perceber que a enunciação de masculinidades por meio do emoji de berinjela no Grindr ainda encontra na representação fálica sua expressão máxima de potência e virilidade. Bourdieu (2016) aponta para a existência de uma lógica falocêntrica na constituição das relações entre indivíduos, cujas virilidade e masculinidade vinculam-se simbolicamente a atributos fálicos e em última análise ao próprio pênis, o qual constitui-se como parte do “corpo socializado” e que estabelece relações de dominação regidas pela lógica androcêntrica. Nas palavras do autor, “a diferença anatômica entre os órgãos sexuais pode, assim, ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros” (BOURDIEU, 2016, p. 24). Desse modo, enxergo a representação do emoji de berinjela como reprodução de uma dominação simbólica, enunciando virilidade e masculinidade por meio da representação fálica. Nesse contexto, cabe ressaltar que, dentro das redes de namoro/“pegação”, muitos usuários “acabam por inverter a exposição de seus corpos: escondem suas faces e fazem de seus pênis os seus Rostos” (ZAGO, 2013, p. 429). De acordo com o autor, o Rosto é empregado com letra maiúscula porque expressa um sentido mais amplo do que a simples representação facial. Zago (2013) defende que, em perfis de *sites* de relacionamento, principalmente os destinados a homens *gays*, o Rosto tende a impregnar uma identidade ao corpo, a qual estaria fortemente associada a sexualidade.

Portanto, é no pênis que recai o imaginário de constituição de identidade e expectativas com o outro, o interlocutor, que, no caso desses perfis, é enunciado, mas não necessariamente reitera práticas (cis)heteronormativas. A lógica estabelecida sob o postulado da violência simbólica apresentada por Bourdieu (2016) é a de incorporação e reiteração de relações (cis)heteronormativas na regulação das interações entre os homens que interagem com outros homens por meio do Grindr. Assim, entendo que “as concepções tradicionais acerca dos papéis sociais, apesar de esvaziadas de conteúdo, são reinscritas ao invés de subvertidas nas práticas mais comuns em curso no ciberespaço, ainda que se abram várias vias para a experimentação das identidades” (RÜDIGER, 2002, p. 125).

É possível perceber então que a utilização do emoji de berinjela como forma de enunciação em perfis também encontra formas de subversão da (cis)heteronorma. Se a centralidade dos falos foi observada e mantida nos discursos, o mesmo não pode ser dito das interações observadas e esperadas.

Recorro a Butler (2019), para quem o gênero não está restrito aos limites binários característicos da ordem dominante descrita por Bourdieu (2016). Desse modo, ao mesmo

tempo que esses homens recorrem ao binarismo simbólico do falocentrismo, eles reconhecem tal prática como estratégia para a vivência de uma sexualidade que rompe com o padrão binário de gênero. Se o destaque à potência do pênis reforça o papel de ativo penetrante e reproduz a lógica da dominação masculina reproduzida nas relações homoeróticas (BOURDIEU, 2016), as múltiplas possibilidades possíveis de vivência sexual e performance de gênero não se limitam ao binarismo estruturante.

Dessa forma, é possível observar, tanto nos perfis quanto nos relatos dos membros do Grindr, a reiteração de normas e padrões de gênero. No entanto, não podemos desconsiderar que todo “processo de normatização fornece a pauta para as transgressões, já que essa repetição e reiteração impostas pelas matrizes heterossexuais inteligíveis não se processam de maneira plena” (SILVA JUNIOR; BRITO, 2020, p. 182). Temos assim as possibilidades de enunciar e de se orgulhar do tamanho e potência de seu falo e, ao mesmo tempo, ter preferência por uma prática sexual como passivo/penetrado, incorporando e ressignificando a tríade sexo-gênero-desejo.

Como pesquisador do campo de estudos de gênero e sexualidade interessado nas dinâmicas sociais do digital em rede, não tenho como negar o desafio de olhar atentamente para os processos de sociabilidade de homens *gays* que buscam parceiros na internet. Frente a isso, considero importante desconstruir a ideia de que o tamanho do órgão sexual masculino esteja diretamente relacionado à valorização da masculinidade normativa, lógica que foi muito presenciada durante a pesquisa de campo. Dessa forma, a investigação dos sentidos de masculinidades dissidentes performatizadas a partir das apropriações do emoji de berinjela no Grindr evidenciou a necessidade de questionar padrões corporais, de gênero e sexuais impostos pelas (cis)heteronormas.

5.4 “Só curto negão”: considerações sobre masculinidades, negritude e homossexualidade

A ideia moderna de raça favoreceu uma escala específica de representação e funcionou dentro dos mais estritos limites perceptuais, que as marcas, os órgãos e as feições distintivas tenham sido descobertas na superfície externa do corpo, quer tenha se pensado que eles residissem em algum lugar em seu interior, onde se imaginava que as propriedades escondidas do sangue, dos ossos e dos nervos, diferenciados racialmente, regulassem as manifestações sociais e culturais.

Gilroy (2007, p. 58)

A proposição de Gilroy (2007) nos permite relacionar as concepções *sócio-históricas*⁴² de raça e de racismo. O corpo emerge como a materialização visível da diferença, servindo tanto para evidenciar a potência das singularidades humanas quando para demarcar/segregar quais grupos sociais estarão suscetíveis a serem desqualificados pelo racismo. É no corpo que se busca legitimar, de forma tangível, a segregação e o embasamento da construção e reprodução de estereótipos racistas. No caso brasileiro, o racismo violenta a população negra, na medida em que seus corpos e existências são alvos das mais abjetas teorias e de imaginários que buscam desqualificar modos de vida, promovendo uma hierarquização da própria existência humana.

Inspirado no que Cida Bento (2002) nos ensina, reforço a participação do branco na luta contra o racismo, e este deve ser marcadamente distinto do papel do negro, porém com objetivos similares e convergentes. Longe de usurpar ou neutralizar a participação do negro nos debates e na própria produção do conhecimento, ao branco cabe não apenas apoiar, mas reconhecer a existência de privilégios históricos que alicerçam ainda hoje nossa sociedade e, a partir disso, dar impulso à luta, nas mais diversas frentes, para a promoção da verdadeira democracia, na qual não cabem privilégios de quaisquer maneiras (BENTO, 2002).

Como homem branco⁴³ no Brasil, a experiência do racismo não é uma realidade que sofro em meu cotidiano, porém precisamos considerar que o matiz racial se apresenta como elemento hierarquizante das relações sociais. É deste modo que vivo o racismo: como alguém que vê a população negra sendo vítima dessa vil prática; por não ser negro, reconheço que possuo privilégios. O corpo enquanto materialização do ser é constantemente marcado e açoiado pelo racismo. No caso de africanos e seus descendentes, a cor da pele e outros traços físicos reconhecidos como marcadores étnicos/genéticos os classificam como os “outros” quando tomamos como referencial eurocêntrico o homem branco heterossexual.

Conforme Le Breton (2010, p. 73),

o processo de discriminação repousa no exercício preguiçoso da classificação: só dá atenção aos traços facilmente identificáveis (ao menos a seu ver) e impõe uma versão reificada do corpo. A diferença é transformada em estigma. O corpo estrangeiro torna-se corpo estranho. A presença do Outro se resume à presença de seu corpo: ele é seu corpo. A anatomia é seu destino. O corpo não é mais moldado

⁴² Optei por essa grafia pelo entendimento de que raça e racismo são construções sociais próprias de um tempo objetivando o reforço de uma ordem social específica; desse modo, sua construção e seu entendimento não poderiam se dar de forma isolada.

⁴³ Particularmente, por questões políticas e identitárias, não costumo me declarar como homem branco. Nessa classificação, quando possível utilizo o marcador latino, por considerar mais adequado às minhas origens e história de vida. Porém reconheço que em nossa sociedade usufruo do “privilégio branco” e assim, no momento em que me proponho a falar e me posicionar contra o racismo, devo me entender como um homem branco que possui privilégios e responsabilidades em uma sociedade racista.

pela história pessoal do ator numa dada sociedade, mas, ao contrário: aos olhos do racista, são as condições de existência do homem que são os produtos inalteráveis de seu corpo. O ser do homem corresponde ao único desenvolvimento de sua anatomia. O homem nada mais é que um artefato da aparência física, do corpo imaginário ao qual a raça dá nome. Cartesiano na ruptura, não é mais ao espírito que o racismo dá importância, mas ao corpo. Lá onde o aspecto físico parece não existir para operar a discriminação, o racismo manifesta tesouros de imaginação.

Reforço aqui o entendimento de Le Breton (2010) do corpo como materialização do ser e do racismo como um processo *sócio-histórico* que resulta na classificação excludente do “outro”. No caso específico de nossa sociedade contemporânea, o corpo funciona como fronteira para relações humanas. Em um passado (recente) definia-se quem poderia ser classificado como humano. O processo de escravização de pessoas africanas e sua diáspora forçada tiveram na cor da pele e, portanto, no corpo, o principal referencial para determinar quem legitimamente poderia ser escravizado. Ser negro no Brasil, por um longo período, significava fazer parte de um grupo de pessoas que compartilhavam a experiência da escravidão e, conseqüentemente, da desqualificação.

Vencida a escravização institucional do Estado brasileiro, decorrente do tráfico transatlântico de africanos para este território, bem como a perpetuação dessa condição para seus descendentes, permanecem ainda hoje as amarras e grilhões que teimam em acorrentar corpos negros. Se rompemos com a igualdade entre negro e escravizado, persistem definições relacionando o corpo negro a especificidades totalizantes, via de regra depreciativas e, por isso, racistas. Da violência policial ao acesso a melhores oportunidades de trabalho, saúde e educação, o corpo negro no Brasil de 2021 ainda traz em si fronteiras que limitam a existência do ser, perpetuando o que entendemos neste contexto como uma herança maldita de julgamento e reprodução de estereótipos forjados para legitimar a subjugação do povo negro. Nesse aspecto há que se considerar uma necropolítica, tal como apresentada por Mbembe (2018), empregada pelo Estado e suas instituições, que é direcionada com bastante força para determinados grupos socioeconômicos, como a população negra e pobre do Brasil.

Assim, a concepção *sócio-histórica* do racismo se dá justamente por ser possível identificá-lo nos diferentes *espaçostempos*, com suas práticas sociais tendo sido construídas com vista a atender objetivos específicos. O racismo excludente vinculado a aspectos fenotípicos do corpo negro deve, portanto, ser desnaturalizado; deve se pensar também a que interesses serve. Ao se promover a naturalização da negação e hierarquização do corpo negro, imputando na biologia a justificativa para a exclusão, desconsidera-se a construção histórica do racismo. De acordo com Stuart Hall (2003, p. 345),

o momento essencializante é fraco porque naturaliza e des-historiciza a diferença, confunde o que é histórico e cultural com o que é natural, biológico e genético. No momento em que o significado “negro” é arrancado do seu encaixe histórico, cultural e político e é alojado em uma categoria racial biologicamente constituída, nós valorizamos, pela inversão, a própria base do racismo que estamos tentando desconstruir.

Entendo o racismo não apenas como atos e falas pejorativas aos aspectos físicos e sociais da população negra, mas todo um processo que vem buscando inferiorizar corpos e suprimir culturas em prol do apagamento da experiência do outro. Conforme alerta Hall (2003), o termo “negro” se constituiu como um marcador social e histórico. Dessa forma, toda caracterização genérica embasada em atributos dos corpos de homens negros deve ser problematizada sob os referidos aspectos. O corpo e seu indivíduo tomam para si, em tal concepção, características não biológicas, mas sim da esfera do social/coletivo, atribuindo ao corpo padrões e conformizações com base na personificação do ser. No caso do corpo negro, o deslocamento do entendimento do *sócio-histórico* para o biológico dá-se justamente pela concepção racista de subalternizar e subjugar essas pessoas.

No caso do racismo tal como entendido aqui, a cor marca de forma profunda o ser, que constantemente precisa “equilibrar” a cor com justificativas que superem a expectativa racista. Assim, Fanon (2008, p. 109) relata:

Quando me amam, dizem que o fazem apesar da minha cor. Quando me detestam, acrescentam que não é pela minha cor... Aqui ou ali, sou prisioneiro do círculo infernal. Eu me esquivo desses escrutadores do ante dilúvio e me agarro a meus irmãos, pretos como eu. [...]

A evidência estava lá, implacável. Minha negrura era densa e indiscutível. Ela me atormentava, me perseguia, me perturbava, me exasperava.

Os pretos são selvagens, estúpidos, analfabetos. Mas eu sabia que, no meu caso, essas afirmações eram falsas. Havia um mito do negro que era preciso, antes de mais nada, demolir. Não estávamos mais no tempo em que as pessoas se impressionavam diante de um padre preto. Tínhamos médicos, professores, estadistas... Sim, mas em todos esses casos algo de insólito persistia. “Nós temos um professor de história senegalês. Ele é muito inteligente... Nosso médico é um negro. Ele é muito cordial”.

Fanon (2008) busca na problematização uma quebra de expectativa, pois se espera algo específico e totalizante para todos os corpos negros. O racismo reside nessa expectativa generalizante do ser, a qual *biologiza* uma concepção racialista de indivíduo. Com isso em mente e com base no imaginário racista imposto sobre os corpos negros, é possível desvelar estereótipos recorrentes sobre esses mesmos corpos e pessoas, que os subalternizam e generalizam, e é assim que o marcador raça aparece com mais força nesta pesquisa, com uma pergunta direta de Lucas pelo WhatsApp: “vc sabe o que é mandingo?”.

Já conhecia *mandingo*⁴⁴, porém não da forma que se relacionava à pergunta de meu interlocutor. Para mim referia-se a uma designação de grupo étnico da África Ocidental, mais especificamente de regiões que constituíam o antigo Império do Mali. Estranhei a pergunta, pensando se tratar de um conhecimento especificamente técnico, o qual eu só possuía por ter estudado especificamente a História dessa região em um curso de especialização em Histórias e Culturas Africanas que concluí em 2018. Não é de se estranhar que, após enviado pelo WhatsApp um pequeno áudio a Lucas sobre o antigo Império do Mali, ele não fica satisfeito com minha resposta e indaga:

Lucas: Mas este é o nome de um cara no Grindr aqui perto de mim... não acho que tem a ver com isso.

Pesquisador: hata rsrs. Talvez tenha...

Lucas: Acho que é pq ele é negro neh

Eu me peguei embaraçosamente despreparado no momento da conversa para propor uma reflexão adequada. Demorei para entender aquela indagação como suficientemente relevante para problematização; eu me conformei, ao menos no instante da conversa, com a relação entre o ser homem negro e se apresentar como “mandingo” no aplicativo Grindr. É provável que eu tenha esbarrado na rede com o mesmo perfil visto por Lucas, o fato é que minha inquietação cresceu e resolvi me informar melhor, e após algumas conversas com outros colegas me foi indicada uma matéria da Geledés⁴⁵, e assim pude entender melhor a relação entre a enunciação de si realizada no perfil do Grindr e a própria inquietação desencadeada pela pergunta de Lucas.

A opção por se declarar “mandingo” reforça um estereótipo de masculinidade do homem negro expressa pelo imaginário corpóreo (racista) do pênis avantajado. A centralidade do perfil em destacar o tamanho avantajado do órgão genital associado reitera a relação propositiva que atribui a homens negros uma masculinidade/virilidade exacerbada quando comparado ao referencial padrão eurocêntrico de homem, entendido este como branco europeu civilizado. O pênis avantajado do homem negro expressaria uma potência sexual desenvolvida e aflorada, quase animalesca, responsável por uma visão hipersexualizada desses homens. A proposição, desse modo, incorpora o ideário racista ao se pensar

⁴⁴ Desta palavra também deriva o termo mandinga, que pode ser entendido em nossa língua como relacionado à prática de rituais de magia e/ou feitiçaria, sendo inclusive reconhecido por alguns dicionários de língua portuguesa, como o *Aurélio*, o verbo mandigar, sendo este o ato ou a ação de realizar uma mandinga. Outro significado para palavra mandinga é a de designação da língua do grupo étnico dos mandingos.

⁴⁵ Na ocasião, esse mesmo colega me enviou um *link* para o site Geledés, onde pude entender melhor a dimensão da empregabilidade do termo: <<https://bit.ly/35uvs3>>. Último acesso em: 17 jun. 2021.

biologicamente o homem negro como possuidor de um impulso sexual ativo/penetrante natural por atribuir a ele um pênis maior que o do homem branco ocidental (tomado como referencial). Nessa linha de pensamento, considerar que o homem negro é possuído pelo impulso sexual superior e incontrolável, tornando-se praticamente impossível de ser controlado, traz certo perigo para a ordem dominante do homem branco (HALL, 1997; WEEKS, 2000). Segundo Fanon (2008, p. 147),

o branco está convencido de que o negro é um animal; se não for o comprimento do pênis, é a potência sexual que o impressiona. Ele tem necessidade de se defender desse “diferente”, isto é, de caracterizar o Outro. O Outro será o suporte de suas preocupações e de seus desejos.

O mandigo é nesse sentido a personificação de um imaginário que hipersexualiza homens negros com base em um referencial branco. Assim, a bestialização do masculino extremamente sexualizado ganha materialidade no corpo do homem negro. Da mesma forma o mandigo, na indústria pornográfica, associa-se a nichos de mercado que exploram cenas com relações ditas inter-raciais, com forte destaque para o tamanho do pênis negro e a construção de uma relação de dominação fálica que coloca o homem negro em uma posição de ativo e o homem branco na posição de passivo.

No cotidiano em que me insiro, outro termo surge como similar ao mandigo: o “negão”. De forma similar, espera-se do “negão” um pênis grande e uma virilidade que não comporta, entre homens *gays*, outra prática sexual que não a de ativo penetrante. É sob essa lógica, corpo-raça-prática que sou indagado por Marcos:

Marcos: *Você já esteve com um negão?*
 Pesquisador: *Eita, que pergunta... diz namorar?*
 Marcos: *Na cama.*
 Pesquisador: *Hahah, não entendi o propósito da pergunta assim do nada. Mas já saí com homens negros, sim, mas devo admitir que não muitos.*
 Marcos: *É que têm um cara no Grindr qrendo marcar ele é negão... esse é o nick dele... to louco pra pegar srss.*
 Pesquisador: *Ah, sim, mas você também se considera negro, certo?*
 Marcos: *Sim, mas é diferente*
 Pesquisador: *O que é diferente?*
 Marcos: *pq eu sou passivo ué.*

O “negão” emerge como um marcador próprio que possui na prática sexual um importante componente. Relaciona-se nesse referencial à raça e à prática sexual. Conforme diz Marcos, o “negão” não se resume ao ser negro, mas a toda expectativa sexualizante que recai sobre ele, na qual o tamanho do pênis e a penetração compõem características centrais a ele. Nessa lógica, “o preto encarna a potência genital acima da moral e das interdições” (FANON, 2008, p. 152). O “negão” personifica no imaginário racista a hipersexualização do

corpo negro inserido em uma lógica falocêntrica de dominações simbólicas. Masculinidade, tamanho do pênis e desempenho/prática sexual passam a compor a medida de masculinidade nessa lógica em que, partindo novamente do referencial branco europeu, o negro se encontraria no extremo do masculino “civilizado”.

Temos nessa lógica homens negros e seus corpos pensados sob uma lógica fictícia de sexualização em que atributos biológicos devem achar correspondências em práticas e preferências sexuais. Para Fanon (2008, p. 152), se “há homossexuais passivos que exigem parceiros negros”, então existe a expectativa não apenas de o negro desempenhar o papel de ativo/penetrante, mas de o exercer sob uma relação de dominação masculina. Conforme Bourdieu (2016), o ativo exercer uma relação de poder sobre o passivo pela relação de penetração evidencia as expectativas sociais dos papéis de gênero, em que o masculino penetra e domina o feminino.

Instigado pela conversa com Marcos, e considerando as contribuições de Fanon (2008) apontadas acima, sou instigado a continuar conversando sobre a relação homem-negritude-sexualidade com outro participante da pesquisa:

Pesquisador: Estava conversando com um rapaz e lembrei de você.

Hector: Coisa boa?

Pesquisador: Para a pesquisa.

Hector: Manda.

Pesquisador: Você no seu perfil do Grindr especificava preferência por homens negros, certo?

Hector: Sim, eu só curto negão, rsrs

Pesquisador: pq?

Hector: Ah, eu curto homens negros. Eles têm mais pegada.

A generalização fica evidente ao pensar o homem negro. A afirmação “*Eles têm mais pegada*” traz novamente o componente da virilidade hipersexualizante. Para Hector, Marcos e outros participantes da pesquisa, a racialidade sobrepuja a masculinidade. O marcador racial, como categoria identitária, reforça e intensifica a percepção de masculinidade do homem negro. Assim, o homem negro é caracterizado como “negão”, no aumentativo, pois tudo nele deve ser avantajado no contexto das práticas de “pegação”. A lógica expressa por Fanon (2008, p. 107), de que “de um homem exige-se uma conduta de homem; de mim, uma conduta de homem negro – ou pelo menos uma conduta de preto”, é reiterada nas relações entre esses homens no Grindr. Dito isso, do “negão” espera-se algo, pois ele não é simplesmente *gay*, é um homem *gay* negro. Há, desse modo, uma conjugação entre a identidade masculina e a negra para compor o imaginário do homem negro *gay*.

Desse modo, com base em um entendimento androcêntrico⁴⁶, uma suposta contradição se constrói. Por um lado, com base no imaginário racista, o homem negro é possuidor de uma masculinidade voraz e extrema dentro do espectro que parte do referencial neutro do homem branco; por outro, a homossexualidade se alinha ao espectro oposto de masculinidade. Com isso, se a negritude amplia, a homossexualidade reduz a potência masculina (BOURDIEU, 2016; FANON, 2008).

Nesse aspecto, em conformidade com que ensina Hall (2003), as masculinidades negras tendem a operar sobre a mesma lógica que reitera a opressão do masculino ao não masculino. Os papéis sociais de gênero são reforçados e, em alguns casos, superdimensionados quando consideramos o “negão” como amplificação de uma masculinidade. Há a expectativa de que os homens negros apresentem a potência fálica que paira no imaginário racial. A pressão da dominação masculina, nesse caso, lhes impõe o papel de ativo-dominante, conforme expresso por Bourdieu (2016), de modo a manter a ordem androcêntrica, mesmo em uma relação entre dois homens, já que a relação sob o controle da dominação masculina não ocorre entre iguais. A violência é exercida sob duas frentes: uma externa e outra interna ao indivíduo (BURKE, 2012). Quando pensamos na internalização de tais práticas, no caso específico de se valer da classificação de “mandingo” e “negão”, é preciso considerar os papéis esperados de gêneros contidos nas relações interpessoais vivenciadas.

Dado o exposto, a generalização reducionista do homem negro *gay* no Grindr ao “negão” se ancora no referencial racista de bestialização da masculinidade negra. Essa construção estereotipada se constitui justamente pelo “outro”, com base em uma concepção ocidental branca do que é ser homem. De acordo com Souza (2009, p. 4), no imaginário social produzido no Ocidente “um homem negro não é um homem, antes ele é um negro e como tal não tem sexualidade, tem sexo, um sexo que desde muito cedo foi descrito no Brasil com atributo que o emasculava ao mesmo tempo que o assemelhava a um animal em contraste com o homem branco”.

Conforme ensina Santos (2012), as relações sociais hierarquizantes são construídas com base em uma lógica colonialista, na qual homens negros homossexuais são posicionados em níveis mais baixos da estratificação existencial humana. Conforme o autor,

a colonialidade é a própria base para a constituição e afirmação histórica do sistema capitalista, pois, segundo Grosfoguel (2010), o capitalismo se constitui e afirma no mundo através de um conjunto de relações de dominação e exploração, hierarquias

⁴⁶ Entendido aqui como a ordem centrada no referencial masculino a partir do qual se legitimam e desenham as interações sociais, conforme expressa na obra de Bourdieu (2016).

sociais que pluralizam as experiências ordenando o primado de suas relações: (i) uma hierarquia de classe; (ii) uma divisão internacional do trabalho entre centro e periferia; (iii) um sistema interestatal de organizações político-militares; (iv) uma hierarquia étnico-racial global que privilegia os europeus frente aos não europeus; (v) uma hierarquia sexual que coloca os homens acima das mulheres e o patriarcado europeu sobre outras formas de relação homem-mulher; (vi) uma hierarquia sexual que desqualifica homossexuais frente a heterossexuais; (vii) uma hierarquia espiritual que coloca cristãos acima de não cristãos; (viii) uma hierarquia epistêmica que coloca a cosmologia e o conhecimento ocidentais sobre os não ocidentais; e (ix) uma hierarquia linguística que privilegia as línguas europeias – e, também, a comunicação e a produção de conhecimento e teorias a partir delas, enquanto as outras produzem folclore ou cultura (SANTOS, 2012, p. 40).

Dessa forma, a situação da identidade do homem negro homossexual esbarra em um duplo estereótipo. Por um lado, se espera que esse homem seja o “negão”, que é representado socialmente como um homem negro símbolo de masculinidade e virilidade exacerbadas. Por outro lado, a associação à identidade homossexual vai de encontro à representatividade do homem negro. Assim, o negro homossexual, na sua formação identitária, tem acentuada sua suposta masculinidade, tornando o processo de autoaceitação de sua homossexualidade ainda mais conflitante, ou mesmo traumático, quando confrontado com padrões e comportamentos que se esperam do corpo negro masculino.

Conforme afirmam Lima e Cerqueira (2007, p. 2), “o homossexual negro é estigmatizado pela representação da raça inferior, assim como é estigmatizado, entre negros e brancos, pela representação negativa da sexualidade contra-hegemônica”. Desse modo, faz-se necessário lançar luz sobre a imagem do negro *gay* no sentido de desconstruir a representação do senso comum do “negão” e de expor as diversas práticas de dominação e violências simbólicas nas relações homoafetivas.

5.5 “*Ficar seguro em casa ainda pode ser sexy*”: o afastamento é físico, mas não social

Em 2019, a internet já era considerada grande aliada na produção de conhecimentos; isso inclui, por exemplo, a escrita colaborativa, a troca de *e-mails* e de outras mensagens via redes sociais entre professoras/es e estudantes e a busca por artigos científicos, dissertações e teses em bibliotecas digitais de livre acesso (COUTO JUNIOR; AMARO; TEIXEIRA; RUANI, 2020). Com a pandemia da Covid-19, decretada em março de 2020 pela OMS, o cenário das pesquisas no mundo, de modo mais específico, no campo das Ciências Humanas e Sociais, tornou-se mais mediado pelas tecnologias digitais em rede, trazendo implicações significativas para a forma como vimos realizando nossos estudos, principalmente aqueles que envolvem a interação com outros seres humanos.

Para Lemos (2009), a sociedade contemporânea se desenha sob fortes influências das tecnologias digitais conectadas à internet e a produção e o compartilhamento de informações que realizamos com outros sujeitos geograficamente dispersos inauguram novas relações com a territorialidade. Nesse movimento envolvendo as tecnologias digitais e as pessoas, percebemos a produção de cultura, a constituição de processos de sociabilidade e subjetividade (LEMO, 2009). As distâncias físicas, desse modo, gradativamente vêm sendo menos determinantes para o estabelecimento de conexões e inter-relações entre indivíduos.

A pandemia evidencia justamente esse intenso atravessamento das tecnologias digitais em rede nas dinâmicas sociais quando voltamos nosso olhar para as pesquisas que vêm sendo realizadas pelas universidades públicas brasileiras. Embora os desafios neste contexto pandêmico sejam enormes, a produção do conhecimento não foi paralisada. Pelo contrário, as universidades públicas, majoritariamente reconhecidas como competentes lugares de produção científica, continuaram e continuam desenvolvendo pesquisas, em especial na pós-graduação, e oferecendo disciplinas para todas/os as/os estudantes na modalidade que vem sendo denominada por algumas instituições como “ensino remoto emergencial” (ERE) (MADDALENA; COUTO JUNIOR; TEIXEIRA, 2020).

Como pesquisador do campo de estudos de gênero e sexualidade interessado no atravessamento das dinâmicas sociais mediadas por tecnologias digitais em rede no cenário pandêmico, concordo com Couto, Couto e Cruz (2020, p. 208, grifo dos autores), que argumentam que as práticas de namoro/sexo foram redesenhadas pela Covid-19 em função do isolamento físico⁴⁷. Por isso, há necessidade de maiores esforços reflexivos para buscar conhecer os efeitos da pandemia na forma como as/os internautas estão utilizando aplicativos que, dentre outros interesses, servem à marcação de encontros presenciais para práticas de “pegação”; tais práticas envolvem “pouco uso da comunicação verbal e um maior uso do repertório corporal para demonstrar o interesse” (GADELHA, 2015, p. 66).

Nesta seção analiso os usos do Grindr pelos sujeitos da pesquisa em tempos de pandemia. A quarentena não impossibilitou o prosseguimento do trabalho de campo, uma vez que os sujeitos envolvidos nessa dinâmica interativa encontram-se geograficamente dispersos e fazem da rede um espaço potente para partilhar saberes. No entanto, algumas questões norteadoras do estudo foram redesenhadas para que eu pudesse conhecer como os usuários do

⁴⁷ Não é o foco aqui discutir o grave cenário social envolvendo uma quantidade significativa de brasileiras/os que ainda não possuem acesso à internet, além da triste realidade de que o próprio isolamento não pode ser cumprido por todas/as. Algumas reflexões sobre o cenário nacional em tempos de pandemia são discutidas nos trabalhos de Carrara (2020) e Kohan (2020). Embora não esteja discutindo especificamente o Brasil, vale destacar as primorosas reflexões realizadas por Santos (2020) sobre o cenário mundial pandêmico.

Grindr estão fazendo uso do aplicativo em plena pandemia. Entendendo, conforme Paraíso (2014), que pesquisar envolve o ato de recomençar, de ressignificar pontos de vista, a pandemia trouxe a oportunidade para buscar outros caminhos, abrindo novos percursos para analisar o contexto social do tempo presente.

O isolamento físico recomendado pela OMS afeta diretamente as dinâmicas de uso do Grindr; por isso cabe refletir sobre os usos de um aplicativo que foi pensado para incorporar a dinamicidade das interações entre homens que, com o uso de tecnologias portáteis como *tablets* e *smartphones*, também buscam relacionamentos com base em encontros presenciais.

Nos primeiros dias do “novo normal”, expressão que foi amplamente utilizada na mídia para caracterizar os tempos pandêmicos, buscou-se incentivar e informar a população sobre a importância da adoção e da incorporação dos protocolos de isolamento físico, higienização e uso de máscaras no dia a dia. O risco de contaminação pela doença tornou o isolamento físico uma medida necessária, de acordo com os especialistas da área de saúde (COUTO; COUTO; CRUZ, 2020). Enquanto toda a população brasileira não for vacinada, é preciso que ela se mantenha vigilante para o fato de que cada pessoa infectada pelo novo coronavírus pode sobrecarregar (ainda mais) os hospitais, muitos dos quais não contam com quantitativo de leitos de unidade de terapia intensiva (UTI) suficientes para atender as/os infectadas/os com Covid-19. Cabe lembrar que, até dezembro de 2020, mais de 180 mil brasileiras/os tinham perdido suas vidas para a doença (sabemos, no entanto, que há subnotificação dos casos e que os números de infectadas/os ainda é grande).

Durante esse período, o Grindr também buscou conscientizar seus usuários sobre a importância do distanciamento físico. Ao “logar”, um *pop-up* salta à tela reforçando a necessidade de “ficar em casa” a partir dos seguintes dizeres: “Ficar seguro em casa ainda pode ser sexy. Você é seu melhor parceiro sexual”. O aplicativo, criado para intermediar contatos físicos, agora publiciza mensagens em sua plataforma desaconselhando a marcação de encontros presenciais. Dessa forma, é inegável que a pandemia vem alterando significativamente o cotidiano dos sujeitos pesquisados.

Durante o trabalho de campo, o Grindr também apontava, em mensagens na plataforma, que “especialistas em saúde” afirmam que “os parceiros mais seguros são aqueles com os quais você já convive”. Tal mensagem pode, de certa forma, provocar interpretações que consideramos equivocadas, pelo fato de que não necessariamente os parceiros sexuais de convivência residem no mesmo espaço domiciliar. Em diálogo com alguns dos participantes da pesquisa, foi recorrente a prática de encontrar com parceiros já conhecidos. No entanto, esses usuários julgavam seguro o encontro presencial pelo simples fato de que ambos estavam

respeitando a quarentena. Questiono esse suposto respeito pela quarentena quando a justificativa para sair de casa não é para a realização de atividades consideradas essenciais (idas a médico, mercado e farmácia, apenas para citar alguns exemplos). Com isso, na quarentena, o tédio pode ser o pior inimigo quando consideramos que há sempre o risco de esses sujeitos figurarem como “mais um número nas estatísticas letais da Covid-19” (CARRARA, 2020, p. 6).

Nesse contexto, levo um pouco de minhas inquietações a um dos sujeitos participantes da pesquisa. Carlos, ao ser indagado sobre as possibilidades do uso do aplicativo para além da promoção de contatos físicos, aponta:

Carlos: Não sei nem para que estão usando este aplicativo agora, não tem que marcar nada enquanto estivermos isolados.

Pesquisador: Mas você acha que a única possibilidade do aplicativo é o contato real?

Carlos: Sim neh, apesar de ter muita enrolação, o objetivo é encontrar. Não precisa ser sexo, mas é para tá junto de alguém.

Pesquisador: Então você nem tem usado o aplicativo?

Carlos: Hahaha praticamente não. De vez em quando, dou uma olhada, mas tô até sem cabeça pra isso. Me dá raiva esse povo sem noção.

Carlos evidencia seu posicionamento quanto à possibilidade de encontro em tempos de pandemia, do que ele discorda, principalmente porque reconhece que existem riscos de contaminação pelo novo coronavírus. Para ele, o objetivo do aplicativo é basicamente culminar na marcação de encontros presenciais, o que, de certa forma, difere da percepção de Miskolci (2014), para quem a possibilidade de encontros presenciais não é a única experiência possível que pode ser desenvolvida via aplicativo, mas sim a busca em si, na possibilidade de ver e ter o próprio perfil visto por outros homens. Precisamos considerar também que as conexões em redes digitais por meio de computadores, *smartphones* e outros dispositivos móveis permitem que, embora estejamos geograficamente dispersas/os, continuemos a manter, sob novas perspectivas, a criação de vínculos sociais e afetivos (HENRIQUE, 2020). Em tempos de pandemia, as redes digitais são capazes de aproximar ainda mais os sujeitos, que passam a experimentar novas percepções de mundo na medida em que continuam interconectados.

Não posso negar que os usos que os sujeitos fazem das tecnologias digitais varia consideravelmente; então é desafiante elencar todas as possibilidades de interação engendradas pelo digital em rede quando as práticas sociais das/os internautas são dinâmicas – inclusive auxiliando os próprios aplicativos a serem constantemente atualizados para atender às demandas de seus usuários. Tendo isso em mente, as “*olhadas*” descritas por Carlos

o fazem vislumbrar a busca pela visibilidade de si e do outro. É também possível entender aqui a característica, igualmente descrita por Carlos, de “*muita enrolação*”, uma vez que grande parte dos contatos desenvolvidos entre homens no Grindr não resultará em encontros presenciais. De certa forma, isso traz pistas que revelam o quanto o aplicativo de namoro/“*pegação*” também é usado para cultivar novas possibilidades de sociabilidade que não têm a prática sexual (envolvendo dois corpos fisicamente presentes) como único fim. Afinal, não podemos esquecer que as redes sociais da internet apresentam como característica a constituição de espaços de troca pelo “simples fato de que é bom estar junto, ainda mais quando o compartilhamento, a reciprocidade e a cumplicidade não têm outro destino ou finalidade a não ser o puro, singelo e radical prazer de estar junto” (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 25-26).

Thiago expõe seu posicionamento sobre a possibilidade de encontros presenciais, bem como sobre interações *online* com outros membros do aplicativo em tempos de pandemia:

Thiago: Está sendo interessante, como agora não podemos sair, as pessoas estão conversando mais.

Pesquisador: Como tem sido? Me intriga um pouco isto, pois existe esta restrição para o encontro... isso não afeta a motivação?

Thiago: Então, para mim, está melhor... porque acabou o desespero, aí se alguém puxa assunto é realmente para desenvolver uma conversa, ou mesmo quando é para falar de putaria mesmo, não parecem que estão no desespero, as coisas estão ocorrendo mais naturalmente.

Pesquisador: Você acha que mudou então a experiência? Ou melhorou a relação entre as pessoas no app?

Thiago: Sim, como falei, tenho conversado muito mais, por mais tempo. Digo que a qualidade melhorou.

Em conformidade com o defendido por Miskolci (2014), a possibilidade de ver e ser visto constitui aspecto central no Grindr e pode se caracterizar pelo termo em inglês *cruising*. Nesse contexto, como apontou Thiago, a busca por um parceiro e mesmo o flerte não necessariamente precisam coincidir com a expectativa de um encontro físico, ao menos no curto prazo. Ainda de acordo com Miskolci (2014), as interações visando a conquista do parceiro é uma característica valorizada entre os homens *gays*, por ser entendida como um atributo relacionado a uma idealização de masculinidade. O ato de paquerar seguindo seus próprios critérios, para homens *gays*, é uma liberdade historicamente nova e relativamente mais fácil hoje, com a emergência e a popularização dos aplicativos conectados em rede. Na interface do Grindr, essa paquera pode ser realizada de forma privada por meio de mensagens de textos e voz, tentando chamar a atenção de um homem através do *tap*, uma espécie de “curtida de perfil”, que indica interesse no perfil de um usuário.

Em tempos de Covid-19, a “curtida” no Grindr pode desencadear novas interações, fazendo com que as conversas ocorram com mais frequência e com maior duração, conforme frisou Thiago: *“tenho conversado muito mais, por mais tempo. Digo que a qualidade melhorou”*. Se passamos mais tempo em casa e usamos um aplicativo de namoro/“pegação” respeitando o isolamento físico, então novas práticas de sociabilidade acabam se formando no contexto das dinâmicas comunicacionais do Grindr, como o próprio cibersexo. De acordo com Couto, Couto e Cruz (2020, p. 208-209), “o cibersexo são artifícios e textualidades compostos por sons, imagens fotográficas e videográficas, signos diversos que se misturam, se confundem e são remixados na produção de novos produtos para diferentes sentidos e gozos”. Na pandemia, o cibersexo mostra que não precisamos estar fisicamente presentes para colocar em prática novas experimentações envolvendo desejos e prazeres corporais. Isso não significa dizer que o corpo perdeu importância; pelo contrário, em tempos de Covid-19 as práticas de se buscar/sentir prazer precisam ser ressignificadas considerando as potencialidades comunicacionais das redes sociais digitais.

Durante os primeiros meses do *lockdown*, a possibilidade de interagir com membros mais distantes geograficamente que o usual, próprio da versão paga do aplicativo, foi liberada para todos os usuários dos Grindr. Reconheço essa opção como um incentivo a novas conversas que não resultem em contatos físicos, uma vez que a posição relativa dos sujeitos deixou de ser fator restritivo para as interações no aplicativo. Novamente cabe destacar aqui os dizeres do *pop-up* divulgado no Grindr, “Ficar seguro em casa ainda pode ser sexy. Você é seu melhor parceiro sexual”, porque nele é possível perceber um alinhamento entre o que diz Thiago e uma nova proposta de uso do aplicativo durante a quarentena. Apesar da forte conotação sexual contida no informe do aplicativo, podendo ser interpretado como um convite à masturbação com auxílio de interações no Grindr, o que Thiago e o *pop-up* apresentam em comum é a necessidade do isolamento físico. O aplicativo continua relevante, mas seu uso adquire agora um novo contorno que busca considerar os desafios sociais que vivenciamos no contexto pandêmico contemporâneo.

Ainda que o Grindr esteja alertando seus usuários para a necessidade do isolamento, Lucas continua agendando encontros presenciais por meio do aplicativo, segundo revela:

Pesquisador: Como tem sido a quarentena neste momento? Continua usando o Grindr?

Lucas: Às vezes... o pessoal tá bem ligado na quarentena, apesar de muitos não estarem ligando muito.

Pesquisador: Mas e você tem seguido a quarentena? Ou chegou a usar o aplicativo para marcar algum encontro?

Lucas: Tenho evitado sair, sim, em geral já era difícil mesmo marcar por questão de local, mas tem um cara que já conheço e como ele também tem mantido a quarentena, nos encontramos este dia.

Pesquisador: Se encontraram seguindo os protocolos? Máscara, álcool em gel...

Lucas: kkkk não, então foi para sexo mesmo, mas como disse já nos conhecíamos, ficamos sempre que dá, e ele não tem saído também, estava sozinho em casa. Quando nos vemos online, geralmente já rola de marcar algo, mesmo sendo rapidinho.

Como reforçado por Lucas, encontrar o homem, “*mesmo sendo rapidinho*”, os expõe a uma situação de risco. Questionado sobre os protocolos de segurança (máscara, álcool em gel), a gargalhada de Lucas, caracterizada pelo uso repetido da letra k (“*kkkk*”), traz pistas que considero importantes sobre a relação desses protocolos com o sexo casual marcado via aplicativos. O sexo casual da pandemia seria à base de lubrificante, camisinha, máscara, *face shield* e álcool em gel? Além disso, haveria espaço para seguir tantos protocolos de segurança contra a Covid-19 durante o sexo, ainda mais considerando que o próprio encontro entre as/os parceiras/os exige o risco do próprio deslocamento físico para chegar até o local marcado? Frente a isso, novamente reitero que precisamos (re)inventar/descobrir formas outras de buscar/sentir prazer, fazendo da internet um espaço de experimentação. Em tempos de pandemia, “aplicativos de paquera, conversas apimentadas e trocas de *nudes* são acompanhadas de mais fantasias, brinquedos e jogos sexuais. As *lives* de sexo se multiplicam e proliferam os discursos sobre e com imagens sexuais” (COUTO; COUTO; CRUZ, 2020, p. 208, grifos dos autores).

André apresenta, a seguir, uma visão despreocupada com relação aos riscos de contágio pelo novo coronavírus. Em conversa, ele aponta que permanece com sua “rotina normal”, o que inclui contato esporádico com outros membros do Grindr.

André: Não têm essa de quarentena pra mim. Eu tenho que sair pra trabalhar mesmo, então não mudou muito, só tenho que sair de máscara.

Pesquisador: Entendo, mas você tem ido somente trabalhar ou mantém as saídas e encontros?

André: Rotina normal. Acho até um pouco de frescura isto. Quer dizer, sei que tá rolando essa doença, mas sou jovem, não tô no grupo de risco nem em contato com ninguém que esteja, então não vejo perigo.

Pesquisador: Bom, não é o que vem sendo recomendado. A pandemia não afetou em nada para você o uso do aplicativo?

André: No início, bem no início sim, ninguém qria marcar, mesmo eu tendo local. Agora não. Antes tinha muita gente colocando no perfil fotos de máscaras e falando que estava de quarentena, mas isso já passou, tá geral se pegando já rsrs.

Na fala de André ecoa um discurso preocupante alinhado com as políticas públicas que vêm sendo colocadas em prática no país. O jovem, de 22 anos, aponta que não está no chamado “grupo de risco”, ou seja, não possui comorbidade, como obesidade e doenças crônicas. O fato de morar sozinho e de afirmar que mantém encontros exclusivamente com

peessoas que não se enquadram no “grupo de risco” o faz crer que não estaria colocando em risco sua vida nem a vida das pessoas com quem vem se relacionando. Saliento que não é meu papel aqui, por meio de um discurso moralista, dizer “o que pode ou não pode” fazer o sujeito da pesquisa, ou simplesmente afirmar que o jovem não está seguindo as medidas de segurança propostas pela OMS. Contudo, problematizo a ideia de que, embora não esteja no “grupo de risco”, essa característica do ser “um jovem saudável” não faz André estar imunizado ao novo coronavírus.

No Brasil, o discurso negacionista e a minimização do contágio entre grupos e faixas etárias específicas apresenta destaque na mídia e ganha popularidade nas redes sociais da internet com o pronunciamento do presidente da República, no dia 24 de março de 2020⁴⁸, quando cita seu “histórico de atleta” e divulga informações não respaldadas em dados científicos. Em tempos pandêmicos, é preocupante o envolvimento do governo Bolsonaro em “episódios considerados controversos, inclusive gerando repercussões internacionais negativas pela sua forma de praticar no país uma política considerada conservadora e irresponsável” (TEIXEIRA; COUTO JUNIOR, 2020, p. 331). No decorrer de 2020 e 2021, acompanhei com temor depoimentos de um presidente que “minimiza a gravidade da pandemia, debocha dos doentes e mortos, ironiza familiares que choram seus mortos, faz, apoia e ressalta discursos autoritários, agride profissionais de saúde, jornalistas e instituições” (COUTO; COUTO; CRUZ, 2020, p. 211). Em junho de 2021, a situação do Brasil continua alarmante com o recrudescimento dos casos de contaminação, no que se convencionou chamar de segunda onda de contágios. A retórica presidencial contribui para a naturalização dos riscos e mortes causadas pela pandemia (KOHAN, 2020).

A temporalidade é um fator de destaque para ajudar a entender a redução nas taxas de adesão ao isolamento físico pelas/os brasileiras/os. Se, no início da pandemia, como o próprio André menciona, era possível acompanhar campanhas individuais, como fotos de perfis com o uso de máscara, e mesmo a explicitação de determinados utilizadores do aplicativo de que estavam cumprindo a quarentena, hoje parece ser menor a menção aos cuidados individuais contra a propagação do novo coronavírus. No entanto, diante de toda a tragédia que vivemos no mundo pandêmico, a melhor estratégia continua sendo manter o isolamento físico, praticando a solidariedade umas/uns com as/os outras/os com o objetivo de não fazer o vírus se propagar ainda mais (SANTOS, 2020).

⁴⁸ O pronunciamento pode ser assistido na íntegra no YouTube no seguinte *link*: <<https://bit.ly/3neNCvw>>. Acesso em: 12 dez. 2020.

Outro ponto que destaco na fala de André é a questão socioeconômica. Ela remete às reflexões de Butler (2020), que escreve especificamente sobre a pandemia da Covid-19 e afirma que o coronavírus não discrimina, porém nossa sociedade trata de fazê-lo – e este foi um dos aprendizados de nosso tempo. Dessa forma, questiono sobre as reais possibilidades de as/os trabalhadoras/es obrigadas/os a retornar às suas atividades manterem-se seguro/a e em quarentena, pois são muitas vezes obrigadas/os a enfrentar longas jornadas em transportes públicos lotados e condições precárias de trabalho. Essa tem sido a rotina de trabalho de André, que acaba banalizando a gravidade da situação, inclusive afirmando que considera *“até um pouco de frescura”* a quarentena recomendada pela OMS; uma quarentena que não pode ser cumprida por todas/os, nem mesmo por ele, um jovem trabalhador: *“Não tem essa de quarentena pra mim. Eu tenho que sair pra trabalhar mesmo, então não mudou muito, só tenho que sair de máscara”*.

Não podemos negar que, de acordo com Carrara (2020), para manter os empregos e a economia funcionando, é preciso negligenciar os mais vulneráveis ao vírus. Caminhando com esse pensamento, Preciado (2020) argumenta que o novo coronavírus mostra a intensificação e a materialização de uma gestão governamental baseada em políticas que continuam colocando em prática ações que não vêm auxiliando a minimização das profundas desigualdades sociais. Tendo tais questões em mente, entendo um pouco melhor as condições que permeiam a decisão de André, assim como a de muitos usuários do Grindr, de adotar de forma parcial os protocolos de segurança e proteção contra a Covid-19. As incertezas da pandemia possibilitam justamente lançar novos olhares para questões antigas.

O isolamento físico imposto pela pandemia da Covid-19 reconfigurou o cenário social, acarretando mudanças significativas na forma como vimos interagindo umas/uns com as/os outras/os. Em um primeiro olhar, um aplicativo de namoro/“pegação” que busca agendar encontros presenciais entre o público *gay* parece fazer pouco sentido em tempos de quarentena. Porém, após conversar com alguns dos participantes da pesquisa, identifico que o cenário é mais complexo do que simplesmente afirmar que o Grindr deixou de fazer sentido para os usuários em função das recomendações das/os especialidades para respeitar o isolamento físico.

Não podemos desconsiderar o contexto desta pesquisa. Durante a finalização do trabalho de campo, vivenciamos no território nacional uma perversa política caracterizada por Carrara (2020) de “neodarwinismo social”, que faz a pandemia ser vivida no Brasil em meio a um pandemônio. De acordo com o autor, isso significa que os grupos mais vulneráveis à Covid-19 (como pessoas com problemas de saúde preexistentes e idosas/os) devem correr

risco de vida porque a “economia não pode parar”, somado ao fato de que a quarentena é ridicularizada por meio da formulação teorias/fantasia conspiratórias que “que transformam o coronavírus em ‘vírus chinês’” (CARRARA, 2020, p. 5).

Diante do exposto, considero que os usuários que ainda insistem em marcar encontros presenciais pelo Grindr estariam sendo atravessados por um sentimento de descrença nos reais riscos da contaminação de um vírus que já matou mais de 180 mil brasileiras/os entre março e dezembro de 2020. Esse sentimento é (retro)alimentado pelos discursos do presidente, que banaliza e naturaliza a morte daquelas pessoas que não sobreviveram à doença (KOHAN, 2020). Não é de se estranhar que, no momento em que as últimas palavras deste texto são alinhavadas, é cada vez mais comum assistirmos (com tristeza) a notícias de que as praias cariocas estão cheias, os transportes públicos permanecem lotados, ainda existem pessoas caminhando pelas ruas sem máscara e que muitas empresas retornaram totalmente à “modalidade presencial”, fazendo seus/suas funcionários/as ocupar espaços comerciais propícios para a contaminação do novo coronavírus.

Não posso negar que a conversa tecida com os sujeitos forneceu problematizações relevantes na medida em que o cenário pandêmico atravessava o cotidiano deles. Embora alguns usuários não estejam seguindo as orientações de segurança para não se contaminarem pelo novo coronavírus, muitos vêm encontrando no aplicativo novas oportunidades de sociabilidade *online* no lugar de marcar encontros presenciais, conforme discutido. Os sujeitos trazem pistas que sugerem a constituição de novos processos de sociabilidade, o que significa mais diálogo, mais conversa; em suma, mais “bate-papo” e menos “pegação”. Em tempos de quarentena/pandemia, abrem-se novas possibilidades para questionarmos a inevitabilidade do contato físico como pressuposto de satisfação dos desejos e prazeres corporais. Dessa forma, vislumbro as potencialidades do Grindr na emergência de novas sociabilidades que se formam em tempos de quarentena quando identifico que alguns dos sujeitos da pesquisa vêm interagindo com outros homens no aplicativo sem a intenção de agendar encontros presenciais.

De forma alguma defendo que a internet substitua os relacionamentos afetivos/sexuais presenciais, mas reconheço que as redes sociais hoje constituem-se como mais uma possibilidade de encontro com o outro, ampliando ainda os vínculos sociais e afetivos entre sujeitos geograficamente dispersos. Na quarentena, o tédio pode ser o pior inimigo quando achamos que precisamos sempre da presença física do outro. Que possamos experimentar novas práticas de “pegação” tendo a internet como aliada, fazendo da rede nosso porto seguro enquanto a vacina contra o novo coronavírus não estiver disponível para toda a população brasileira.

APRENDER EM/NA REDE COM O OUTRO: PALAVRAS FINAIS

No momento em que sou levado a tecer as reflexões finais deste trabalho de pesquisa, sou tomado por uma inquietação, uma certa angústia, porque agora preciso colocar um ponto final em um texto iniciado em 2019. No entanto, enquanto escrevo/penso nessas reflexões finais, relembro que aprendi ao longo de minha formação no PPGECC/FEBF/UERJ que toda conclusão é sempre provisória.

O encerramento aqui traz, de forma breve, um pouco do que vivi/aprendi ao longo dos últimos dois anos. Fazer pesquisa com o método da cartografia *online* significou reconhecer a importância da ação de afetar/deixar-se afetar e que toda experiência formativa adquirida lendo, escrevendo e conversando com os sujeitos não cabe nestas linhas que encerram o texto. Deixar afetar-se, para mim, é o grande ensinamento neste meu processo de formação como pesquisador. As conclusões que trago agora não se limitam apenas às palavras finais deste texto da pesquisa; dizem respeito também aos processos formativos em minha trajetória como pesquisador do campo da Educação e que teve a oportunidade, com o mestrado, de dialogar com o campo de estudos de gênero e sexualidade em articulação com os estudos em cibercultura.

O contato com homens *gays* que utilizam aplicativos de namoro/“pegação” e que expressam e performatizam masculinidades dissidentes no ciberespaço foi bastante enriquecedor tanto em termos de achados quanto em termos formativos. Com base em um olhar analítico próprio do fazer pesquisa acadêmica, sou capaz de sistematizar algumas questões que julgo relevantes para pensar a constituição das masculinidades dissidentes contemporâneas.

Na busca de coerência na condução da pesquisa que enfatiza as percepções e experiências de homens *gays* no ciberespaço, adotei o método cartográfico e privilegiei as conversas *online* como forma de intercambiar experiências com outros sujeitos geograficamente dispersos. Especificamente com relação à metodologia, destaco os seguintes pontos:

- 1) Cartografar significou um exercício de alteridade recompensador e de suma importância para esta pesquisa. Ao mesmo tempo que me possibilitou ter acesso a outras realidades e experiências de vida, convidou-me à prática de rememoração de minhas memórias em articulação com as memórias dos sujeitos participantes do estudo. Assim, a adoção de palavras no plural, como no caso mais específico do termo “masculinidades”, me

permitiu conhecer, a partir do contato com os sujeitos, diferentes possibilidades de ser e estar no mundo;

- 2) Aprendi com meu referencial teórico-metodológico que nossa própria prática cotidiana pode fornecer entradas de problematização importantes para o trabalho de campo do estudo. Logo nas primeiras aulas do mestrado fui convidado a desconstruir a falácia da neutralidade na pesquisa. Penso que adotar a conversa como procedimento metodológico foi, para mim, um exercício de desconstrução da impessoalidade/distanciamento com o texto, tema e sujeitos. Dessa forma, a conversa, cheia de afetos e de potencialidades interativas, esteve presente em todo momento. Durante o desenvolvimento da pesquisa, além dos sujeitos participantes da pesquisa, também conversei com colegas de turma e professoras/es do PPGECC. Dito isso, não posso negar que esta pesquisa foi tecida por meio de conversas, algumas furtivas, outras profundas, valendo-se das potencialidades de conversar em/na rede;
- 3) Reconheci a ética não como um protocolo (burocrático) normativo, mas como uma aposta no fazer ciência. Mais do que um compilado de regras, busquei pautar minha postura ética no cuidado com o outro, fazendo com que houvesse coerência entre o aprender-pesquisar-escrever ao longo de cada linha deste trabalho. Pensar nos aspectos éticos da pesquisa implica reconhecer a importância de meu compromisso social com o conhecimento que produz na universidade pública.

Dito isto, destaco que minha intenção com este trabalho foi investigar a constituição dessas masculinidades, entendidas ao longo do texto como aquelas que desestabilizam as normas regulatórias vigentes. Com tal propósito, transito por entre normas e transgressões nas expressões de masculinidades performatizadas por homens que utilizam o aplicativo Grindr. O processo de interpretar os dados produzidos com os sujeitos durante o trabalho de campo decorreu de inquietações fomentadas em parceria com os participantes da pesquisa. As questões analisadas trazem fortemente as relações corpóreas, espaciais e sexuais como marcadores importantes na constituição das masculinidades performatizadas.

Dado o exposto, enumero a seguir alguns achados da pesquisa que me fizeram repensar o próprio espaço da pesquisa e o do saber produzido.

- 1) Ciberespaço e territorialidade física são indissociáveis, ou seja, não há relação dicotômica/paralela entre eles. O ciberespaço se constitui com base em interações humanas; portanto, não é mera extensão dos processos de sociabilidade.
- 2) O Grindr, como rede social, para além de sua finalidade declarada, é constituído por seres humanos que exercem relações de poder e afetos próprios de nossa sociedade.

Assim, ainda que possua um fim declarado, é possível encontrar entre seus membros diferentes razões para o seu uso. Dessa forma, cada um leva para a plataforma suas próprias expectativas e percepções sobre práticas de namoro/“pegação” *dentrofora* da rede.

- 3) Como pesquisador do campo de estudos de gênero e sexualidade interessado nas dinâmicas sociais do digital em rede, não posso negar o desafio de olhar atentamente para os processos de sociabilidade de homens *gays* que buscam parceiros na internet. Frente a isso, considero importante a desconstrução de visões de mundo que ainda hoje são reiteradas na associação entre masculinidade e o ser homem, mais especificamente *gay*. Comumente foi identificado no trabalho de campo que o tamanho do órgão sexual masculino e outros aspectos físicos (des)qualificam determinadas masculinidades. Em função disso, considerei importante meu papel como pesquisador para tensionar com os sujeitos as premissas (cis)heteronormativas disseminadas no aplicativo e que desqualificam certos modos de ser/viver.
- 4) Investigar os sentidos de masculinidades dissidentes no Grindr evidenciou a necessidade de questionar padrões corporais, de gênero e sexuais impostos pelas (cis)heteronormas, assim como o papel das dinâmicas ciberculturais na constituição dessas masculinidades. Um dos desafios centrais foi acompanhar como as dinâmicas ciberculturais, presentes tão fortemente na sociedade contemporânea, trazem novas implicações para o trabalho de campo em tempos de pandemia. Como consequência disso, houve necessidade de redesenhar os rumos da pesquisa, objetivando conhecer melhor os usos do Grindr em tempos de distanciamento físico.
- 5) A pesquisa desenvolvida, situada no campo da Educação, extrapola os muros da escola. As dinâmicas sociais em rede são particularmente ricas em experiências formativas do indivíduo, sobretudo quando pensamos em grupos sociais tradicionalmente excluídos de nossa sociedade, como as pessoas *gays*, que criam nessas redes outras oportunidades de sociabilidade e a constituição de novos aprendizados.

Reconheço que a pesquisa trouxe alguns desdobramentos, que caminhos diversos poderiam ter sido tomados e que os achados do estudo decorrem de minha relação com o outro, com o tema e com o referencial teórico-metodológico adotado. Conduzir a pesquisa ampliou as potencialidades do aprendizado para mim. Percebi na prática que aprendemos enquanto conversamos, utilizamos aplicativos, lembramos, escrevemos, pesquisamos...

Estarmos abertos ao novo e sermos capazes de reconhecer nossas dúvidas nos permitem estar em constante aprendizado. Assim, pesquisei porque não sabia ao certo o que

encontrar, e na pesquisa tive a certeza de que não há respostas conclusivas e que os achados provisórios refletem a forma como interpretei os dados produzidos em parceria com os sujeitos.

Percebi, nas redes, o dinamismo de interações que rompiam barreiras espaciais; nas memórias intercambiadas com os sujeitos encontrei marcas da (cis)heteronormatividade, tão presentes em nossa sociedade. A cartografia realizada foi encerrada com a certeza de que a rede digital é um espaço promissor e potente de pesquisa e, conseqüentemente, de muitos ensinamentos-aprendizados.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda N. **O perigo de uma história única**. Trad. Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALENCAR, Venan Lucas de Oliveira. **Aplicativos de Encontros Gays**: Traços Identitários de Seus Usuários em Belo Horizonte. 130 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

AMARO, Ivan. Tecnologias digitais e formação de professoras: superando desafios, construindo potencialidades. In: AMARO, Ivan; SOARES, Maria da Conceição Silva (Orgs.). **Tecnologias digitais nas escolas**: outras possibilidades para o conhecimento. Rio de Janeiro: De Petrus et Alii; Brasília, DF: CAPES, 2016, p. 89-111.

ANJOS, Luiza Aguiar dos. **Quando o silêncio é rompido**: Homossexualidades e esportes na internet. 191 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

ARENDT, Hannah. **Eichmman em Jerusalém**: Um relato sobre a banalidade do mal. Trad. José Rubens Siqueira. 11. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BACCHETTA, Paola. Co-formações / co-produções: considerações sobre poder, sujeitos subalternos, movimentos sociais e resistência. In: TORNUIST, Carmen Susana; COELHO, Clair Castilhos; LAGO, Mara Coelho de Souza; LISBOA, Teresa Kleba (Orgs.). **Leituras de resistência. Corpo, violência e poder**. Vol. I. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009, 49-74.

BARBOSA, Alexsandra; SANTOS, Edméa; RIBEIRO, Mayra. Diário online no WhatsApp: App-learning em contexto de pesquisa-formação na cibercultura. In: SANTOS, Edméa; CAPUTO, Stela Guedes (Orgs.). **Diário de pesquisa na cibercultura**: narrativas multirreferenciais com os cotidianos. Rio de Janeiro: Omodê, 2018, p. 111-131.

BAUBÉROT, Arnaud. Não se nasce viril, torna-se viril. In: COURTINE, COURTINE, Jean-François (Org.). **História da virilidade**: a virilidade em crise? Petrópolis: Editora Vozes, 2013, p. 189-220.

BAYDOUN, Mahamoud. **“Não sou nem curto afeminados”**: Reflexões viadas sobre a masculinidade hegemônica no Grindr. 195 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2017.

BELLO, Alexandre Toaldo; FELIPE, Jane. Delineando masculinidades desde a infância. **Revista Instrumento**, Juiz de Fora, v. 12, n. 2, jul./dez. 2010. Disponível em: <<https://bit.ly/2L4XBRJ>>. Acesso em: 8 dez. 2018.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 549-559, maio/ago. 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/1VWhF9m>>. Acesso em: 19 out. 2018.

BENTO, Berenice. **Homem não tece a dor**: queixas e perplexidades masculinas. Natal: EDUFRN, 2015.

BENTO, Cida. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Cida. (Org.). **Psicologia social do racismo** – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 25-58.

BONILLA, Maria Helena Silveira. Escola aprendente: comunidade em fluxo. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção (Org.). **Cibercultura e formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 23-40.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta M. (Orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2001. p. 183-191.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. 5. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**: A condição feminina e a violência simbólica. Trad. Maria Helena Kuhner. 3. Ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.

BRETON, David Le. **A Sociologia do Corpo**. Trad. Sônia M. S. Fuhrmann. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

BRITO, Leandro Teófilo de; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. Performatizações dissidentes na escola: masculinidades precárias em discussão. **Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 11, p. 284-302, maio/out. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2O8Pdn6>>. Acesso em: 29 jan. 2020.

BRITO, Leandro Teófilo de, LEITE, Miriam Soares. Sobre masculinidades na Educação Física escolar: questões teóricas, horizontes políticos. **Revista Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 12, n. 2, p. 481-500, 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/3b5Eraw>>. Acesso em: 11 abr. 2020.

BRITO, Leandro Teófilo de; PONTES, Vanessa Silva. Sentidos da masculinidade em Praia do Futuro: performatizações em cena. **Textura**, Canoas, v. 22, p. 22-40, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2y3eFFn>>. Acesso em: 11 abr. 2020.

BRUNO, Adriana Rocha; COUTO, João Luiz Peçanha. Culturas contemporâneas: o digital e o ciber em relação. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 43, p. 95-122, 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/30Fpo2q>>. Acesso em: 22 maio 2019.

BURKE, Peter. **História e teoria social**. Trad. Klauss Brandine Gerhardt, Roneide Venâncio Majer e Roberto Ferreira Leal. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2012. 339 p.

BUTLER, Judith P. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo* In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 110-127.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto**. Trad. Marina Vargas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

BUTLER, Judith. El capitalismo tiene sus límites. In: AMADEO, Pablo (Org.). **Sopa de Wuhan: Pensamientos contemporáneos em tiempos de pandemia**. ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio); 2020, p. 59-66. Disponível em: <<https://bit.ly/sopadewuhan>>. Acesso em: 12 set. 2019.

CARVALHO; Felipe da Silva Ponte de; POCAHY, Fernando. Cartografias ciberculturais da formação docente: experimentações autorais na disciplina de educação estética. **Revista Ciências Humanas**, Taubaté, v. 13, n. 1, p. 94-102, jan./abr. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3bIYJvG>>. Acesso em: 10 maio 2020.

CASTTELS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

COUTO, Edvaldo; COUTO, Edilece Souza; CRUZ, Ingrid de Magalhães Porto. #Fiqueemcasa: educação na pandemia da COVID-19. **Interfaces Científicas – Educação**, Aracaju, v. 8, n. 3, p. 200-217, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/35ZS4X8>>. Acesso: 15 maio 2020.

COUTO, Edvaldo; SOUZA, Joana. Dourado França de; NASCIMENTO, Sirlaine. Pereira. Grindr e Scruff: amor e sexo na cibercultura. **Performances Interacionais e Mediações Sociotécnicas/SIMSOCIAL**. Salvador, 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/35zclEW>>. Acesso: 12 set. 2020.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. **Marcas da abjeção expressas em conversas sobre heteronormatividade com jovens no Facebook: em defesa de uma pedagogia queer**. 2017. 290f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. **Cibercultura, juventude e alteridade: aprendendo-ensinando com o outro no Facebook**. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; AMARO, Ivan; ROMERITTO, Renato; RUANI, Ruann Moutinho. Celebrando a normatização da vida: (re)pensando os corpos infantis arbitrariamente generificados em vídeos de “chás de revelação” do YouTube. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 469-488, maio/ago. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2WTzuwQ>>. Acesso em: 23 maio 2020.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; AMARO, Ivan; TEIXEIRA, Marcelle Medeiros; RUANI, Ruann Moutinho. Do face a face às dinâmicas comunicacionais em/na rede: a conversa online como procedimento metodológico da pesquisa em educação. **Revista Educação em Foco**, Juiz de Fora, v. 25, n. 1, p. 109-130, jan./abr. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/35womZD>>. Acesso em: 16 jun. 2020.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; FERREIRA, Helenice Mirabelli Cassino; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos. Compartilhando experiências sobre o “armário”: as conversas online como procedimento metodológico da pesquisa histórico-cultural na cibercultura. **Interfaces Científicas – Educação**, Aracaju, v. 6, n. 1, p. 23-34, out. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2zRX7KV>>. Acesso em: 26 out. 2017.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos. “Fico sem nada de interessante pra postar qnd estou recatada!”: a relação entre o espaço eletrônico e o espaço físico em conversas mantidas entre jovens no Facebook. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa (Orgs.). **Facebook e educação**: publicar, curtir, compartilhar. Paraíba: EDUEPB, 2014, p. 167-184. Disponível em: <<https://bit.ly/2wcJuWP>>. Acesso em: 6 abr. 2019.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; POCAHY, Fernando; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos. Crianças e infâncias (im)possíveis na escola: dissidências em debate. **Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 9, p. 55-74, maio/out. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2P5JGw6>>. Acesso em: 2 out. 2018.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; POCAHY, Fernando; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte de. Ensinar-Aprender com os memes: quando as estratégias de subversão e resistência viralizam na internet. **Periferia**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 17-38, maio/ago. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2EsoMEd>>. Acesso em: 22 maio 2019.

COPPETTI, Ligia. Formação de identidades como resultado da interação virtual. In: Semana de Letras PUCRS - Edipucrs: 9., 2009, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: PUCRS, 2009. p. 145-156. Disponível em: <encurtador.com.br/cKPY3>. Acesso em: 09 abr. 2020.

D’ÁVILA, Catarina N.; SANTOS, Edméa. Imagens voláteis e formação de professorxs: dispositivos tecnológicos e lúdicos para as práticas pedagógicas. **Revista Entreideias**, Salvador, v. 3, n. 2, p. 113-127, jul./dez. 2014.

DUTRA, Flora Ardenghi. **Selfies no Tinder**: masculinidade como performance. 150 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.

ESCÓSSIA, Liliana.; TEDESCO, Silvia. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In.: PASSOS, Eduardo; KASTRUPE, Virgínia.; ESCÓSSIA, Liliana. (Orgs.) **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade, Porto Alegre: Sulina, 2009. p.92 -108.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2008. 193 p.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; ALVES, Nilda. Conversas em redes e pesquisas com os cotidianos: a força das multiplicidades, acasos, encontros, experiências e amizades. In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (Orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa**: por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018, p. 41-64.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “Estado da Arte”. **Educação & Sociedade**, São Paulo, v. 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002. Disponível em: <<https://bit.ly/3nkFe06>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

FERREIRA, Helenice Mirabelli Cassino; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. Juventudes, educação e cidade: a mediação dos dispositivos móveis de comunicação nos processos de aprender-ensinar. **Textura**, Canoas, v. 20, n. 44, p. 108-129, set/dez. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2PSO3ue>>. Acesso em: 6 dez. 2018.

FERREIRA, Helenice Mirabelli Cassino; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. **Juventudes, educação e cidade**: a mediação dos dispositivos móveis de comunicação nos processos de aprender-ensinar. **Textura**, Canoas, v. 20, n. 44, p. 108-129, set/dez. 2018.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault revoluciona a pesquisa em educação? **Perspectiva**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 371-389, jul./dez. 2003. Disponível em: <<https://bit.ly/2yhPafM>>. Acesso em: 7 abr. 2019.

FLACH, Roberta Matassoli Duran; DESLANDES, Suely Ferreira. Abuso digital ou prova de amor? O uso de aplicativos de controle/monitoramento nos relacionamentos afetivo-sexuais. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 1, e00060118, 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2LtvWMF>>. Acesso em: 1 jul. 2019.

FORTH, Christopher E. Masculinidades e virilidades no mundo anglófono. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História da Virilidade 3**. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 154-186.

FOUCAULT, Michael. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 21. Ed. São Paulo: Editora Loyola, 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da construção do conhecimento. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção; JOBIM E SOUZA, Solange; KRAMER, Sônia. (Org.). **Ciências humanas e pesquisa**: leituras de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2007, p. 26-38.

GADELHA, Kaciano Barbosa. Para além da “pegação”: performatividade e espacialidade na produção de materialidades sexuais online. **Áskesis**, São Carlos, v. 4, n. 1, p. 56-73, 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/3eaNSaK>>. Acesso em: 11 abr. 2020.

GARCIA, Rafael Marques; BRITO, Leandro Teófilo de. Performatizações queer na educação física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 4, p. 1321-1334, out./dez. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2HQ9ahR>>. Acesso em: 11 fev. 2019.

GIFFIN, Karen. A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n.1, p. 47-57, 2005. Disponível em: <<https://bit.ly/2JWsloj>>. Acesso em: 11 abr. 2020.

GILROY, Paul. **Entre Campos**: nações, culturas e o fascínio da raça. São Paulo: Annablume, 2007.

GOELLNER, Silva Vilodre. A produção corporal do corpo. In: GOELLNER, Silva Vilodre. **Corpo, Gênero e Sexualidade**: Um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes. 2005. P. 28-40

GUTIERREZ, Suzana de Souza. A etnografia virtual na pesquisa de abordagem dialética em redes sociais online. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 32., 2009, Caxambu. **Anais...** Caxambu: Espaço Livre, 2009, 16p.

HALL, Stuart. Identidade Cultural e Diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 24, p. 68-75, 1996.

HALL, Stuart. The spectacle of the 'other'. In: (Org.). **Representation**: cultural representations and signifying practices. Londres: Sage Publications, 1997, p. 223-290

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HENRIQUE, Trazíbul. COVID-19 e a internet (ou estou em isolamento social físico). **Interfaces Científicas – Humanas e Sociais**, Aracaju, v. 8, n. 3, p. 173-176, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2KMPTG5>>. Acesso em: 28 abr. 2020.

HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

JOMAKA. Para quebrar o corpo. In: ALCALDE, Emerson (org.). **LGBTQIA+**. Belo Horizonte: Autonomia Literária, 2019. p. 110-115.

KALIL, Isabela O. **Dossiê: who are Jair Bolsonaro's voters and what they believe**. Núcleo de Etnografia Urbana e Audiovisual. São Paulo, v. 3, nov. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/3k8ABSj>>. Acesso em: 30 set. 2019.

KOHAN, Walter Omar. Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, e2016212, p. 1-9, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/388Jhn1>>. Acesso em: 28 jun. 2020.

KRAMER, Sonia. **Por entre as pedras**: arma e sonho na escola. 3. Ed. São Paulo: Ática, 2007.

KURASHIGE, Keith Diego. **Marcas do desejo**: um estudo sobre os critérios de "raça" na seleção de parceiros em relações homoeróticas masculinas criadas online na cidade de São

Carlos. 123 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002. Disponível em: <<https://bit.ly/1ryFC8Q>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

LAURINDO-TEODORESCU, Lindinalva; TEIXEIRA, Paulo Roberto. **Histórias da Aids no Brasil. v. 1:** As respostas governamentais à epidemia de Aids. Brasília: Ministério da Saúde/Secretaria de Vigilância em Saúde/Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais, 2015.

LEMOS, André. **Cibercultura:** tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LEMOS, André. Cultura da mobilidade. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 16, n. 40, p. 28-35, 2009. Disponível em: <<https://bit.ly/2yZaHi4>>. Acesso em: 16 maio 2020.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet:** em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

LEMOS, André. Mobilidade e espaço urbano. In: BEIGUELMAN, Giselle; La FERLA, Jorge. **Nomadismos tecnológicos.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011. p. 15-34

LIMA, Aline Soares. Da Cultura da mídia à cibercultura: as representações do eu nas tramas do ciberespaço. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO E CIDADANIA, 3, 2009. **Anais...** Goiânia: Mestrado em Comunicação da UFG; Núcleo de Pesquisa em Comunicação e Cidadania – PUC/GO, 2009, p. 1-12.

LIMA, Ari; CERQUEIRA, Felipe de Almeida. Identidade homossexual e negra em Alagoinhas. **Bagoas estudos gays:** gêneros e sexualidades, v. 1, n. 1, p. 269-286, 2007.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). Teoria Queer – Uma Política Pós-Identitária para a Educação. **Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. Conhecer, pesquisar, escrever... **Educação, Sociedade e Culturas**, Porto, v. 1, n. 25, p. 235-245, 2007. Disponível em: <<https://bit.ly/2xrE8oH>>. Acesso em: 20 set. 2018.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2012.

MADDALENA, Tania Lúcia; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; TEIXEIRA, Marcelle Medeiros. O que dizem os memes da educação na pandemia? Dilemas e possibilidades formativas. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 5, n. 16, p. 1518-1534, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/37WedIs>>. Acesso em: 29 dez. 2020.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica.** Trad. Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Da periferia ao centro: pedaços & trajetos. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 35, p. 191-203, 1992.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 809-840, set./dez. 2008. Disponível em: <<https://bit.ly/2LNAopD>>. Acesso em: 11 jul. 2019.

MELHADO, Rodrigo Casaut. **Manas**: Um estudo das mensagens sociais acerca das masculinidades gays no grupo de Facebook BIV. 2018. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.

MEYER, Dagmar Estermann. Abordagens pós-estruturalistas de pesquisa na interface educação, saúde e gênero: perspectiva metodológica. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucey Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2. Ed. Belo Horizonte: Mazza, 2014. p. 49-63.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas para Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) de risco à infecção pelo HIV**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: <<http://abiaids.org.br/abia-critica-atraso-brasileiro-na-adocao-do-truvada-para-a-prevencao-do-hiv-no-sus/28802>>. Acesso em: 15 jul. 2020.

MISKOLCI, Richard. Um corpo estranho na sala de aula. In: ABRAMOWICZ, Anete; SILVÉRIO, Valter (Orgs.). **Afirmando diferenças**: montando o quebra-cabeça da diversidade na escola. Campinas: Papius, 2005.

MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. Prefácio. In: PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê**: a prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica /UFOP, 2012.

MISKOLCI, Richard. San Francisco e a nova economia do desejo. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, n. 91, p. 269-295, 2014. Disponível em: <<https://bit.ly/2VmiFZs>>. Acesso em: 8 abr. 2020.

MISKOLCI, Richard. “Discreto e fora do meio”: notas sobre a visibilidade sexual contemporânea. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 44, p. 61-90, 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/3lxAbpS>>. Acesso em: 29 ago. 2020.

NASCIMENTO, Érico; FERNANDEZ, Osvaldo. Espaços de sociabilidade homossexual em Salvador: há um gueto gay? In: Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2010, Salvador. Anais [...]. Salvador: Enecult, 2010. p. 1-15. Disponível em: <<https://bit.ly/3xVSdZS>>. Acesso em: 05 abr. 2021.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 9-42, 2000. Disponível em: <<https://bit.ly/2Y0A9ik>>. Acesso em: 23 jul. 2019.

NOLASCO-SILVA, Leonardo. **“Os olhos tristes da fita rodando no gravador”**: as tecnologias educacionais como artesanias docentesdiscentes. 2018. 205f. Tese (Doutorado em

Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

O'REILLY, T., 2005, **What is Web 2.0?** Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software. Disponível em: <<https://bit.ly/31BrqTY>>. Acesso em: 29 ago. 2020.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza, 2014, p. 25-47.

PARKER, Richard. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 89-109.

PEIXOTO, Valdenízia Bento. Violência contra LGBTs: premissas histórias da violação no Brasil. **Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 10, p. 7-23, nov. 2017/abr. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2DKmX4a>>. Acesso em: 17 fev. 2019.

PELÚCIO, Larissa. Afetos, mercado e masculinidades contemporâneas: notas iniciais de uma pesquisa em aplicativos móveis para relacionamentos afetivos/sexuais. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**, São Carlos, v. 6, n. 2, p. 309-333, jul./dez. 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2QqriOx>>. Acesso em: 20 set. 2018.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes. Por uma ética da responsividade: exposição de princípios para a pesquisa com crianças. **Currículo Sem Fronteiras**, v. 15, n. 1, p. 50-64, jan./abr. 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/2QIFs3Z>>. Acesso em: 23 maio 2017.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidade, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Revista Sociedade e Cultura**, Goiás, v. 11, n. 2, p. 263-274, jul./dez. 2008. Disponível em: <<https://bit.ly/2IfwBAs>>. Acesso em: 12 abr. 2019.

POCAHY, Fernando. Interseccionalidade e educação: cartografias de uma prática-conceito feminista. **Textura**, Canoas, v. 13, n. 23, p. 18-30, jan./jun. 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/2HBZJOz>>. Acesso em: 12 abr. 2019.

POCAHY, Fernando; SILVA, Ana Lúcia Gomes da; DOURADO, Emanuela Oliveira Carvalho. A cartografia como pesquisa-in(ter)venção do/no presente: modos de/para pensar-fazer a formação docente. **Revista Ciências Humanas**, Taubaté, v. 13, n. 1, p. 5-10, jan./abr. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3fqLU6O>>. Acesso em: 6 maio 2020.

POLLAK, Michael. A gestão do Indizível. Trad. Gabriele dos Anjos. **Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall**. Porto Alegre, v2, n. 1, jan./jul. 2010. Disponível em: <<https://bit.ly/31zImqy>>. Acesso em: 19 out. 2018

PRECIADO, Paul Beatriz. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 Edições, 2014.

PRECIADO, Paul Beatriz. Multidões *queer*: notas para uma política dos “anormais”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/2HVDQNY>>. Acesso em: 12 abr. 2019.

PRETTO, Nelson De Luca; ASSIS, Alessandra. Cultural digital e educação: redes já! In: PRETTO, Nelson De Luca; SILVEIRA, Sérgio Amadeu (Orgs.). **Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder**. Salvador: Ed. UFBA, 2008, p. 75-83. Disponível em: <<https://bit.ly/2E2FyKq>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

PRETTO, Nelson De Luca. Professores universitários em rede: um jeito hacker de ser. **Motrivivência**, Florianópolis, ano 22, n. 34, p. 156-169, jun. 2010. Disponível em: <<https://bit.ly/2G7uf31>>. Acesso em: 12 abr. 2019.

PRIMO, Alex. Interações mediadas e remediadas: controvérsias entre as utopias da cibercultura e a grande indústria midiática. In: PRIMO, Alex (Org.). **Interações em rede**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2013, p. 13-32.

RALEIRAS, Mónica Sofia Costa. **Identidade, internet e subjectivação: Os sites de redes sociais**. 2009. 104 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2009.

RAMOS, Hugo Souza Garcia; PEDRINI, Mateus Dias; RODRIGUES, Alexsandro. Cartografia e pesquisas com os cotidianos: um encontro metodológico. **Rebeh - Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 2, n. 2, p. 139-151, jan. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/33SkvVK>>. Acesso em: 09 mai. 2020.

RECUERO, Raquel; GRUZD, Anatoliy. Cascatas de Fake News políticas: um estudo de caso no Twitter. **Galáxia**, São Paulo, n. 41, p. 31-47, maio/ago. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2xc0bCt>>. Acesso em: 19 mar. 2020.

ROSA, Fabio Morelli. **Não existe amor em app?: Pistas sobre o processo de subjetivação entre homens por meio de aplicativos voltados ao público gay**. 155f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 2017.

ROSS, Michael W. TIKKANEN, Rony; MANSSON, Sven-Axel. Differences between Internet samples of men who have sex with men: implications for research and HIV interventions. **Social Science & Medicine**, n. 51, p. 749-758, 2000

RÜDIGER, Francisco. **Elementos para a crítica da cibercultura: sujeito, objeto e interação na era das novas tecnologias de comunicação**. São Paulo: Hacker, 2002.

SALDANHA, Rafael Araujo. **Você só precisa clicar: sexo virtual e masculinidades refletidas pelas webcams**. 300f. Dissertação (Mestrado) - Curso Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

SAMPAIO, Carmen Sanches; RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de. Conversa como metodologia de pesquisa: uma metodologia menor? In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (Orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018, p. 21-40.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTAELLA, Lucia. Intersubjetividade nas redes digitais: repercussões na educação. In: PRIMO, Alex (Org.). **Interações em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013. p. 33-47.

SANTAELLA, Lucia. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2018.

SANTAELLA, Lucia. Mídias locativas: a internet móvel de lugares e coisas. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 35, p. 95-101, abr. 2008. Disponível em: <<https://bit.ly/2UAL8xl>>. Acesso em: 18 mar. 2012.

SANTAELLA, Lucia. A ecologia pluralista das mídias locativas. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 15, n. 37, p. 28-35, 2008. Disponível em: <<https://bit.ly/3dY8rGE>>. Acesso em: 16 maio 2020.

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais**: a cognição conectiva do Twitter. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTOS, Edméa. A cibercultura e a educação em tempos de mobilidade e redes sociais: conversando com os cotidianos. In: FONTOURA, Helena Amaral; SILVA, Marco (Orgs.). **Práticas pedagógicas, linguagem e mídias**: desafios à pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões. Rio de Janeiro: ANPED Nacional, 2011. p. 75-98.

SANTOS, Edméa; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte de. Autorias partilhadas na interface cidade-redes digitais. **Interfaces Científicas – Educação**, Aracaju, v. 6, n. 3, p. 29-40, jun. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2MQHAOF>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

SANTOS, Edméa. Educação online para além da EaD: um fenômeno da cibercultura. In: SILVA, Marco; PESCE, Lucila; ZUIN, Antonio (Orgs.). **Educação online**: cenário, formação e questões didático-metodológicas. Rio de Janeiro: Wak, 2010. p. 29-48.

SANTOS, Renato Emerson dos. Sobre especialidades das relações raciais: raça, racialidade e racismo no espaço urbano. In: SANTOS, Renato Emerson (Org.). **Questões urbanas e racismo**. Petrópolis: DP et Alii, 2012. p. 36-67. (Coleção negras e negros: pesquisas e debates).

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <<https://bit.ly/2GeB0jx>>. Acesso em: 12 abr. 2019.

SEFFNER, Fernando. **Derivas da masculinidade**: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual. Jundiaí: Paco, 2016.

SKLIAR, Carlos. Elogio à conversa (em forma de convite à leitura). In.: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (Orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa**: por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018. p. 11-13.

SKLIAR, Carlos. Escrevendo e lendo sobre a identidade, a diferença e a solidão. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, v.34, n.66, p.13-29, 2016.

SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço; BRITO, Leandro Teofilo de. Masculinidades performativas no contexto escolar: entre regulações, tensões e subversões. **Áskesis**, São Carlos, v. 7, n. 1, p. 26-38, 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2yOboHG>>. Acesso em: 3 nov. 2018.

SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço; BRITO Leandro Teofilo de. Entre nudes, acontecimentos e performatizações: normatizações/deslocamentos de gênero e sexualidade no cotidiano escolar. **Interfaces Científicas – Educação**, Aracaju, v. 8, n. 2, p. 175-188, mar. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2XkeHTT>>. Acesso em: 8 abr. 2020.

SILVA, Weslei Lopes da. Representações e vivências do corpo feminino em interações sexuais pagas no ciberespaço. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS - ANPOCS: 36., 2012, Águas de Lindoia. **Anais...** São Paulo: ANPOCS, 2012. p. 01-30. Disponível em: <encurtador.com.br/oEMO3>. Acesso em: 09 abr. 2020.

SOUZA, Rolf Malungo Ribeiro de. As representações do homem negro e suas consequências. **Revista Fórum Identidades**, v. 6, p. 98-115, 2009.

SOUZA, Tedson da Silva. **Fazer Banheiro**: as dinâmicas das interações homoeróticas nos sanitários públicos da estação da Lapa e adjacências. 2012. 118f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

SPARGO, Tamsin. **Foucault e a teoria queer**. Trad. Heci Regina Candiani. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

SEPULVEDA, Denize; SEPULVEDA, José Antonio. Conservadorismo, gênero e sexualidades: temáticas que se entrelaçam nas pesquisas do GESDI e do GEPCEB. In: SEPULVEDA, Denize; AMARO, Ivan. **Gêneros, sexualidades e educação na ordem do dia**. Curitiba: CRV, 2018. p. 45-61.

TEIXEIRA, Marcelle Medeiros; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. Deu ruim na hashtag! Bots e pandemia de fake news em tempos de covid-19: o caso #Fechadocombolso(l)naro. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 328-347, jun./out. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3h4A7fP>>. Acesso em: 16 dez. 2020.

TEIXEIRA, Tarciso Manfrenatti de Souza. **“Você é um homem ou um rato”**: narrativas de como ser homem na educação. 2017. 127f. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) - Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, 2017.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VELLOSO, Luciana. Mediação Tecno[i]lógicas, socialização e currículo. **E-mosaicos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 12, p. 176-189, ago. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2VBtsiT>>. Acesso em: 12 abr. 2020.

VELLOSO, Luciana. Ler é um ato político: multiletramentos em contexto de censura literária. **Interfaces Científicas – Educação**, Aracaju, v. 8, n. 2, p. 271-284, mar. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2xWOfF8>>. Acesso em: 24 mar. 2020.

WEEKS, Jeffrey. O Corpo e a Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 35-82.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. **Identidade e diferença** – a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 7-72.

WYLLYS, Jean. **Tempo bom, tempo ruim: identidades, políticas e afetos**. São Paulo: Paralela, 2014.

ZAGO, Luiz Felipe. Pornotopias – espaço, mídias e sexualidade. **Revista E-Compós**, Brasília, v. 19, n. 3, p. 1-18, set./dez. 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/32MY0Rl>>. Acesso em: 24 jul. 2019.

ZAGO, Luiz Felipe. “Armários de vidro” e “corpos-sem-cabeça” na biossociabilidade *gay online*. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 17, n. 45, p. 419-431, jun. 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/39WgdOH>>. Acesso em: 9 abr. 2020.

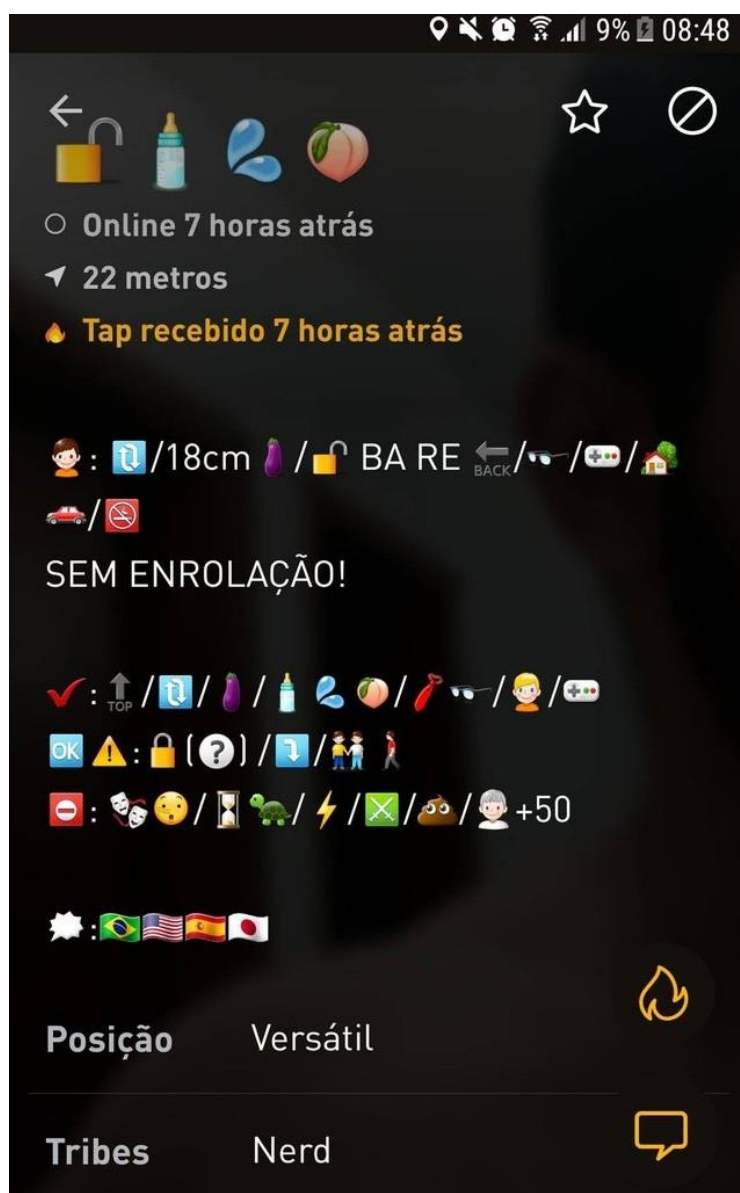
ZAGO, Luiz Felipe. **Masculinidades disponíveis.com: sobre como dizer-se homem gay na internet**. 2009. 227f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

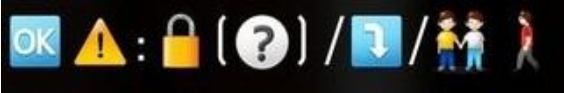
ŽIŽEK, Slavoj. El coronavirus es un golpe al capitalismo a lo Kill Bill... In: AMADEO, Pablo (Org.). **Sopa de Wuhan: Pensamientos contemporáneos en tiempos de pandemia**. Buenos Aires: ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 2020. p. 21-28. Disponível em: <<https://bit.ly/sopadewuhan>>. Acesso em: 12 set. 2019.

APÊNDICE 1 - Escrita Cibercultural

O *print scr* do perfil que segue abaixo me foi encaminhado por Luan e, em conjunto com Thiago, nós três propusemos a tradução que segue logo em seguida à imagem do perfil. Com esse perfil é possível observar o uso dos emojis no aplicativo Grindr.

Assim como fui convidado por Luan, faço o mesmo e convido os que se interessarem a propor opções de tradução para o mesmo perfil, a utilizar a Figura 13 para auxiliar.



	<i>Busco sexo barebacking.</i>
	Eu sou versátil, pênis de 18cm, busco sexo sem camisinha, estilo nerd, com local e carro e não fuma
	Busco ativos ou versáteis dotados, que queiram transar sem camisinha, gosto de homens sociais, jovens e nerds
	Aceita fazer sexo com camisinha, ser somente passivo e casais (ou a 3)
	Não aceita perfis falsos, demoras (possivelmente para encontros presenciais), drogas, sexo sem penetração, sujeiras (possivelmente relacionado a higiene íntima), homens com
	Fala Português, Inglês, Espanhol e Japonês.

ANEXO A - (Alguns Gaymojis)

